

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

***UM MAJESTOSO TEMPLO DAS LETRAS E DO PROGRESSO:
A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE SOB A ÓPTICA DA IMPRENSA
PERIÓDICA RIO-GRANDINA (1878 – 1898)***

Mateus de Moura Rodrigues

Rio Grande, dezembro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

Mateus de Moura Rodrigues

*UM MAJESTOSO TEMPLO DAS LETRAS E DO PROGRESSO:
A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE SOB A ÓPTICA DA IMPRENSA
PERIÓDICA RIO-GRANDINA (1878 – 1898)*

Tese apresentada à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob orientação do Prof. Dr. Francisco das Neves Alves.

Rio Grande, dezembro de 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Sabrina Simões Corrêa, CRB 10/2486

R696m Rodrigues, Mateus de Moura

Um majestoso templo das letras e do progresso: a Biblioteca Rio-Grandense sob a óptica da imprensa periódica rio-grandina (1878-1898) / Mateus de Moura Rodrigues. — Rio Grande, 2020. 147p.

Orientação: Francisco das Neves Alves.

Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

1. Bibliotecas gerais. 2. História das bibliotecas. 3. Biblioteca Rio-Grandense. 4. História da imprensa. 5. Fontes primárias. 6. Arquivos jornalísticos. I. Título. II. Alves, Francisco das Neves.

CDU, 2. ed.: 027(091)

MATEUS DE MOURA RODRIGUES

***Um majestoso templo das letras e do progresso:
A Biblioteca Rio-Grandense sob a óptica da imprensa
periódica rio-grandina (1878 – 1898)***

Tese aprovada como requisito parcial e último para obtenção do título de
Doutor em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras,
da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

A banca examinadora esteve constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
(Orientador)

Prof. Dr. Luiz Henrique Torres
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Marcelo França de Oliveira
Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Reto Monico
Doutor pela Universidade de Genebra

Rio Grande, 18 de dezembro de 2020.

Dedico este trabalho à minha esposa, Tauani Bisognin Ramos.

O LIVRO E O JORNAL

Caleidoscópio de todos os fenômenos das sociedades modernas, é o jornal o livro de todos os dias como o livro é a história de todos os tempos.

O jornal é a pêndula que gradua todas as oscilações do pensamento humano, desde o pálido raio de luz às maiores irradiações; todas as lutas, todos os ímpetos, todas as evoluções desse mecanismo inextrincável que se chama sociedade, nele se refletem.

É o livro o grande e luminoso centro onde tudo se depura, se refunde e depois se volatiliza em caudais de luz pelos dédalos escuros dos crânios juvenis e pela alma imensa das grandes massas populares.

O jornal é a primeira folha de um livro; o livro é a primeira folha da história de um povo. Ambos se compreenderam e unificaram, e desse consórcio surgiu esse grande centro luminoso que conhecemos sob o nome de biblioteca.

Rio Grande, 8 de agosto de 1885.

Albino Costa

Publicado na sessão “Álbum de Visitantes da Biblioteca Rio-Grandense”, do jornal Eco do Sul de 21 de abril de 1887.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto a Biblioteca Rio-Grandense, instituição histórica fundada em 15 de agosto de 1846 na cidade do Rio Grande como Gabinete de Leitura, passando à categoria de biblioteca a partir de 1878. O estudo tem como norte a busca pela elucidação de qual a relevância da instituição enquanto espaço de leitura e difusão cultural no município, sob a óptica da imprensa periódica local entre 1878 e 1898. O objetivo geral estabelecido foi compreender o papel da entidade no seio da sociedade rio-grandina a partir de sua consolidação como biblioteca. Para tanto, foi necessário perpassar a história do surgimento e evolução das bibliotecas e da Biblioteca Rio-Grandense, da imprensa periódica e dos jornais utilizados nesta pesquisa, e dos fundamentos teóricos que orientam o uso destes acervos como fontes para a pesquisa histórica. Como manancial de dados para a consecução do objetivo desta pesquisa foram analisados o *Diário do Rio Grande*, o *Artista* e o *Eco do Sul*, três folhas diárias rio-grandinas que circulavam à época demarcada como baliza temporal. Ao final da pesquisa foi possível verificar que a instituição estudada, sob a óptica destes representantes da imprensa periódica local, cumpria papel fundamental enquanto espaço de leitura e centro promotor da cultura letrada no âmbito da cidade do Rio Grande, sendo considerada um monumento às letras e à ciência, e reverenciada pelos serviços prestados à causa da instrução popular.

Palavras-chave: Biblioteca Rio-Grandense. História das bibliotecas. História da imprensa. Fontes primárias. Arquivos jornalísticos.

ABSTRACT

The object of this research is the Biblioteca Rio-Grandense, a historical institution founded on August 15, 1846 in Rio Grande city as Gabinete de Leitura, becoming a library from 1878. The study is guided by the search for the elucidation of the institution relevance as a space for reading and cultural dissemination, from the perspective of the local press between 1878 and 1898. The general objective was to understand the role of the entity, from its consolidation as a library, to the society of Rio Grande. Therefore, it was necessary to go through the history of the evolution of libraries and the Biblioteca Rio-Grandense particularity, the press history and the newspapers used in this research, and the theoretical references that guide the use of journalistic archives as historical research sources. To the consolidation of this research objective, three newspapers were used as data sources: Diário do Rio Grande, Artista and Eco do Sul, all of them established at Rio Grande and that circulated at the time demarcated on this research. At the end of the study, it was possible to verify that the institution, from the perspective of these representatives of the local press, was a fundamental role as a space for reading and promotion of the literate culture to the Rio Grande citizens, being considered a monument to literature and science, and revered for the services rendered to the cause of popular education.

Keywords: *Biblioteca Rio-Grandense. History of libraries. Press history. Primary sources. Journalistic archives.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – João Barbosa Coelho.....	25
Figura 2 – Prédio da Biblioteca Rio-Grandense nas primeiras décadas do século XX	29
Figura 3 – Prédio da Biblioteca Rio-Grandense atualmente	29
Figura 4 – Primeira página do <i>15 d'Agosto</i> , jornal comemorativo dos 40 anos da Biblioteca Rio-Grandense	32
Figura 5 – Quadro comemorativo do primeiro centenário da Biblioteca Rio-Grandense	33
Figura 6 – Primeira página do jornal <i>Diário do Rio Grande</i> de 15 de agosto de 1896	80
Figura 7 – Primeira página do jornal <i>Artista</i> de 20 de agosto de 1885	93
Figura 8 – Primeira página do jornal <i>Eco do Sul</i> de 15 de agosto de 1882	101
Figura 9 – Aula inaugural da primeira turma de Engenharia Industrial, realizada na Biblioteca Rio-Grandense em 5 de março de 1956.....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de ocorrências encontradas em cada jornal nos respectivos anos pesquisados	67
Quadro 2 – Expressões recorrentes e seus quantitativos	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção entre o número de ocorrências encontradas nos meses de agosto de 1878 a 1898 nos jornais pesquisados.....	68
Gráfico 2 – Número de ocorrências encontradas nos jornais pesquisados nos meses de agosto de 1878 a 1898.....	68
Gráfico 3 – Proporção entre o número total de expressões recorrentes encontradas nos jornais pesquisados	126
Gráfico 4 – Proporção entre o número de expressões recorrentes encontradas por jornal	126

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 AS BIBLIOTECAS NO CONTEXTO DA CULTURA E DO LETRAMENTO DA SOCIEDADE	18
1.1 História e evolução das bibliotecas	18
1.2 A Biblioteca Rio-Grandense	23
2 OS ARQUIVOS JORNALÍSTICOS COMO FONTES PRIMÁRIAS PARA A PESQUISA HISTÓRICA	35
2.1 Da origem da escrita à evolução dos arquivos	35
2.2 Os acervos de bibliotecas	38
2.3 Os arquivos jornalísticos como fontes primárias	41
3 TRAJETÓRIA E EVOLUÇÃO DA IMPRENSA PERIÓDICA	50
3.1 Os primórdios da imprensa e seu surgimento no Brasil	50
3.2 A imprensa periódica rio-grandense: o <i>Diário do Rio Grande</i> , o <i>Artista</i> e o <i>Eco do Sul</i>	58
4 A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE NA IMPRENSA PERIÓDICA RIO-GRANDINA (1878-1898)	66
4.1 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do <i>Diário do Rio Grande</i>	69
4.2 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do <i>Artista</i>	88
4.3 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do <i>Eco do Sul</i>	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	134

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inserida na linha de pesquisa “Literatura, História e Memória Literária”, esta tese é apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no Doutorado com área de concentração em História da Literatura.

A pesquisa centrou-se na Biblioteca Rio-Grandense como objeto, tratando, desse modo, de uma instituição histórica fundada em 15 de agosto de 1846 pelo português João Barbosa Coelho na cidade do Rio Grande, constituindo-se na biblioteca mais antiga do estado do Rio Grande do Sul. No âmbito deste estudo, tem-se a caracterização deste *locus* enquanto espaço de leitura, considerando-se a referida instituição como parte do patrimônio cultural do município do Rio Grande, detentora de um grande conjunto bibliográfico de teor literário e científico de valor incalculável, além de vasta coleção de periódicos e acervos documentais que contêm os registros de sua história, a qual se confunde com parte significativa da história da cidade que é precursora do estado.

Assim, esta pesquisa buscou abordar como tema central o papel da Biblioteca Rio-Grandense enquanto espaço de leitura e centro promotor da cultura letrada e instrução popular, delimitando-se ao estudo da mesma sob a óptica da imprensa local entre os anos de 1878 a 1898, seus primeiros vinte anos após passar à categoria de biblioteca, já que foi fundada como Gabinete de Leitura. A pesquisa proposta visou a elucidar a importância desta entidade cultural como fomentadora da cultura literária e científica para a sociedade rio-grandina da época na visão de jornais diários que circularam no município no período demarcado.

Para tanto, em suma, problematizou-se este estudo na busca pelo esclarecimento de qual o papel e a relevância da Biblioteca Rio-Grandense, enquanto espaço de leitura e difusão cultural no município do Rio Grande, sob a óptica da imprensa periódica rio-grandina entre 1878 e 1898.

Como forma de perseguir o esclarecimento a esta questão, teve-se como objetivo geral desta pesquisa compreender o papel da instituição na sociedade rio-grandina a partir de sua consolidação como biblioteca, por meio do escrutínio de parte do acervo jornalístico custodiado pela mesma, no intento de verificar a veiculação noticiosa da Biblioteca pela imprensa periódica rio-grandina no recorte temporal demarcado.

A consecução deste objetivo perpassou, especificamente, por conhecer a história do surgimento das bibliotecas e seu papel no contexto da transformação social; elucidar a gênese e a formação histórica da Biblioteca Rio-Grandense desde seu surgimento como Gabinete de Leitura até sua consolidação no cenário cultural do município do Rio Grande; e consolidar a compreensão do papel da instituição no período delineado sob a visão da imprensa periódica local.

Os antecedentes e justificativas desta pesquisa, quesitos que permitem a contextualização acerca das motivações para sua realização, perpassam, primeiramente, pela formação do pesquisador em Arquivologia, com especialização em Gestão em Arquivos e mestrado em Patrimônio Cultural, sendo este último o que proporcionou o contato mais íntimo com os estudos acerca das relações entre patrimônio e memória, bem como a imersão nas temáticas que dizem respeito ao desígnio do patrimônio documental como fonte de pesquisa histórica.

Deste modo, as premissas desta pesquisa também encerram em si o reconhecimento da relevância da Biblioteca Rio-Grandense como um marco cultural inserido no seio da sociedade rio-grandina, desde a época da sua fundação até os dias atuais. Portanto, a proposta de uma investigação que abarcasse a instituição como objeto central demonstrou-se promissora desde sua idealização, principalmente levando-se em conta o rico montante documental, bibliográfico e jornalístico possuído pela entidade e a possibilidade de uso desses como manancial de pesquisa.

Assim, voltaram-se os olhos do pesquisador a um dos acervos custodiados pela instituição e com potencial riqueza documental e informativa: os jornais diários da imprensa rio-grandina que circulavam à época escolhida como marco temporal desta pesquisa. Logo, diante da possibilidade da consulta a estes acervos, este estudo tomou forma da maneira como ora é apresentado, sendo neste cenário que reside o cerne da pesquisa proposta, pois a consolidação de uma investigação com base em acervos documentais demonstrou-se, desde o princípio, uma maneira de agregar os conhecimentos da formação prévia do pesquisador na área de Arquivologia, com o viés da linha de pesquisa escolhida.

Neste sentido, esta tese também cumpre papel de salientar a interdisciplinaridade do campo arquivístico com a área de Letras, tornando-se, desde seu planejamento até a conclusão, um instigante exercício da compreensão de princípios norteadores específicos destas áreas, bem como da interlocução e

articulação entre as mesmas. Estes princípios cumpriram o importante papel de emprestar diferentes olhares às questões que nortearam este estudo, de modo a permitir a consecução de todos os objetivos propostos.

Partiu-se, também, do entendimento que se tem, como regra, atinente à preservação e acesso ao patrimônio bibliográfico e documental custodiado pela Biblioteca Rio-Grandense, para que o mesmo fosse usufruído como o rico manancial de informações que é e exercesse seu papel como fonte histórica durante a realização deste estudo.

No tocante à constituição protocolar desta tese, de acordo com os quesitos metodológicos postulados por Edna Lúcia da Silva e Estera Muszkat Menezes (2005) na obra *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*, se trata de uma pesquisa de natureza básica, já que envolve a geração de conhecimento sobre um determinado objeto sem aplicação prática. Ainda segundo o disposto pelas autoras, tem-se a pesquisa como de abordagem qualitativa, pois procedeu-se a interpretação do conteúdo expresso nas coletas de dados e a atribuição de significados e acepções aos mesmos a partir de sua apreciação. Paralelamente, a abordagem também é quantitativa, ao passo de que se aspirou, em meio à apresentação dos resultados, ilustrar por intermédio de arrolamentos numéricos as inserções da Biblioteca Rio-Grandense nas fontes consultadas.

Em *Como elaborar projetos de pesquisa*, Antonio Carlos Gil (1991) aponta critérios metodológicos classificadores do ponto de vista dos objetivos traçados e dos procedimentos técnicos utilizados. Sob estes quesitos, a pesquisa é tida como exploratória, já que propôs a uma familiarização com a problemática proposta de modo a dar vencimento à mesma através de levantamentos bibliográficos e análise de dados. Segundo o autor, este tipo de pesquisa é bastante flexível, tendo em vista a consideração dos mais diversos aspectos relativos ao objeto estudado. Quanto aos parâmetros de procedimentos técnicos expressos pelo autor, é possível vislumbrar e classificar este estudo de três maneiras distintas, mas complementares: como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que a revisão da literatura técnico-científica pertinente ultrapassa a consolidação pura e simples de um referencial teórico basilar para o estudo, tornando-se este um vasto e imprescindível conteúdo articulado à tabulação e interpretação dos dados coletados nos jornais selecionados; como uma pesquisa documental, feita a partir de fontes primárias oriundas da imprensa periódica local da época em questão; e também como um estudo de caso,

já que visa a promover um amplo conhecimento de um objeto específico, a Biblioteca Rio-Grandense.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos para a condução e conclusão desta pesquisa, o levantamento bibliográfico preliminar permitiu uma incursão teórica essencial para o entendimento de princípios norteadores relativos à proposta, como aqueles que embasam os arquivos como fontes primárias para a pesquisa historiográfica, em especial os acervos jornalísticos, em consonância com o conceito formal de documento sob a óptica arquivística. Também foram construídos tópicos referentes à história e evolução das bibliotecas; o surgimento e a trajetória da imprensa periódica, com foco nos jornais utilizados como fonte para este trabalho; e a formação histórica da Biblioteca Rio-Grandense.

A coleta de dados perpassou, também, a seleção do acervo jornalístico que alimentou a pesquisa. Nesta fase, ocorreu a busca por todas as inserções noticiosas referentes à Biblioteca Rio-Grandense nestes jornais, cronologicamente, ato que também contou com a transcrição ou a reprografia das matérias e notas que continham estas menções, a fim de embasar o trabalho quali-quantitativo realizado posteriormente à coleta. É importante salientar que a análise dos jornais selecionados englobou apenas as seções de cunho editorial, noticioso e informativo, excluindo-se desta busca as divisões referentes a anúncios e demais publicações de caráter comercial.

Regina Zilberman (2003), no texto *Periódicos literários e fontes primárias*, estabelece que as fontes primárias servem para contar a história. Portanto, o uso de jornais enquanto documentos como fontes historiográficas é cabível, desde que observados os princípios que orientam este entendimento para as áreas da Arquivologia e História da Literatura em plena simetria e balanceamento. Diante disso, o presente estudo apoiou-se nos fundamentos de diversos autores, os quais embasaram e parametrizaram o uso destes mananciais para uma coleta de dados.

A seleção dos jornais que serviram como fonte de pesquisa ocorreu pela análise e levantamento *in loco* do acervo custodiado pela instituição e do cruzamento do período em que os diários circularam com o período que serve como marco para este estudo. Assim, foram vislumbradas três possibilidades de fonte de dados jornalísticos para esta fase da pesquisa, selecionadas com base no tempo de circulação e na cobertura total do recorte temporal estipulado: os jornais *Diário do Rio Grande*, que circulou de 1848 a 1910; o *Artista*, que perdurou entre os anos de

1862 e 1912; e o *Eco do Sul*, que perdurou entre 1858 e 1934. A definição de uso destas fontes foi feita mediante análise do volume de jornais disponível para o escrutínio, e ponderação do tempo hábil para a conclusão e defesa da tese

Cabe mencionar que, originalmente, o planejamento da pesquisa englobava todos os números dos três diários selecionados, ou seja, uma coleta e análise dos dados oriundos da totalidade das edições publicadas durante os vinte anos do recorte temporal, excetuando-se as publicadas anteriormente ao 4 de julho de 1878, quando a Biblioteca Rio-Grandense ainda figurava como Gabinete de Leitura. Porém, ao iniciar a coleta de dados nos números nos jornais relativos aos dez primeiros anos do marco temporal estabelecido, foi possível perceber o estabelecimento de um padrão que demonstrava a presença de conteúdo relevante para a pesquisa concentrado somente nos meses de agosto de cada ano, em virtude das menções comemorativas aos aniversários da Biblioteca Rio-Grandense e fatos noticiosos de acontecimentos relativos a estas passagens. Nos demais meses, as publicações encontradas mostraram-se de relevância menos significativa para a construção histórica proposta, já que se tratavam, de modo geral, de chamadas aos sócios para assembleias e outros encontros de natureza administrativa, consultiva ou deliberativa, como eleições de diretoria, apresentação de relatórios financeiros, entre outros; ou eventos com vistas a angariar recursos em prol da própria Biblioteca Rio-Grandense ou outras instituições da cidade.

Assim, decidiu-se por delimitar as fontes de pesquisa ainda mais, mantendo-se o recorte de vinte anos, entre 1878 e 1898, mas com a abordagem concentrada apenas no mês de agosto de cada ano, como datas-chave para a coleta de dados nos três jornais previamente selecionados, e mantendo-se também o olhar somente sobre o conteúdo de cunho editorial, noticioso e informativo. Este maior estreitamento na delimitação se justifica pelo fato de que é no mês de agosto que se concentravam as veiculações de maior relevância para este estudo, ou seja, as que enfatizavam, efetivamente, a Biblioteca Rio-Grandense como uma instituição de grande valor para a formação cultural da cidade e região, por conta da passagem dos aniversários da instituição. Outrossim, cabe sublinhar que durante as pesquisas desenvolvidas ao longo dos diversos meses de agosto pertencentes ao recorte, tomou-se ainda como critério adicional a consideração somente de ocorrências que tratem das comemorações dos aniversários da entidade, não sendo levadas em conta as notícias, chamadas e notas de ordem administrativa e gerencial.

Após a finalização da coleta de dados, procedeu-se a tabulação quantitativa das publicações encontradas e a ilustração destes totais por meio de gráficos. Esta tabulação levou em conta o número de referências aos aniversários da Biblioteca Rio-Grandense encontradas dentro do mês de agosto de cada ano. A interpretação qualitativa dos dados coletados nas fontes selecionadas decorreu da análise e discussão dos mesmos do ponto de vista dos objetivos propostos e dos referenciais teóricos visitados, e foi disposta junto às tabulações quantitativas, de modo a torná-las complementares. Ao final desta etapa, procedeu-se a redação das considerações finais acerca do estudo, de modo a dar fechamento a todos os pontos estabelecidos como norte no escopo desta pesquisa.

No que diz respeito à grafia de todos os títulos e nomes próprios mencionados nesta tese, bem como das citações diretas das fontes, que não estejam em consonância com o vernáculo atual, optou-se por realizar as adequações ou adaptações ao acordo ortográfico da língua portuguesa vigente.

1 AS BIBLIOTECAS NO CONTEXTO DA CULTURA E DO LETRAMENTO DA SOCIEDADE

1.1 História e evolução das bibliotecas

Josiel Machado Santos (2012), no texto *O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento*, explica que o termo “biblioteca” é originário do grego “*bibliothēke*”, e do latim “*biblioteca*”, significando depósito ou coleção de livros. Porém, no sentido atual o termo é muito mais abrangente, abarcando “toda e qualquer compilação de dados registrados em diversos suportes, seja em meio físico, eletrônico, digital ou virtual” (SANTOS, 2012, p. 176).

Já Luís Milanesi (1998, p. 16), em sua obra *O que é biblioteca* escreveu que “a história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem”. Neste contexto, o autor aborda o princípio da produção do registro informativo na figura do documento, e a idealização de sistemas rudimentares visando a sua não dispersão, bem como a sua organização e preservação. Chega-se, então à explosão informativa do século XX e à disseminação do computador para a ordenação da informação registrada (MILANESI, 1998).

Das placas de argila usadas pelos assírios, sumérios e babilônios, passando pelo papiro utilizado pelos egípcios e fornecido pelos mesmos aos gregos e romanos, até se chegar ao pergaminho como suporte da informação, a produção literária galgou sua evolução ao passo que passaram a se formar os primeiros acervos, ou seja, bibliotecas. A mais primitiva e emblemática biblioteca conhecida, o *Museion* de Alexandria, foi um centro cultural frequentado por sábios, e que chegou a armazenar, supostamente, mais de quinhentos mil volumes (MILANESI, 1998).

Segundo Santos (2012), a Biblioteca de Alexandria sobreviveu a sete séculos, tendo reunido o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade.

A Biblioteca de Alexandria foi criada em 280 a.C. pelo fundador da dinastia Ptolomaica (ou Lágida) do Egito, Ptolomeu I Sóter (o Salvador). Tudo indica que o erguimento daquele magnífico edifício, nas proximidades do palácio real, deveu-se à insistência de Demétrio de Falera, um talentoso filósofo que encheu os ouvidos de Ptolomeu

para que ele tornasse Alexandria, uma rival cultural de Atenas. (SANTOS, 2012, p. 180).

Para além da Biblioteca de Alexandria, outras também se destacaram entre as mais importantes da Antiguidade. É o caso da Biblioteca de Nínive, cujo acervo era composto de placas de argila cozida nas quais a informação estava codificada em caracteres cuneiformes, datados do século IX a.C. Já a Biblioteca de Pérgamo teve como fim se tornar um centro de reunião de eruditos e literatos para a realização de estudos linguísticos e literários que viessem a competir com a Biblioteca de Alexandria (SANTOS, 2012).

No tocante às bibliotecas gregas, o autor destaca que:

Muitos historiadores [...] mantêm um grande mutismo em relação às bibliotecas gregas devido ao fato de que a maior parte das bibliotecas estariam nas mãos de particulares e, devido a isso, há pouco a ser relatado sob suas características ou outros aspectos. Além disso, grandes quantidades de volumes foram transferidos para a Biblioteca de Alexandria. [...] As bibliotecas gregas, ainda que particulares, que merecem destaque são as de: Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto. (SANTOS, 2012, p. 178).

Em Roma, as bibliotecas se apresentavam como particulares e públicas. Entre as particulares, destacou-se a grande biblioteca de Cícero (106 - 43 a.C.). Já entre as públicas, a mais icônica foi a Biblioteca Pública de Roma, idealizada em vida por Júlio César e construída por seus partidários Asínio Pólio e o escritor Públio Terêncio Varrão no Fórum Romano. Outras iniciativas de destaque em caráter público foram a Biblioteca Palatina, fundada pelo Imperador Augusto e incorporada ao Templo de Apolo; e a Biblioteca Ulpiana, fundada pelo Imperador Trajano (SANTOS, 2012).

O autor avulta o fato de que as bibliotecas públicas de Roma, de modo geral, também prestavam serviço de depositárias de documentos públicos, inclusive dando acesso e permitindo retirada para domicílio. Eram frequentemente localizadas em anexo a templos religiosos e, por este motivo, comumente administradas por sacerdotes (SANTOS, 2012).

Na Idade Média, as bibliotecas entraram em declínio devido à falta de recursos.

Não seria errado afirmar que as bibliotecas medievais, ao menos no início, eram apenas um prolongamento das bibliotecas da

Antiguidade uma vez que, seu usuário, era específico e seu acervo era fechado ao público em geral. A biblioteca ainda era definida como uma guardiã dos livros e não como uma disseminadora da informação. (SANTOS, 2012, p. 183).

Wilson Martins (2002), em *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*, explica que o período medieval contou com, basicamente, três tipos de bibliotecas: as monacais, pertencentes a mosteiros e abadias; as bizantinas, que juntamente com as particulares, tiveram estreita relação com o Renascimento e, conseqüentemente, com o fim da Idade Média; e as universitárias, oriundas das significativas mudanças intelectuais e sociais que suscitaram a criação das primeiras universidades e a conseqüente profusão de material bibliográfico de cunho científico.

A partir do surgimento das bibliotecas universitárias, consolidou-se e tornou-se central a figura do bibliotecário como organizador da informação e disseminador do conhecimento durante o Renascimento (MARTINS, 2002).

De acordo com Santos:

Pode-se dizer que o Renascimento significou uma reviravolta na economia política da leitura, criando não apenas uma oferta de novos tipos de livro, mas também novas maneiras de lê-los.

[...]

As bibliotecas dessa época contavam com o apoio de duques, mercadores e reis, tanto em recursos financeiros quanto humanos. Muitos tinham à sua disposição, nada menos, que quarenta e cinco copistas, o que logicamente demonstrava a ligação real que se desenvolveu entre essa nova erudição e o exercício do poder. É também no Renascimento que surgiu uma maior preocupação com relação à situação física dos livros. A disposição arquitetônica, a organização interna e tantos outros detalhes de suma importância começaram a ser avaliados na organização das bibliotecas e medidas técnicas foram tomadas para superar os problemas já existentes. Essa tarefa cabia, exclusivamente, ao bibliotecário.

Entretanto, não foram só príncipes e mercadores responsáveis pela fundação de bibliotecas renascentistas, foi do Papa Nicolau V a ideia da fundação da maior biblioteca do Renascimento: a Biblioteca Vaticana. (SANTOS, 2012, p. 186-187).

Dentro deste contexto, o advento das universidades demandou uma maior produção de manuscritos, e a proliferação do papel no Ocidente já desde o século XIV barateou esta produção. Porém, foi em meados do século XV que Gutenberg revolucionou a difusão da escrita com a invenção do tipo móvel, permitindo que a impressão em larga escala atingisse um número

progressivamente maior de pessoas através do livro fabricado em série (MILANESI, 1998).

Assim, o autor esclarece que as bibliotecas, que antes eram tidas como tesouros, passaram a ser locais de serviços à população, e o livro o material de consumo dos cidadãos, os quais passaram a formar bibliotecas em suas casas, a exemplo do que faziam os reis pré-Gutenberg.

Contudo, no trajeto temporal até o século XX, marcos históricos como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a Revolução Russa demarcaram substanciais mudanças na sociedade, o que impactou no acesso à informação, dando motes mais educativos às bibliotecas ao oferecer instrução aos segmentos mais populares. A disposição funcional da informação mais tarde passou a ser imperativa e esta se tornou um bem valorável e acumulável. Neste sentido, as bibliotecas passaram a sistematizar o acesso, sendo um agente crucial para o desenvolvimento industrial e para a competição acirrada em todos os setores, principalmente científico-tecnológico (MILANESI, 1998).

Em sua obra posterior, intitulada *Biblioteca*, Luís Milanese (2013) restaura este vislumbre evolutivo das bibliotecas e, tendo em pauta já o cenário atual das tecnologias da informação e comunicação, ajuíza:

Os países mais ricos criaram espantosos acervos, minuciosamente organizados e conservados em gigantescas construções. O exemplo mais saliente disso é a Biblioteca do Congresso, em Washington, o mais amplo acúmulo de registros reais do trabalho intelectual do homem. A sociedade que a construiu é, a partir do século XX, a mais poderosa do planeta e isso não é mera coincidência. Já nas regiões mais pobres ou onde os muitos bens estão sobre a posse de poucos, um pequeno acervo é raro e um livro incomum. Nessa circunstância, o grande e quase único vetor de transmissão do conhecimento é a fala, criadora da tradição oral, da memória coletiva. Na falta das letras, prevalece a fala nos grupos ágrafos. Não há a coleção de registros, mas o estoque da lembrança que possibilita veicular de geração a geração o saber identificado como imprescindível. Havendo registros, haverá uma biblioteca, porque os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse do conhecimento. Por isso formaram e formam coleções: da argila com caracteres ao papel, passando pelo papiro e pergaminho até chegar ao texto virtual, que forma, na *internet*, um novo tipo de acervo – o maior já colocado à disposição das pessoas. É uma outra forma de biblioteca. (MILANESI, 2013, p. 13-14).

Matthew Battles, em *A conturbada história das bibliotecas*, corrobora com este raciocínio ao arrazoar:

Como na Alexandria dos tempos de Aristóteles, nas universidades e nos mosteiros do início do Renascimento, ou nas tumultuosas bibliotecas de pesquisa do século XIX, a palavra acha-se mais uma vez nas garras da tecnologia. Vai modificando seus hábitos, indo instalar-se em *pixels* e *bits*, não mais em papel e tinta. Parece estar desaparecendo, como deve ter parecido também aos antigos peripatéticos, que consideravam a escrita um mero espectro da língua falada; ou aos ricos colecionadores de manuscritos da Renascença, para quem o mundo recentemente redescoberto da Antiguidade vinha sendo ameaçado pela força bruta das prensas; ou aos amantes de livros manufaturados do começo do século XIX, para quem as edições baratas representavam a diluição final do poder da literatura. No entanto, o mero fato de a biblioteca ter saído ileso de todos esses ciclos já é um motivo de esperança. Em seu papel de guardião dos livros e das palavras que contêm, a biblioteca enfrentou e domesticou várias vezes a tecnologia, as forças da mudança e o poder dos príncipes.

Essas mudanças fazem parte daquele interminável ciclo de renovação pelo qual as bibliotecas devem agradecer a seus leitores. (BATTLES, 2003, p. 210-211).

Sonia de Conti Gomes (1983, p. 2) escreve em *Bibliotecas e sociedade na Primeira República* que “o conceito de biblioteca está sempre estritamente relacionado ao conceito de cultura, em sua acepção tradicional, como toda manifestação intelectual de uma sociedade”. Segundo a autora, tomando-se a biblioteca como agência social de comunicação, esta está fadada às inclinações da sociedade, a qual cria objetivos que, por sua vez, moldam a resposta que esperam dessa agência. Neste sentido, uma sociedade que alcançou um maior cabedal cultural demandará bibliotecas com organização mais extensa do que uma sociedade com bases culturais mais simples (GOMES, 1983).

A autora ainda enfatiza que a natureza das bibliotecas é complexa, uma vez que se liga aos sistemas básicos da estrutura social em constante interdependência. Logo, o desenvolvimento dessas instituições se dá em relação aos mais diversos fatores que compõem a realidade sociocultural, processo nem sempre ocorre de modo equilibrado ou satisfatório (GOMES, 1983).

Em *Conceito de biblioteca*, Maria das Graças Targino reflete:

As bibliotecas são instituições criadas há séculos e que evoluíram e continuam a evoluir, para atender melhor as necessidades e desenvolvimento da sociedade, incluindo materiais e aspectos que antes lhes eram alheios.

Esta referência está também intimamente relacionada com o aspecto dinâmico inerente às bibliotecas, desde que, dentre os princípios de

Ranganathan (*"Five laws of library Science"*)¹. O último deles pode ser assim enunciado: "as bibliotecas são organismos em crescimento". [...] Um organismo que cessa de crescer, irá estabilizar-se a um ponto tal que sua morte será inevitável. E a biblioteca, como instituição social cujo uso é determinado por forças condicionantes da sociedade, tem todos os atributos de um organismo em crescimento, envolvendo coleção, usuário e equipe técnica. (TARGINO, 1984, p. 31).

Para Luís Milanesi, a biblioteca:

[...] enquanto concentração de esforços de ordenamento da produção intelectual do homem, permanece como fator essencial ao desenvolvimento. E nunca acabará. Muda a sua configuração física, transformam-se as operações de acesso à informação a até tem o nome trocado, mas, na essência, permanece como a ação concreta do homem, o grande desafio e jogo humano para não perder o que ele próprio criou. (MILANESI, 2013, p. 14).

Diante de tais ponderações, percebe-se que a trajetória das bibliotecas perpassa um ciclo que tende a colocar as mesmas sempre em posição de poder na construção da solidez intelectual da sociedade, independentemente das revoluções tecnológicas.

Logo, os acervos bibliográficos e documentais acumulados e sistematicamente dispostos em suas coleções são veículos imprescindíveis não somente para a manutenção do registro do pensamento e do conhecimento humano, mas para sua disseminação e para o fortalecimento dos elos entre as gerações passadas, as atuais e as futuras.

1.2 A Biblioteca Rio-Grandense

A Biblioteca Rio-Grandense é uma instituição de grande relevância, tendo em vista que cumpre o papel de "preservar, de alguma forma, a cultura letrada que foi produzida e/ou que circulou na região Sul do Brasil naquele período", conforme conta Maria Eulália Ramicelli (2013, p. 169) em seu texto *Ficção britânica em edição oitocentista no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: a obra de Walter Scott e Charles Dickens*.

¹ *Five laws of library Science*, as cinco leis da Biblioteconomia, propostas por Ranganathan são: livros são para o uso; a cada leitor seu livro; a cada livro seu leitor, economize o tempo do leitor; uma biblioteca é um organismo em crescimento (FIGUEIREDO, 1992).

No intuito de conhecer a sua formação histórica e consolidação no seio da cidade do Rio Grande², serve como lastro a obra de Athos Damasceno Ferreira (1973), *Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no Século XIX* a qual discorre sobre o contexto do surgimento destas entidades no âmbito do estado. Segundo o autor, estas foram ações tomadas sob o contexto da importância do acesso ao livro para a valorização e aprimoramento da sociedade, e evolução cultural ante as limitações desta época.

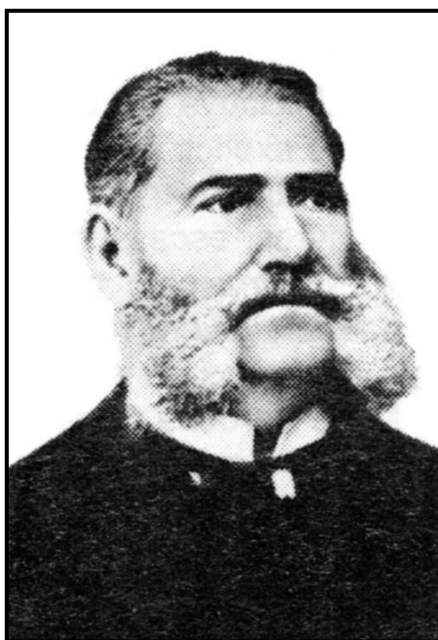
O autor aborda como a primeira destas iniciativas a que se deu em Porto Alegre, em meados de 1829, quando foi fundado o primeiro gabinete de leitura da província, embora o mesmo não tenha subsistido com a manutenção de sua premissa de criação. Já em 1830 a instituição passou a ser uma sociedade secreta frequentada e mantida, sobretudo, por políticos das mais diversas inclinações ideológicas, até dissolver-se em 1831, quando dá margem ao estabelecimento da primeira loja maçônica da província, de nome Filantropia e Liberdade.

Ainda conforme Ferreira (1973), a vigência da República de Piratini, entre os anos de 1835 e 1845, trouxe consigo a proposta de implementação de um gabinete de leitura com potencial de tornar-se a primeira biblioteca provincial. Em 1839, mediante a reunião de um acervo de mais de oitocentos volumes, Domingos José de Almeida, liderança do processo revolucionário então em pauta, já havia lavrado documentos para a instalação do referido gabinete, indo ao encontro dos motes do governo revolucionário e seus decretos que estipulavam que o referido patrimônio já angariado de livros deveria continuar a ser acrescido de todas as obras arroladas entre os bens dos inimigos da República. Contudo, o gabinete de leitura sequer entrou em funcionamento e, firmado o acordo de paz em 1845, o acervo acabou por se dispersar.

² A cidade histórica de Rio Grande foi fundada pelo Brigadeiro José da Silva Paes em 19 de fevereiro de 1737, sendo elevada à categoria de município em 1835, quando a Vila de São Pedro passou a ser chamada de Rio Grande. De colonização portuguesa, a influência lusitana está presente no traçado de seus inúmeros prédios históricos. Por meio do Decreto Estadual nº 34.472, de 11 de setembro de 1992, foi concedido ao município o título de “Cidade Histórica”. Sua posição geográfica privilegiada abriga o único porto marítimo do estado, representando o principal escoadouro da sua produção, sendo também o segundo maior em movimentação de contêineres no país, de acordo com a Superintendência do Porto do Rio Grande (SUPRG). (MARTINS, 2014).

No ano seguinte, em meio à reconstrução da província após finda a guerra civil, é instalado na cidade do Rio Grande o Gabinete de Leitura, sociedade de cultura cuja finalidade era o provimento do acesso ao livro para a população em geral, sobretudo aos adeptos das ciências e das letras. Ferreira (1973) explica que a consolidação desta sociedade se deu por iniciativa do comerciante português João Barbosa Coelho (FIGURA 1).

Figura 1 – João Barbosa Coelho



Fonte: Nunes (2007)

Em *João Barbosa Coelho: precursor da Biblioteconomia rio-grandense-do-sul*, Claudio Omar Iahnke Nunes sintetiza a biografia de Barbosa Coelho desde seu nascimento em Portugal até sua vinda para o Brasil e para a cidade do Rio Grande:

Este marcante personagem da história cultural rio-grandina foi um cidadão português, nascido na cidade do Porto, em 20 de março de 1819. Em 1828, veio com sua família para o Brasil, com breve passagem pela cidade de Salvador. Estabeleceu-se sua família no Rio de Janeiro, onde o jovem João realizou seus estudos, findo os quais decidiu-se pela profissão de guarda-livros (o que atualmente corresponderia à profissão de Contador). Mais adiante, aos 26 anos, em 21 de outubro de 1845, mudou-se para Rio Grande, determinado a exercer aqui sua profissão, possivelmente atraído pelas perspectivas de expansão das atividades comerciais que se delineavam à época. (NUNES, 2007, p. 109).

Tendo herdado significativo patrimônio em decorrência do falecimento dos seus pais, João Barbosa Coelho, aos 27 anos de idade, teve a iniciativa de convidar pessoas de suas relações para criar um gabinete de leitura (NUNES, 2007). Estas diversas personalidades do município, que, com Barbosa Coelho, totalizavam o número de 22 pessoas, conforme ata de fundação, assentaram em definitivo o Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande em um encontro realizado a 15 de agosto de 1846 (FERREIRA, 1973).

De acordo com Nunes (2007), nesta reunião foi eleita uma diretoria provisória, a qual teve a incumbência de elaborar a proposta estatutária para a instituição, bem como dar provimento aos atos formais para que o Gabinete entrasse em funcionamento.

Nos dias 21 e 22 de setembro daquele ano, em assembleia geral, foram aprovados os estatutos da entidade, e no dia 23 foi eleita a primeira diretoria e constituída uma comissão bibliográfica (FERREIRA, 1973).

Josiane Silva, no artigo *Bibliotheca Rio-grandense: trajetória e percalços de uma biblioteca mais que centenária*, aborda a sociedade rio-grandina à época da fundação do Gabinete de Leitura e sua importância naquele contexto:

Rio Grande possuía um nível baixo de instrução. Faltavam escolas, faltava comunicação com os grandes centros, mas nada disso abalou aqueles 22 espíritos, e tanta foi a força destes que, mesmo antes de João Barbosa Coelho terminar a elaboração dos estatutos, houve mais cinco adesões, as quais somente constariam como sócios fundadores na ata nº 89, de 14 de agosto de 1936, cerca de noventa anos mais tarde. (SILVA, 2011, p. 59).

Nunes (2007) destaca que, da parte de Barbosa Coelho, tendo sido o mentor e articulador do coletivo fundador do Gabinete de Leitura, naturalmente fosse requerida a presidência da entidade. Contudo, sua preferência foi por compor a comissão bibliográfica, tendo assinado já a própria ata de fundação como bibliotecário. Neste sentido, o autor acentua a relevância da figura de João Barbosa Coelho como o precursor da Biblioteconomia na região sul do Rio Grande do Sul.

A primeira sede do Gabinete de Leitura localizou-se na rua do Arsenal, e suas instalações contaram com a aquisição do mobiliário atinente às suas atividades, bem como com a encomenda de uma partida de livros que

comporia seu acervo inicial, esta subsidiada pela Corte. A este montante de obras somaram-se diversas doações, o que obrigou o Gabinete a se transferir para uma nova sede já em 1847, dadas as exíguas dimensões das dependências originais. O novo prédio, mais amplo, situado à rua da Praia, permitiu o aumento do patrimônio, sobretudo devido às assinaturas de jornais diários e periódicos literários, o que demandou, novamente, a mudança de suas instalações para um novo local no ano de 1866, agora um sobrado na rua da Alfândega, esquina com a rua dos Príncipes (FERREIRA, 1973).

Nos anos seguintes, apesar do prestígio da entidade, apresentam-se algumas dificuldades financeiras que dificultam seu pleno funcionamento. De acordo com Silva (2011), no ano de 1870, a admissão do comerciante português Manoel Alves Pinto como tesoureiro deu origem à mais famigerada intempérie pela qual a instituição passou em sua história. A diminuição do número de sócios intensificava as dificuldades financeiras da entidade e para que os cofres se mantivessem estáveis, Pinto realizava pagamentos de despesas de seu próprio bolso. Porém, ao discordar de questões administrativas com a diretoria, rompeu suas relações com o Gabinete e acionou-o na justiça para reaver os quantitativos que achava que lhe era de direito por conta dos pagamentos que realizara. Deste litígio restou o risco do penhor de todo o acervo da entidade para que a dívida com Pinto fosse saldada.

Esta situação vem a se estabilizar por volta de 1875, mediante pagamento das dívidas existentes do Gabinete pelo Barão de Villa Izabel, mecenas cidadão e figura a quem se credita o impulso financeiro e administrativo da instituição, especialmente a partir de 1878, quando, no exercício da presidência, transfere a sede para a rua do Riachuelo, em espaço mais adequado aos fins a que o Gabinete se propunha (FERREIRA, 1973).

Neste mesmo ano, passadas as dificuldades financeiras, e com o alavancado prestígio da casa frente à população, Ferreira (1973) conta que a diretoria resolve pôr em prática a alteração de seus estatutos e dar início ao processo de legalização da entidade, ideia que já vinha de 1875. Para tanto, era imperativo transformar o Gabinete de Leitura em uma sociedade recreativa e instrutiva, o que levaria à mudança de sua denominação para Biblioteca Rio-Grandense. Esta alteração está documentada na Ata nº 319 da instituição,

datada de 26 de agosto de 1878, a qual comunica a aceitação da autoridade pública acerca desta transição.

Ferreira (1973) destaca que esta alteração teve como consequência uma significativa ampliação na atuação da instituição, bem como um aumento nas suas coleções, além de uma maior aproximação com o povo. Um exemplo desta aproximação deu-se no ano seguinte, no qual as dependências da Biblioteca Rio-Grandense foram utilizadas para a realização de uma série de conferências públicas, e de um curso noturno destinado ao fomento da leitura. O autor relata também que, em meio a este desenrolar de atividades da agora Biblioteca Rio-Grandense, e com o passar dos anos, uma localização definitiva para a sua sede permanece como uma contínua preocupação da diretoria.

Silva relata:

[...] a Biblioteca comemora seu cinquentenário em 1896, ainda sem sua sede definitiva, mas batiza nessa ocasião a sua bandeira, tendo como padrinhos o Dr. Manoel Ignácio de Lacerda Werneck, intendente municipal, e os conselheiros municipais Dr. Manoel Antonio Affonso Reis e Comendador Antonio Joaquim Pinto da Rocha. Sua bandeira em verde, amarelo e vermelho possui as cores do estado e símbolos centrais de uma lâmpada e um livro sobrepostos, tendo em torno dois ramos de louro enlaçados e acima disto o sol e um livro aberto com a data da fundação da Biblioteca, símbolos de forte sentimento de salvaguarda e disseminação de conhecimento. (SILVA, 2011, p. 64).

Em 1902, sob a presidência do Visconde Pinto da Rocha, político e escritor local, a instituição muda-se para o prédio que até então abrigava a Intendência Municipal, já que esta iria mudar-se para um novo edifício construído para si. Após realizados os devidos reparos e adequações, sob a responsabilidade do arquiteto Carlos Ossola, a entidade se transferiu para o novo endereço, onde permanece situada até os dias atuais, na esquina das ruas General Osório com General Neto (FIGURAS 2 e 3).

Figura 2 – Prédio da Biblioteca Rio-Grandense nas primeiras décadas do século XX



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Figura 3 – Prédio da Biblioteca Rio-Grandense atualmente



Fonte: O autor (2020)

Ferreira conclui seu arrazoado histórico sobre a Biblioteca Rio-Grandense:

Legítimo orgulho da cultura regional, é ela a mais importante organização do gênero no Rio Grande do Sul. Seu patrimônio para cujo enriquecimento, já neste século muito contribuíram novos e abnegados consórcios, entre os quais Alfredo de Sá Rheingantz, Antonio Carlos Lopes, Manoel Marques Leal Pancada, Padre José Silveira de Mattos – autor de seu primeiro catálogo – Alfredo Assunção, Augusto Duprat, Florisbello Leivas, Carlos Alberto Cuello, Abeillard Barreto e outros, é representado atualmente por cerca de setenta mil volumes, extensa e valiosa hemeroteca, preciosas edições Princeps e, além de várias outras raridades, um arquivo, onde se conservam inúmeros documentos de particular interesse para o estudo de nossa história. (FERREIRA, 1973, p. 18).

Ferreira (1973) menciona na citação de sua obra, transcrita acima, que à época de sua publicação, além de todas as coleções não bibliográficas, documentos e outros, o acervo contava com cerca de setenta mil volumes. Este número, obviamente, diz respeito a um quantitativo consideravelmente menor do que dispõe a entidade atualmente, pondo-o à disposição dos seus sócios residentes no Rio Grande e região. Segundo Silva (2011), à época de sua publicação, estimava-se um quantitativo de quatrocentos e cinquenta mil volumes, o que era proporcional a 2,28 livros por habitante da cidade, de acordo com dados do recenseamento demográfico realizado no ano de 2010.

No tocante ao acervo da instituição, Ramicelli (2013) aborda ligeiramente esta questão, mencionando quatro catálogos da Biblioteca Rio-Grandense, datados de 1854, 1877, 1881 e 1907, sendo que sua consulta foi feita apenas nos três últimos. A autora infere que os catálogos consultados “testemunham o significativo crescimento do acervo ao longo do século XIX” (RAMICELLI, 2013, p. 172).

Desta forma, a Biblioteca Rio-Grandense mantém seu status de entidade a serviço da cultura, saber e entretenimento, sendo um marco patrimonial e memorial neste contexto desde sua criação até os dias atuais.

Ao fim da abordagem histórica acerca da entidade no escopo de sua obra, Ferreira (1973) segue notando os demais gabinetes de leitura que vieram a surgir no Rio Grande do Sul durante o século XIX, enfatizando que o Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande foi um empreendimento

precursor, embora outros com o mesmo objetivo tenham demorado alguns anos para surgir no território do estado.

De acordo com Marcia Carvalho Rodrigues, em *Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense*:

[...] a Biblioteca Rio-Grandense é considerada entidade de utilidade pública desde 1919. [...] Em cumprimento ao disposto no inciso 7º do art. 66 da Constituição do Estado, o presidente em exercício da Assembleia Legislativa, deputado Fabiano Pereira, promulgou no dia 29 de maio de 2006 a Lei nº 12.508, que declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado a Biblioteca Rio-Grandense. O prédio em estilo neoclássico e, principalmente, todo o acervo da biblioteca, formado de cerca de 450.000 itens distribuídos entre livros, obras de arte, revistas, bandeiras, documentos informativos, fotografias e acervo fonográfico, integram-se ao patrimônio histórico e cultural. (RODRIGUES, 2014, p. 80).

Ademais do relato histórico da instituição até aqui abordado, cabe também aludir às tantas outras iniciativas realizadas nas dependências da associação. Dentre estas, em *Biblioteca Rio-Grandense: textos para a o estudo de uma instituição a serviço da cultura*, Francisco das Neves Alves (2005, p. 5) destaca as “aulas públicas, formando-se indivíduos com poucas condições de acesso ao estudo, bem como foram dados cursos e utilizado seu acervo na fase inaugural do ensino superior na cidade portuária”.

Nesta obra, o autor compila uma série de textos editados entre os anos finais do século XIX e a data centenária da Biblioteca. Entre estas publicações, destaca-se a edição comemorativa nomeada *15 d’Agosto*, um pequeno jornal alusivo aos quarenta anos da entidade, completados em 1886 (FIGURA 4). Nesta folha, diversas personalidades, dentre as quais destacavam-se representantes da intelectualidade local e regional, prestaram suas homenagens à Biblioteca Rio-Grandense pela passagem de seu aniversário. A temática destes escritos orbitava entre temas como a biblioteca, os livros e sua importância para a instrução e para a história (ALVES, 2005).

O *15 d’Agosto* soma-se a diversas outras menções memoriais aos aniversários da Biblioteca Rio-Grandense, como um quadro comemorativo, exposto no salão de leitura da instituição, aludindo ao seu primeiro centenário no ano de 1946. Nesta distinta ilustração são homenageados os fundadores da associação e mencionado o Decreto 3776, de 1º de outubro de 1919, o qual

reconheceu a Biblioteca Rio-Grandense como instituição de utilidade pública (FIGURA 5).

Figura 4 – Primeira página do *15 d'Agosto*, jornal comemorativo dos 40 anos da Biblioteca Rio-Grandense

1846 **15 D'AGOSTO** 1886

Numero unico commemorativo do 40º anniversario da
Bibliotheca Rio-Grandense

<p style="text-align: center;">DIRECTORIA</p> <p style="text-align: center;">PREZIDENTE Alexandre José da Silva.</p> <p style="text-align: center;">1º SECRETARIO Francisco Bento Junior.</p> <p style="text-align: center;">THEZOUREIRO Joaquim Martins Saccia</p>		<p style="text-align: center;">VICE-PREZIDENTE Benjamin Flores.</p> <p style="text-align: center;">2º SECRETARIO Alberto F. Pinto.</p> <p style="text-align: center;">BIBLIOTHECARIO J. C. Saccia Serra.</p>
<p style="text-align: center;">DIRECTORES João Luis Viana — Jorge Vescher</p>		

ADOS BENEMERITOS DA BIBLIOTHECA

Barão de Villa Isabel
Alfredo Paiz de Mello
Benjamin Flores
João Luiz Viana
Scipião Ferreira

Comprimenta pelo dia de hoje
Um amigo da instrução.

A BIBLIOTHECA

Uma bibliotheca é um campo de batalha. De um lado — a Luz. Por generaes os genios — Eschylo, Dante, Schakespeare, Homero, Victor Hugo, Camões; por soldados — os talentos; por bandeira — o trabalho; por bombardas — a sciencia e as artes. Do outro lado — a treva, — a ignorancia.

Vieira da Cunha.

A instrução é o espelho onde o homem que quer educar-se, corrige os defeitos da imaginação, libertando-a da tyrannia da materia e faztudo-a elevar-se ás regiões do sublime e do bello.

Na vida politica, a instrução educando o povo no entusiasmo de seus direitos fará a solidiez dos bons governos; não pôde haver bom governo no paiz onde o povo é ignorante.

A instrução, portanto, produzindo a constituição de uma sociedade culta, de bons costumes, respeitosa aos direitos de cada um, tornará um povo feliz e forte.

Moreira Cesar.

Para mim, o Sr. Luiz Duarte é o braço direito da BIBLIOTHECA.

As bibliothecas são a transfiguração material das forças imanes do pensamento e da lei que preside á evolução intellectual das sociedades humanas.

Ellas são tambem os baluartes que a civilização vai collocando nos territorios conquistados ao obscurantismo.

Rocha Gallo.

A educação intellectual é para o espirito do homem o que o culto da familia é para o coração da mulher; se aquelle não a buscasse, a sociedade seria um cahos; se esta não o comprehendesse, o lar seria um inferno.

Benjamin Flores.

Outr'ora, nos tempos medievaes, os grandes herões, cingindo ao peito o arnez dos principes guerreiros; antes de partirem para a conquista do tumulo de Christo, afiavam o ferro das suas lanças invenciveis nas penedias musgozas do caminho, enquanto lhes illuminava o espirito e o coração o olhar das castellãs gentis.

Os luctadores sublimes de hoje, erguida a fronte activa a todas as idéas sonhadas, marcham severamente para a conquista do Bello e da Verdade, illuminando-lhes o espirito a gloriosa luz das revoluções modernas.

Das ruínas da Bibliotheca de Alexandre surgiu a route do passado; da explosão colossal de 89, brotou gloriosamente, em candelas enormes de luz e vida, a torrente fecundissima da philosophia moderna.

Ruy de Castro.

My visit to the Library has been very interesting; it is a striking proof of the literary taste of the inhabitants of this city; the unquestionable source of incalculable good!

Ever may it prosper!
M. W. Scheenbell.

Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Figura 5 – Quadro comemorativo do primeiro centenário da Biblioteca Rio-Grandense



Fonte: Salão de leitura da Biblioteca Rio-Grandense

Diversas outras homenagens à entidade foram veiculadas nas páginas dos periódicos da imprensa local ao longo da sua existência e em suas datas natalícias. Neste contexto, a compreensão da relevância desta biblioteca para a sociedade local enquanto instituição fomentadora da cultura e letramento, tal

qual é a proposta desta pesquisa, irá perpassar o uso de fontes jornalísticas para sua consecução, resguardadas as delimitações e procedimentos já demarcados no escopo do trabalho.

Assim, para proceder à análise das publicações nos jornais selecionados, alusivas aos vinte anos da entidade desde que passou a categoria de biblioteca, é necessário perquirir o embasamento teórico que permite a plena compreensão dos mananciais da imprensa periódica enquanto fontes documentais, conforme será aprofundado no capítulo seguinte.

2 OS ARQUIVOS JORNALÍSTICOS COMO FONTES PRIMÁRIAS PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Avalizar o valor documental de acervos jornalísticos não é, de todo, uma tarefa complexa. Porém, há que se compreender que os escritos oriundos da imprensa são anais que envolvem uma vastidão de contextos, sejam eles temporais, políticos, sociais, entre outros.

Retratar fatos noticiosos é um registro resultante da ação humana, o que para Heloisa Liberalli Bellotto (2006) já se configura como um documento. Na obra *Arquivos permanentes: tratamento documental*, a autora, inclusive, cita artigos de revistas e jornais como exemplos de documentos.

O legado histórico é precedido pelos acervos, principalmente os documentais. Abordar a historiografia sem ater-se à pesquisa tendo a documentação como fonte é, em suma, impossível.

O documento é o registro da atividade humana em todas as frentes da sociedade, seja no âmbito pessoal, público ou privado. Estes registros são atestados dotados de autenticidade e fidedignidade, características imprescindíveis para a confiabilidade dos mesmos enquanto manancial de informação.

A tal registro deve-se a premissa de fonte para a pesquisa histórica, e são nos arquivos que residem os apontamentos formais de atos e fatos que culminaram na evolução da sociedade, permitindo ao historiador ater-se aos mesmos de modo a extrair sua visão dentro do contexto a que se propõe.

Deste modo, é necessário compreender o surgimento e evolução dos arquivos, bem como sua presença no âmbito das instituições, como as bibliotecas, e a premissa do uso dos acervos jornalísticos como fonte de pesquisa documental.

2.1 Da origem da escrita à evolução dos arquivos

A partir do surgimento da escrita enquanto meio de registro para as mais diversas intenções e necessidades humanas, a sociedade se desenvolveu sobre um dos marcos mais significativos para sua existência e consolidação: o documento.

Esta entidade, da qual muitas vezes emana a pura, irrestrita e burocrática formalidade, cumpre papel decisivo para o entendimento de cenários que já não pertencem ao tempo presente. Este mote formal intrínseco pertence à ideia de documento sob um ponto de vista limitado, pertencente àqueles que não conhecem o significado do mesmo para além do vocábulo.

Tal entendimento é evocado, especialmente, devido aos fins para os quais documentos são produzidos no âmbito das administrações. Estes são bastante semelhantes aos que Zilberman (2003) aponta como decisivos para os sumérios, criadores do alfabeto cuneiforme aproximadamente quatro mil anos antes de Cristo, para criar registros de cunho testemunhal de movimento e contabilização de bens.

Sabe-se, contudo, que a escrita era restrita à nobreza, a qual era tida como privilegiada, como narra Danielle Santos de Brito, em *A importância da leitura na formação social do indivíduo*:

[...] na Grécia restringia-se aos filósofos e aristocratas, enquanto que em Roma a escrita tornou-se uma forma de garantir os direitos dos patrícios às propriedades. Na Idade Média uma minoria da população era alfabetizada, somente nos mosteiros e nas abadias que se encontravam as únicas escolas e bibliotecas da época, e era lá que se preservavam e restauravam textos antigos da herança greco-romana. (BRITO, 2010, p. 6).

Na obra *Uma história da leitura*, Alberto Manguel (1997) explica a arte da escrita como algo que nasceu para incrementar a natureza da comunicação entre os seres humanos. O autor também atribui o surgimento e desenvolvimento da escrita à motivação registral de transações comerciais da época, ou seja, documentar um ato jurídico:

Com toda probabilidade, a escrita foi inventada por motivos comerciais, para lembrar que um certo número de cabeças de gado pertencia a determinada família ou estava sendo transportado para determinado lugar. Um sinal escrito servia de dispositivo mnemônico: a figura de um boi significava um boi, para lembrar o leitor que a transação era em bois, quantos bois estavam em jogo e, talvez, os nomes do comprador e do vendedor. A memória, nessa forma, é também um documento, o registro de tal transação. (MANGUEL, 1997, p. 206).

Neste contexto, não cabe avaliar puramente a existência e o objetivo do emprego da escrita. As circunstâncias nas quais a mesma veio a se

desenvolver e foi empregada não permaneceram inalteradas no decorrer da história. Do mesmo modo, o documento, que invariavelmente era produzido e utilizado para fins de registro, passou a ser visto como uma fonte de memória e esta prerrogativa deu origem aos primeiros arquivos.

Em *Introdução à Arquivologia*, Garcia, Penna e Richter (2004) afirmam que estas instituições surgiram aproximadamente 3.600 anos antes de Cristo no interior de templos e palácios das civilizações antigas.

Desde o momento em que o ser humano teve conhecimento do mundo que o rodeava, elaborou e preservou documentos úteis ao funcionamento de sua vida econômica, política, administrativa, social e religiosa. Os arquivos constituem a memória das instituições e das pessoas. Eles existem desde o momento em que o homem decidiu fixar, por escrito, suas relações como ser social. A criação dos documentos foi uma necessidade para o registro da memória, exercício do poder e reconhecimento de direitos. (GARCIA; PENNA; RICHTER, 2004. p. 24).

As autoras, ainda, repercutem a evolução dos arquivos, a qual acompanhou a evolução da sociedade, destacando a importância dos documentos como instrumento de transmissão de informações, sobretudo durante o movimento iluminista.

Porém, a evolução mais relevante deu-se somente no século XIX, quando os arquivos passaram de meros arsenais jurídicos para locais de pesquisa histórica. Tal fato foi impulsionado pelo Romantismo Histórico, no qual prevalecia a glorificação do passado e do patrimônio documental e literário. Neste contexto, os eruditos pesquisadores e historiadores fizeram com que os arquivos deixassem de ser meras repartições estatais, tornando-se instituições culturais, prevalecendo, a partir de então, a pesquisa documental norteada pela heurística e pela crítica histórica (GARCIA; PENNA; RICHTER, 2004).

Esta escala evolutiva dos arquivos, como não poderia deixar de ser, ao final do século XIX levou a novas concepções envolvendo a criação dos arquivos nacionais e o surgimento dos princípios básicos da metodologia arquivística.

As autoras ainda consideram este desenvolvimento dos arquivos e sua reconhecida importância cultural como algo que culminou no chamado

Universalismo Arquivístico, que contempla tanto a tradição histórica quanto a dimensão administrativa.

A partir de então, e até os dias atuais, os arquivos cumprem papel social de extrema relevância, tendo a gestão como prática primordial e indissociável à preservação do patrimônio histórico-documental da humanidade.

2.2 Os acervos de bibliotecas

Zilberman (2003), ao abordar o sistema de escrita sumério, considera que o objetivo de explorar ou prover o assentamento de registros para fins de prova documental foi de caráter primordial. Porém, o uso deste alfabeto para além dos documentos deu-se, pela primeira vez, com o registro do poema épico Gilgamesh, cerca de dois mil anos antes de Cristo. Esta obra pertenceu ao maior acervo pré-helênico de obras do oriente e resistiu a um soterramento de mais de 2.500 anos, até ser encontrado na segunda metade do século XIX.

[...] levou um certo tempo para a escrita eleger a poesia como seu objeto. Talvez porque esse uso particular da linguagem não detivesse um status diferenciado, como veio a acontecer entre os atenienses do século V a. C. e, com mais intensidade, após o século IV a.C. Talvez porque, pelo contrário, ele detivesse um status muito diferenciado, próximo à religião, constituindo, pois, matéria acessível tão somente a eleitos, como sacerdotes e membros da elite. Foi por manter os laços com a religião que, entre alguns povos, narrativas e versos de teor mítico e heroico vieram a ser objeto tanto do registro escrito, quanto de sua conservação, garantindo-lhe a sobrevivência ao longo do tempo. (ZILBERMAN, 2003, p. 1).

Percebe-se, pois, que o advento dos primeiros escritos literários sofreu forte influência da religião sobre o que mereceria registro, além do fato de que o uso e a apreciação da linguagem escrita eram de caráter elitista.

A exaltação dos autores e o reconhecimento da literatura decorreu de acontecimentos marcantes, como a desvinculação da poesia da religião e o surgimento de novos suportes para a escrita, entre eles o papiro, mais acessível e, conseqüentemente, mais popular (ZILBERMAN, 2003).

A autora narra também como marcos de grande importância, a criação das primeiras bibliotecas para custodiar toda produção literária já escrita.

Ptolomeu [...] funda em Alexandria, capital de seu império, uma biblioteca para acolher e estudar toda produção escrita da Antiguidade. Com a ajuda do orador Demétrio, a quem autoriza a coleta de todos os livros existentes no mundo então habitado, oriundos de poetas, prosadores, retóricos, sofistas, historiadores, chega a reunir aproximadamente quinhentos mil volumes [...] Não muito tempo depois, Pérgamo [...] não fica atrás, e logo sua biblioteca também se destaca por congrega cerca de quatrocentos mil volumes.

[...] Mas esse processo depende da existência e difusão de uma tecnologia – a de produção do material destinado a acolher a escrita; e da consolidação de uma prática – a de valorizar o produto emanado da linguagem poética, que traduz o mito, e apresenta-se como ensinável e apreensível.

Tecnologia e ideologia dão as mãos, conferindo à escrita uma tarefa fundamental na sociedade, a de participar na formação do cidadão. Essa, contudo, depende de se eleger um ou mais gêneros da linguagem que possam se adequar à efetivação daquela incumbência. (ZILBERMAN, 2003, p. 4).

Percebe-se, dentro deste contexto, que a leitura, em sua trajetória, caminha de um elemento pertencente a indivíduos ditos privilegiados, para abarcar a sociedade de um modo geral. Assim, conjectura-se que os espaços de leitura cumpriram e continuam cumprindo o papel de democratizar tal benefício.

Robert Darnton (2010), em *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, chancela este raciocínio ao abordar os arquivos das bibliotecas. Para o autor, estes espaços compreendem os acervos documentais não bibliográficos pertencentes a estas instituições e cumprem papel relevante para a compreensão do contexto desses espaços de leitura.

Os arquivos das bibliotecas circulantes oferecem uma melhor oportunidade de estabelecer conexões entre os gêneros literários e as classes sociais, mas são poucos os que restaram. Os mais notáveis são os registros de empréstimos da biblioteca ducal de Wolfenbüttel, que vão de 1666 a 1928. De acordo com Wolfgang Milde, Paul Raabe e John McCarthy, eles mostram uma “democratização” significativa da leitura nos anos 1760: o número de livros emprestados duplicou, os usuários pertenciam a camadas sociais mais baixas (incluindo alguns carregadores, lacaios e oficiais de baixa patente no exército), e a matéria de leitura passou a ser mais leve, indo de volumes eruditos para romances sentimentais. (DARNTON, 2010, p. 178).

Para tanto, é importante compreender o conceito de documento e seu papel no seio da instituição, como objeto tangível e de valor memorial,

conforme postula Nádina Aparecida Moreno no texto *Gestão documental ou gestão de documentos: trajetória histórica*:

Os documentos de arquivo são os produzidos por entidades públicas ou privados, ou por uma família ou pessoa, no transcurso das funções que justificam sua existência como tal, guardando esses documentos relações orgânica entre si, isto é, a informação contida num documento complementa a informação existente em outro. Tem características próprias e bem definidas, que o distingue dos demais, não pelo suporte sobre o qual está constituído, mas pela razão de sua origem ou função pela qual é criado. (MORENO, 2008, p. 83).

Além dos documentos constitutivos da instituição biblioteca, que definem e guardam sua memória, também deve-se considerar aqueles documentos que não foram produzidos ou recebidos para fins administrativos da mesma, ou seja, de suas atividades meio e fim. As bibliotecas comumente também armazenam em seus acervos documentos que foram doados para salvaguarda, e que também servem de fonte para a pesquisa histórica, tanto referente à instituição e suas relações com o contexto que a cerca, quanto sobre a figura humana ou institucional à qual tais documentos dizem respeito.

No texto *Arquivos históricos de museus: o arquivo de história da ciência do MAST*, Maria Celina de Mello e Silva (2008) ilustra esta situação referindo-se, em termos gerais, às coleções de museus, mas menciona também as bibliotecas dentro deste mesmo contexto:

Os museus trabalham com coleções. O que vimos até agora é que os documentos de arquivo não são colecionados, eles são produzidos pela instituição e existe legislação respaldando as atividades. Mas os museus colecionam documentos que, muitas vezes, foram retirados de seu contexto por diversas razões, e foram vendidos ou doados a museus, arquivos e bibliotecas. Assim, eles acabam sendo considerados como peças isoladas, recebendo tratamento individualizado. (SILVA, 2008, p. 65-66).

Ainda dentro do tema em pauta, a autora também destaca as funções das instituições museológicas, as quais assemelham-se às das bibliotecas no tocante aos seus arquivos:

Os arquivos de instituições museológicas, em geral, possuem essa dupla função: recolher e colecionar. O que percebo é que os arquivos de museus têm essas duas missões. [...] Esses documentos possuem valor histórico, valor este que não é mais aquele para os quais foram criados. O valor histórico é o que interessa [...], pois é um serviço

voltado para a área fim da instituição: pesquisa na área de história da ciência. E é o mesmo interesse histórico de outros museus também. (SILVA, 2008, p. 66).

Sabe-se que os acervos documentais são fonte de pesquisa historiográfica. Assim, nos documentos de arquivo residem os registros que possibilitam delinear a realidade de uma determinada época e seus mais variados contextos, e cabendo ao historiador interrogar estes registros e extrair destas fontes as suas nuances e significados.

Neste sentido, infere-se que, a partir do escrutínio dos acervos documentais das bibliotecas é possível associar-se, por exemplo, uma determinada realidade social local à instalação da instituição, à disponibilidade de obras, aos hábitos de leitura da época, entre outros fatores que se desejar explorar.

2.3 Os arquivos jornalísticos como fontes primárias

No campo da literatura e da história da leitura, as fontes primárias vão além do conceito formal de documento. Tal conceito, já apresentado anteriormente, é sintetizado por Bellotto da seguinte forma:

É qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, para atividade humana. (BELLOTTO, 2006, p. 35).

Entende-se, então, que todo e qualquer material de registro resultante da ação humana pode vir a ser considerado documento. Aliado ao entendimento de que as fontes primárias se estabelecem para contar a história (ZILBERMAN, 2003), postula-se que os documentos cumprem com este requisito, podendo serem considerados fontes primárias para a pesquisa historiográfica.

Entrosado a estas questões, é evidente que o conceito de documento engloba todos os fazeres da humanidade, inclusive sendo um veículo de informação, como é o caso dos periódicos oriundos do fazer da imprensa.

No contexto dos arquivos jornalísticos, Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello e Sonia Elisabete Constante, sintetizam, no texto *O jornal como documento/monumento para a recuperação e preservação da memória numa visão interdisciplinar*, o entendimento de fontes primárias, secundárias e terciárias da seguinte maneira:

A fonte é considerada primária se o material é original, secundária quando traz o resultado da interpretação e avaliação de uma fonte primária e terciária sempre que traz a reunião de dados resultantes de fonte primária e secundária. O jornal, por exemplo, quando tem como narrativa um artigo inédito, sem a intervenção de outro jornalista, é considerado como fonte primária; e, como secundário, um artigo baseado em uma retórica anterior, trazendo subsídios de outras fontes. (BARICHELLO; CONSTANTE, 2018, p. 83).

A partir deste entendimento, a prerrogativa para consideração do jornal como fonte primária reside na origem das narrativas constantes em seus artigos de maneira inédita, sem revisitar uma retórica anterior já veiculada. No entanto, o discurso jornalístico há de estar apoiado na veracidade dos fatos noticiados para que estas fontes possam se constituir em manancial de informação fidedigna para pesquisa.

Para fins de compreensão do conceito de discurso, toma-se como base a reflexão de Adriano Duarte Rodrigues (2012), em *Delimitação, natureza e funções do discurso midiático*:

O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. É claro que a mídia desempenha também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e a sua expressão final. (RODRIGUES, 2002, p. 217).

Já no tocante ao discurso jornalístico, no texto *O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso*, Reges Schwaab e Angela Zamin (2014) refletem:

O discurso jornalístico se caracteriza pela relação do material com o imaterial, das informações verbais e imagéticas, dos recortes de edição, da legitimação do lugar de quem enuncia, jornalista ou meio. Todo discurso se desenvolve amparado em um lugar de saber legitimado, portanto. E socialmente aceito. Em seus modos de dizer, o Jornalismo pode atuar na estabilização dos sentidos como

evidentes: as imagens dos fatos, os depoimentos, a narração, o ao vivo, o caráter pedagógico, a regularidade de cobertura, a linguagem. Elementos que concedem um efeito de eficácia ao que é notícia. (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 59).

Na obra *Teoria do jornalismo*, Felipe Pena (2012) esclarece que as fontes de informação podem ser oriundas do governo, ou de instituições ou associações ligadas ao poder. Neste caso são consideradas fontes oficiais, e podem, segundo o autor, serem fontes tendenciosas, valendo-se de interesse próprio para manipular a informação ou esconder fatos relevantes. As fontes podem, também, serem oficiosas, quando fornecem informações não autorizadas de um representante das esferas oficiais; e independentes, quando não possuem nenhuma ligação com estas, e sem associação direta com a adversidade.

Contudo, mesmo atento a estas classificações, a credibilidade do discurso jornalístico sempre deve poder ser chancelada mediante a apresentação ou disponibilização de documentos e demais mananciais complementares que comprovem os fatos noticiados (PENA, 2012).

De acordo com Barichello e Constante (2018), até a década de 1930 os jornais não eram aceitos como fontes de pesquisa histórica. Sua função era apenas serem instrumentos de difusão de informação noticiosa a serviço do cidadão. Para os historiadores, os registros eram demasiado fragmentados e dotados de interesses, fornecendo panoramas subjetivos e parciais da realidade. Este pressuposto foi revisto posteriormente, e a partir de então, com a renovação das práticas historiográficas voltadas à interdisciplinaridade e ao crescente interesse pela memória coletiva, o jornal passou a ser reconhecido como fonte.

Segundo Mônica Karawejczyk (2010, p. 132), no artigo *O jornal como documento histórico: breves considerações*, “os historiadores têm, cada vez mais, incorporado periódicos no seu arsenal de consulta, muitas vezes utilizando-os como fonte exclusiva”. Este fenômeno pode ser explicado pelo que postula Jacques Le Goff (2013), em *História e memória*, que vê o alargamento do conceito e da aceitação do documento enquanto fonte a partir dos anos 60, como causador do que chama de “revolução documental”, qualitativa e quantitativamente.

Le Goff (2013), contudo, alerta que esta revolução não deve se configurar num desvio do historiador do seu dever principal, que é a crítica ao documento enquanto monumento.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2013, p. 495).

Também nesta linha, em *A nova história cultural*, Lynn Hunt (2001) compactua com a análise, oferecendo seu ponto de vista ao chamar atenção para as possíveis manipulações dos documentos utilizados como fonte de pesquisa histórica, alertando que os mesmos podem ter sido escritos por autores com determinadas intenções. Neste caso, cabe ao historiador fazer uso de seu senso crítico, fundamento inerente ao método de pesquisa histórica.

Le Goff ressalta que:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. (LE GOFF, 2013, p. 496-497).

Neste contexto, o uso de jornais como fonte é um ato indissociável do referido senso crítico, afinal há sempre a possibilidade de dissonância entre o fato noticiado, a escrita e a leitura. Estes três elementos são rodeados de contextos que abarcam uma gama complexa, a qual foge à formalidade da produção de um documento que se vale dos princípios arquivísticos.

Para Barichello e Constante:

O jornal impresso é resultado das ações de uma entidade compósita, que compete ao campo da Comunicação apropriar-se do conhecimento teórico e prático das suas atividades jornalísticas. A aceitação do jornal como fonte de pesquisa, todavia, precisa de um exame crítico por meio da contribuição de conhecimentos de certas áreas científicas. Inicialmente é preciso ter acesso aos jornais, geralmente, custodiados por instituições arquivísticas ou bibliotecárias. (BARICHELLO; CONSTANTE, 2018, p. 83-84).

Um periódico, ao ser produzido, não possui razão de ser diferente daquela que é servir como manancial de notícia e informação. Logo, declarar estas produções como documento, e fonte, decorre de uma análise minuciosa que perpassa, inclusive a consolidação de acervos jornalísticos como patrimônio documental.

Barichello e Constante problematizam esta questão ao considerarem:

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) considera o jornal como patrimônio documental, entretanto, esse reconhecimento nunca foi um consenso. Por isso, entende-se que é necessário conhecer como as estórias que viram notícias são produzidas e publicadas para julgar se o jornal pode ser considerado uma fonte de pesquisa fidedigna. Isto é, como a informação está sendo disponibilizada pela instância de produção, considerando desde a entidade produtora e seu grupo de trabalho (atores) até a recepção. (CONSTANTE; BARICHELLO, 2018, p. 83).

Neste caminho não basta apenas ater-se à compreensão generalista de patrimônio, aquele ligado à ideia de herança, proveniência e respeito ao passado ou simplesmente algo tido como de valor histórico sob um leque de critérios. Embora seja muito comum o uso desta perspectiva para que determinadas fontes documentais sejam concebidas como patrimônio.

O patrimônio cultural é um elemento de caracterização sociocultural, de reconhecimento de identidade de determinado grupo de indivíduos, podendo ser material ou imaterial. Tal diferenciação é explicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de modo que se entende o patrimônio material como sendo:

[...] por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, **documentais**, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, s.d., grifo nosso).

Já o patrimônio imaterial é explicado remetendo-se:

[...] àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como

mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). [...] O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, s.d.).

Na obra *Tutela do patrimônio cultural brasileiro: doutrina jurisprudência, legislação*, Marcos Paulo de Souza Miranda (2006) explicita o caso do Brasil, em que o patrimônio cultural é referido na Constituição Federal de maneira bastante abrangente:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, 1988, art. 216).

Na amplitude do conceito dado pelo texto da Constituição Federal encontra-se englobado o patrimônio documental, pois a produção de documentos desempenha a importante tarefa de registrar ações para fins jurídicos e administrativos, e, cumprida esta finalidade, tais acervos podem vir a ser considerados como de grande relevância para a memória social ou institucional.

Tais conjuntos documentais consolidam-se, assim, como patrimônio documental, ou seja, são “documentos que constituem acervo e fonte de comprovação de fatos históricos e memoráveis” (MIRANDA, 2006, p. 67).

Diante do exposto, percebe-se que declarar um acervo documental como patrimônio, e conseqüentemente como fonte primária, perpassa uma série de procedimentos técnicos e de gestão documental, desde a produção do documento até a sua destinação final, eliminação ou guarda permanente. No caso de conjuntos documentais fadados à preservação, estes são considerados como de valor histórico a partir do processo de avaliação e seus instrumentos formais.

Contudo, nem sempre a aplicação destes critérios é possível, e é justamente nestes casos que reside a necessidade de vislumbrar determinados conjuntos documentais como patrimônio e, por conseguinte, fontes primárias.

Nestes casos, leva-se em consideração como critérios para atribuição de valor histórico e patrimonial a potencialidade de determinados acervos documentais serem de interesse público e cultural, além de perpetuarem a memória coletiva.

No tocante aos jornais enquanto documentos arquivísticos, Barichello e Constante (2018) consideram que a origem e a utilização dos mesmos devem ser levadas em consideração.

Partindo de sua origem, o jornal como produto resultante da atividade-fim de uma empresa jornalística, é conceituado como documento arquivístico no arquivo corrente e, se relevante ao pesquisador, é considerado um patrimônio documental em instituições de memória (arquivo permanente). É passível, portanto, de ser utilizado como fonte de pesquisa.

Por ser um patrimônio documental é crescente o emprego da fonte jornal em pesquisas e, conseqüentemente, interesse de acumulação em instituições de memória, sejam exemplares antigos, recentes ou mesmo de empresas que encerraram suas atividades. Mas, em razão de suas peculiaridades intrínsecas e extrínsecas é mantido como uma coleção, tratamento documental realizado pela biblioteca. (BARICHELLO; CONSTANTE, 2018, p. 100).

As autoras ainda perscrutam os jornais como objetos de estudo específico de cotidiano e mentalidades do passado e, por ser de interesse público deve estar sujeitos ao processamento técnico como documentos para fins de preservação e acesso.

Assim, valendo-se de jornais como fontes primárias, o historiador será o responsável pelo seu uso, conferindo estatuto científico e distinguindo o perdurável do efêmero, relatando os fatos encontrados e dando sentido aos mesmos com propósito, conforme trata Jean-Pierre Rioux (1999) no texto *Entre história e jornalismo*. Dessa forma fica evidenciado o papel da imprensa e o do pesquisador, pois a primeira tem o presente como seu objeto, enquanto o segundo busca descrever o passado.

Em *A crítica do acontecimento ou o fato em questão*, Maurice Mouillaud (2012) descreve a atualidade como sem memória, isto é, o tempo presente, em que o objeto da imprensa é produzido não se vale de valor histórico pelo fato de a mesma estar ligada à mesma época. No tocante à imprensa, os fatos se renovam e acabam por apagarem-se uns aos outros. O papel do historiador neste contexto é constituir a memória a partir de uma rigorosa seleção de fontes nos arquivos, identificando questões

preponderantes do passado e reescrevendo-o, pois “se a coleção não se constitui memória para o leitor, ela pode se constituir arquivo para o historiador” (MOUILLAUD, 2012, p. 95).

Conforme sintetiza Zilberman (2003), as fontes primárias estabelecem uma história. Não “a história”, mas “uma história”. Este pressuposto assinalado pela autora remete à subjetividade inerente à interpretação do pesquisador, seu entendimento e reconstrução.

Logo, tendo como premissa o uso de documentos como fontes primárias, é necessário ater-se aos conceitos que permeiam a entidade documental e sua valoração, já que o que se busca é uma ponte entre a origem e a atualidade, prescrevendo, quase sempre uma trajetória permeada, entre outros fatores, pela cronologia.

No âmbito desta abordagem, voltada às fontes primárias para a pesquisa histórica, esta premissa também é válida, dada a riqueza do corpo documental presente nas bibliotecas enquanto instituições. Tal documentação, mesmo quando à margem da gestão documental, encerra em si a relevância institucional e social necessária à sua consolidação como veículo de memória.

No tocante à imprensa periódica e sua infinidade de publicações, o mesmo raciocínio é possibilitado pela ampla gama de instrumentos à serviço da pesquisa, permitindo ao historiador o incremento necessário para atestar seus vislumbres de determinada época a partir de mais uma lente além daquelas estritamente formais oferecidas pelos documentos tradicionais.

Neste sentido, tendo-se o entendimento dos conceitos que orbitam o documento, sua potencialidade patrimonial e sua amplitude informacional, é possível compreender também a dimensão das fontes primárias e seu uso para a construção da história.

Contudo, o uso destas fontes está fadado à excelência somente mediante à garantia de acesso. Para Le Goff (2013), o que transforma o documento em monumento é a sua utilização para o poder. Esta premissa é compartilhada por Jacques Derrida (2001) em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, ao refletir que o arquivo significa poder e organiza a história dentro de seus próprios interesses, a fim de promover determinadas consequências, sejam elas sociais ou políticas. Mas sabe-se que o arquivo por si só não é capaz de atuar nestas frentes sem a figura humana, e o esquecimento e o

apagamento da memória, de que trata o autor, somente ocorrerá sem o acesso aos arquivos.

3 TRAJETÓRIA E EVOLUÇÃO DA IMPRENSA PERIÓDICA

3.1 Os primórdios da imprensa e seu surgimento no Brasil

Desde os primórdios, as civilizações que originaram e fizeram uso da escrita nos seus mais variados contextos, clamavam pelo consumo de informação, seja ela originária de atos burocráticos, comerciais ou simplesmente de âmbito pessoal, para registro, matéria de prova ou consulta.

A organização e a evolução da sociedade no decorrer da história trouxeram consigo um nicho de demanda de informação relativa à curiosidade inerente ao público, mesmo aquele que desconheceu a tipografia. Contadores de histórias davam conta deste processo de comunicação ao narrar grandes acontecimentos e descrever o mundo estrangeiro, algo que pode ser dito como equivalente ao trabalho que viria a ser feito pela imprensa no futuro, conforme Pierre Albert e Fernand Terrou (1990) explicam em sua obra *História da imprensa*.

Neste sentido, ao tomar a sociedade como uma máquina em constante evolução, é possível vislumbrar os antecedentes da imprensa mediante a necessidade de informação, sendo este um fator decisivo e cada vez mais requerido em razão dos avanços sociais e intelectuais que permearam o desenvolvimento humano.

De modo natural, após o surgimento das primeiras tipografias, a imprensa passou a exercer um papel de grande relevância na sociedade. Para além de manancial de informação, também passou a ser um motor para a formação de opinião frente aos mais variados contextos políticos, sociais e econômicos existentes ao longo da história, submetendo-se, muitas vezes às mordaças impostas pelas autoridades e governantes.

Albert e Terrou (1990) trazem como antecedentes do surgimento da imprensa periódica fatos que tomam como mais precisos por serem mais imediatos na linha da história da humanidade como um todo. Entre eles estão a necessidade de informação, acentuada a partir de uma série de fatores políticos, econômicos e intelectuais desencadeada no século XV. Aliado a isso, a instalação dos primeiros serviços postais de Estado, principalmente na França e Inglaterra, e a invenção da tipografia permitiram uma rápida difusão

de textos impressos, os quais podiam ser reproduzidos rapidamente, ao contrário dos manuscritos que anteriormente veiculavam notícias na forma de serviços de correspondência. Tais serviços alcançavam principalmente os príncipes e negociantes que circulavam pelos entroncamentos comerciais europeus, principalmente na região de Veneza, na Itália.

Ainda segundo os autores, ao final do século XV, as gazetas surgem como outro importante antecedente da imprensa periódica, já que eram editadas em pequenos cadernos, por vezes até mesmo ilustrados, contendo notícias e avisos, sendo vendidas em livrarias ou por ambulantes nas grandes cidades. Seguiram-se às gazetas, os pasquins, que relatavam fatos extraordinários, crimes, catástrofes e até mesmo conteúdo de ordem sobrenatural. Já os libelos, por sua vez, eram folhas que fomentavam polêmicas religiosas e políticas, suscitando as primeiras formas de repressão e censura por parte da legislação europeia, partindo dos poderes eclesiásticos e civis. Os autores salientam que as gazetas, os pasquins e os libelos denotam claramente as três principais funções do jornalismo: a informação sobre fatos da atualidade, o relato de pequenos eventos do dia-a-dia, e a expressão da opinião.

Posteriormente, os primeiros impressos periódicos destacados por Albert e Terrou (1990) foram os almanaques, derivados de calendários; e as cronologias regulares, estas anuais ou semestrais, consistindo em textos que relatavam os principais acontecimentos deste período. Os autores explicam que, ao contrário do que se possa pensar, o surgimento de periódicos impressos não suprimiu a existência de escritos informativos não-periódicos, tendo, por exemplo, as notícias à mão se desenvolvido ao longo dos séculos XVII e XVIII. Outrossim, os noticiaristas e gazeteiros cumpriram papel fundamental neste período, de modo a complementar a rede de informação criada pela distribuição de impressos no seio europeu.

Para Francisco Rüdiger (1993), na obra *Tendências do jornalismo*, o jornalismo que assumia uma prática social se estabeleceu ao final do século XVII, sendo esta a época em que os serviços de correio privado e as folhas volantes surgidas nos séculos anteriores passaram a dar lugar a publicações periódicas veiculadas por editoras especializadas. O autor destaca que este fenômeno é objeto da historiografia marxista, que o trata como algo ligado ao

desenvolvimento do capitalismo comercial e ascensão da burguesia; em contraponto com a weberiana, que defende que os jornais guardam relação com o processo de construção do Estado Moderno, não sendo um produto do capitalismo. Estas correntes, segundo o autor, afluem de modo a demonstrar que a imprensa cumpre papel determinante na revolução comercial, a qual demandava trânsito não só de mercadorias, mas também de informação. Ao mesmo tempo, no campo político, os periódicos patrocinados direta ou indiretamente pelo Estado passaram a fomentar a veiculação sistematicamente aberta de informações, possibilitando às autoridades governamentais o vislumbre da imprensa como um eficiente meio de formar e controlar a opinião da sociedade, exercendo poder sobre a mesma.

Contudo, Rüdiger (1993) explica que a estratégia de se utilizar da imprensa para estabelecer um vínculo com a classe letrada ascendente resultou na progressiva politização da burguesia e sua consequente conscientização de classe antagônica ao regime. Neste sentido, a imprensa crítica e independente que se estabeleceu a partir de então passou a ser uma peça essencial no tocante às revoluções burguesas.

O surgimento do jornalismo moderno, propriamente, data desta conjuntura, quando se forma pela primeira vez a figura da redação. Nessa época, os periódicos começaram a conquistar autonomia relativa ao negócio da casa editora. As facções políticas passam a concorrer para sua publicação, assumindo a responsabilidade pela redação. Assim, as preocupações econômicas caem para segundo plano. Os jornais não vivem mais para o mercado, mas para a esfera da opinião pública, servindo de porta-vozes dos partidos e fórum de discussão da sociedade civil. (RÜDIGER, 1993, p. 11).

No âmbito do Brasil, Rüdiger (1993) explica que o surgimento da imprensa se situa neste mesmo modelo. Ao revogar as medidas que proibiam atividades editoriais no período colonial em 1808, o recém chegado Dom João VI instala a Imprensa Régia, passando a publicar a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que de acordo com o autor, foi o primeiro jornal brasileiro, surgido sob patronato do Estado.

Contudo, em *O nascimento da imprensa brasileira*, Isabel Lustosa (2004) considera que o *Correio Braziliense* foi, de fato, o primeiro jornal brasileiro, sendo publicado a partir de 1º de junho de 1808 em Londres por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça. A designação “*braziliense*” dizia

respeito a como eram chamados os portugueses nascidos ou estabelecidos no Brasil, e vinculados ao país como à sua verdadeira pátria. Ao batizar seu jornal desta forma, Hipólito expressava sua intenção de enviar sua mensagem aos leitores do Brasil.

A maior parte do jornal era dedicada à publicação de documentos relativos aos acontecimentos que iam pelo mundo afora, além de notícias que o jornalista colhia nas gazetas internacionais. Esse era o noticiário mais atualizado possível que poderia chegar ao Brasil.

[...]

Era para informar os brasileiros do que se passava no mundo, para influir sobre seus espíritos direcionando-os no sentido das ideias liberais, para chamar a atenção para o caráter daninho do Absolutismo ou de qualquer forma de despotismo que Hipólito escrevia. Por isso boa parte do jornal era dedicada a comentar e a criticar as autoridades portuguesas e os seus equívocos administrativos. (LUSTOSA, 2004, p. 16-17).

Assim, infere-se que a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal impresso no Brasil, enquanto que o *Correio Braziliense* foi o primeiro jornal efetivamente brasileiro, embora editado no exterior. Todavia, de acordo com Marco Morel (2018), em sua obra *Os primeiros passos da palavra impressa*, estes não foram os primeiros jornais a serem lidos regularmente no Brasil. Segundo o autor, a *Gazeta de Lisboa* circulava pela América portuguesa, inclusive no Rio de Janeiro, desde 1778.

O mesmo ocorria com as demais publicações impressas em Portugal e outras partes da Europa, como os 15 periódicos existentes durante o governo (1750-1777) do marquês de Pombal ou os 9 que circulavam em Portugal em 1809: tratando de divulgação de cultura e utilidades, eram noticiosos, científicos, literários e históricos – e lidos pelos portugueses da Península e da América. Ou seja, havia jornais produzidos na Europa e normalmente recebidos no Brasil pelo menos desde o século XVIII. (MOREL, 2018, p. 30).

Contudo, apesar desta imprensa periódica veicular informações, opiniões e ideias, até 1808 não praticava quaisquer tipos de debates e divergências de ordem política no contexto absolutista português. Posteriormente, com o surgimento de espaços voltados à crítica e a julgamentos políticos desvinculados do seio governamental, instaura-se a chamada opinião pública (MOREL, 2018).

Neste contexto, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi lançada em 10 de setembro de 1808, nos moldes da *Gazeta de Lisboa*. Tratava-se de uma folha

oficial que trazia a público os decretos e demais assuntos relacionados à família real, além de noticiário internacional, “com as informações filtradas pela rigorosa censura da Imprensa Régia de forma que nada que lembrasse liberalismo ou revolução alcançasse as vistas sugestionáveis dos súditos da coroa portuguesa” (LUSTOSA, 2004, p. 20).

Neste mesmo período, no âmbito das Américas, que já imprimiam desde o século XVI a partir da chegada dos europeus, todas as iniciativas de imprensa sofriam vigilância e repressão das autoridades, fazendo com que a densidade de material existente fosse bastante esparsa. No Brasil, esta prática não era diferente, cabendo ao poder civil e também ao poder eclesial as vezes de censores, utilizando-se de parâmetros religiosos, políticos e morais (MOREL, 2018).

Milanesi (1998, p. 29) postula que após a constituição da Imprensa Régia, “sob a tutela da Corte, só em 1808 foram editados 37 títulos e até 1822, 1154”. Neste sentido, o autor explica que a permissão e a implementação de novas tipografias não alavancaram somente o surgimento de novos jornais, mas também fizeram com que a imprensa se tornasse um veículo fundamental num processo de difusão de ideias através da circulação de folhetos e livros.

Embora no âmbito da imprensa periódica tenha-se como marco do seu surgimento a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, Morel (2018, p. 24) afirma que “antes mesmo de 1808, foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro”. Destes, além de livros, contavam-se outros impressos, como relatos de festejos e acontecimentos, antologias e textos variados com narrativas históricas, poesias, sermões, literatura em prosa, entre outros.

Por algum tempo historiadores debateram, sem chegar a conclusões efetivas, sobre a existência de prelos em Pernambuco durante a ocupação holandesa no século XVII, prevalecendo a tendência de negar a presença dessa atividade no território pernambucano. Da mesma forma quase não ficou registro de um impressor que, em Recife, 1706, estampou letras de câmbio e orações devotas. E quarenta anos depois, no Rio de Janeiro, uma tipografia, de Antonio Isodoro da Fonseca, chegou a publicar quatro pequenas obras. Ambas tentativas foram abortadas pela coerção das autoridades. Além dessas experiências tênues, vale lembrar as quatro tipografias instaladas pelos jesuítas no começo do século XVIII na região das Missões no sul do continente americano: localizavam-se próximas aos rios Paraná e Uruguai, em territórios que hoje pertencem à Argentina e ao Paraguai, área contígua às fronteiras com o Brasil. Os

impressos aí produzidos por tipógrafos (que eram índios guaranis) circularam entre os demais aldeamentos, inclusive os situados em região hoje brasileira. (MOREL, 2018, p. 24).

Percebe-se que, mesmo com o elevado número de referências que tratam do surgimento da imprensa no Brasil a partir de 1808, o autor apresenta um apanhado que corrobora com sua análise posterior: a de que a transformação social e as mudanças nas relações de poder serviram como base para que a circulação de palavras e transmissão de informação tivessem sua urgência decretada, a despeito do vazio cultural, este bastante questionável, e que no geral é tido como o contexto principal para o advento da imprensa no Brasil.

Desta forma, a circulação impressa teve como mote alcançar amplamente a sociedade em todos os seus círculos e setores, de modo a não se restringir somente aos letrados. Morel (2018) alega também que a primeira geração da imprensa periódica brasileira se inseria numa cena pública complexa, mas que além disso também se via envolta à tradição de atividades impressas portuguesa, sofrendo grande influência desta. Neste contexto, o autor questiona a noção que considera demasiado simplista, de que o florescimento da imprensa brasileira se deu somente em contraponto às repressões do absolutismo.

No tocante ao cerceamento ao fluxo de informação advindo das atividades de imprensa, Morel (2018) conta que à despeito das ferramentas oficiais, práticas comuns à época alavancavam a difusão da informação para além da palavra impressa. A oralização na forma de leituras em voz alta e coletivas marcaram a história da imprensa periódica, bem como a circulação de manuscritos na forma de correspondências e como fruto das atividades de copistas. Neste contexto, em *Por uma imprensa livre: a luta dos jornais rio-grandinos contra o cerceamento à liberdade de expressão*, Francisco das Neves Alves (2004) destaca que, desde a Carta Régia de 5 de fevereiro de 1811, que autorizou o funcionamento de tipografias no Brasil com atividades fiscalizadas e sob forte censura por parte das autoridades governamentais, a coerção à imprensa teve uma série de outras medidas pontuais que se aperfeiçoaram.

Dentre outras tantas medidas legais que regeram a atuação da imprensa, Alves (2004) estabelece que o decreto promulgado em junho de 1822 por D. Pedro, às vésperas da independência, e baseado na “suprema lei da salvação pública”, foi um marco negativo. Este decreto inaugurou a tradição de se coibir a imprensa em nome da ordem, da tranquilidade e da união, evitando, assim, doutrinas subversivas e ideais dissociáveis. Dava-se, então, a caracterização dos ditos crimes de imprensa, bem como a exigência da identificação de autores, editores e impressores de todo material que circulava à época.

Após a independência do Brasil, Rüdiger (1993) descreve que grandes modificações ocorreram no campo da imprensa, como o advento de publicações independentes que cumpriram papel decisivo nas lutas políticas, com as classes dominantes utilizando-se dos meios de publicidade para criticar os resíduos do colonialismo e assegurar a presença da elite no poder de Estado.

O jornalismo brasileiro se formou dentro desse movimento político, que coincide com o próprio processo de construção do Estado Nacional. Durante esse período, que se estende até meados do século, as forças políticas descobriram o emprego da imprensa na formação da opinião e os políticos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas; surgiram as primeiras redações e o jornalismo elaborou seu conceito no País. (RÜDIGER, 1993, p. 11).

Na obra *História da imprensa no Brasil*, Nelson Werneck Sodré (1999) aprofunda o vislumbre político e social pós-independência e expõe a problemática da imprensa dentro deste cenário:

Alcançada a Independência, com a proclamação de setembro de 1822, o problema sofre nova alteração: a unidade que se forjara para conseguir a separação cessa. É outro o problema, agora: é o da estruturação do Estado, problema de poder. Direita e esquerda que, quanto ao problema da Independência, trabalhavam no mesmo sentido, separam-se nitidamente. A direita age logo, e a concedida liberdade de imprensa é praticamente anulada. Não só por atos do poder, que se sucedem, como por atentados a jornalistas, que se repetem.

[...]

No processo de que se gera, a pouco e pouco, a separação entre a colônia e a metrópole, confundem-se os dois problemas: o da Independência e o da liberdade. (SODRÉ, 1999, p. 46-47).

Segundo Alves (2004), a Constituição do Império do Brasil, outorgada em 1824, garantiu a ampla liberdade de expressão, embora trouxesse ressalvas sobre possíveis abusos. Estes deveriam ser determinados por leis complementares, o que gerou desentendimentos acerca de julgamentos e punições. Neste cenário, a promulgação da Lei da Liberdade de Imprensa, em 1830, veio a consolidar diversas questões que anteriormente eram dúbias ou omissas, sendo a mesma incorporada ao Código Criminal do Império. Desta forma, a proteção dos direitos autorais, e a condenação por calúnia e injúria se tornaram possíveis, mantendo-se também todo o aparato que versa sobre a observância dos preceitos morais e religiosos, sempre presentes nos dispositivos que antecederam esta lei.

Entre 1830 e 1850 a imprensa brasileira encontrou na realidade política condições para se tornar influente, sendo este seu grande momento até então, embora este tenha sido um período de fraqueza técnica, produção artesanal e distribuição restrita (SODRÉ, 1999).

Ana Luiza Martins (2018) ilustra este cenário no decorrer do texto *Imprensa em tempos de Império*:

As lentes da política presidem as novas páginas periódicas abertas com o Segundo Reinado, assinadas em sua maioria por servidores do trono. Política e imprensa se conjugam, a serviço dos partidos – Conservador ou Liberal – atrelados a grupos familiares, condicionados a seus interesses econômicos e afinidades intelectuais. Em geral, os partidos e respectivas famílias se fazem representar por meio de um jornal, demarcador de suas posições, ambições e lutas. (MARTINS, 2018, p. 48).

Segundo Alves (2004), durante a transição para a República, os avanços de ordem crítica-opinativa na imprensa resultaram na multiplicação do número de jornais político-partidários pelas províncias. Por conta deste fenômeno, uma série de medidas decretadas à época das Regências culminou na manutenção de um controle rigoroso por parte das autoridades governamentais.

Passada a crise do período, esta característica da imprensa tendeu a suavizar-se, e durante todo o Segundo Reinado o Código Criminal de 1830 permaneceu vigente. A partir do final da década de 1840, a Monarquia

Brasileira se caracterizou pela garantia de uma ampla liberdade de expressão para a imprensa brasileira (ALVES, 2004).

A partir do estabelecimento da República, a legislação sofreu alterações no sentido de coibir a liberdade de imprensa em nome da defesa do Estado. Somente a partir da promulgação da primeira Constituição Republicana, em fevereiro de 1891, seria garantida a plena liberdade de imprensa, porém com a proibição do anonimato, no sentido de que a livre manifestação era garantida, resguardados os abusos previstos em lei. Entretanto, diante do autoritarismo característico dos primeiros governos republicanos, a imprensa passou por um de seus períodos de maior controle e cerceamento, evidenciado por um decreto de 1893, durante a Revolução Federalista e a Revolta Armada. Estes movimentos se tornaram a justificativa para a coerção da imprensa no país (ALVES, 2004).

Percebe-se, então, que desde seu surgimento em solo brasileiro, a imprensa se consolidou como uma base sólida para a difusão da informação e formação da opinião pública, fator este que logrou decisivo para que as autoridades trabalhassem em torno de um rigoroso controle, sobretudo até as balizas do século XIX, época em que reside o escopo desta pesquisa.

Assim, nos trilhos deste arrazoado histórico, toma-se adiante, como foco, o desenvolvimento da imprensa sul-rio-grandense, em especial os três jornais que servem como manancial para este estudo.

3.2 A imprensa periódica rio-grandense: o *Diário do Rio Grande*, o *Artista* e o *Eco do Sul*

No Rio Grande do Sul, a formação do Estado Nacional Brasileiro e todo o contexto político que envolve este processo, serviram como base para o surgimento da imprensa. Sua evolução é ligada diretamente à formação histórico-política do estado (ALVES, 1995).

Rüdiger (1993) corrobora ao contextualizar que a gênese da imprensa na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul está ligada ao processo político que culminaria na Revolução Farroupilha. Neste cenário surgiu o *Diário de Porto Alegre* em 1827, patrocinado pelo presidente da província, Salvador José Maciel.

A sociedade gaúcha havia progredido, e seu grau de desenvolvimento econômico, político e social fez surgir um considerável público letrado, fato que demandou a sistematização da difusão da informação, a fim de evitar que circulassem boatos e contradições que pudessem atentar contra o exercício do Governo (RÜDIGER, 1993).

Neste contexto, não constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha. Nas páginas dos jornais se gestaram as ideias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento.

[...]

As tipografias constituíam em pontos de reunião das facções políticas, que encarregavam seus membros de redigirem os periódicos. (RÜDIGER, 1993, p. 15).

O autor, no entanto, afirma que os jornais que circularam neste período não se constituíam de fundamentos jornalísticos, já que foram criados como artefatos táticos e não possuíam valor consistente, sendo meios de difusão ideológica originários de circunstâncias políticas.

Para Francisco das Neves Alves (1995), em *Uma introdução à história da imprensa rio-grandina*, a evolução da imprensa neste cenário deu-se de modo a atender interesses de ambos os lados:

[...] durante a Revolução Farroupilha, serviu para defender os princípios tanto de rebeldes quanto de legalistas; com a pacificação, contribuiu na busca da estabilidade e na afirmação do espírito de “brasildade” e, posteriormente, a partir da consolidação do Império, refletiu os debates entre liberais e conservadores e os conflitos entabulados no Prata; propagou os ideais republicanos e, com o advento da nova forma de governo, veiculou as ideias e práticas dos grupos, cujo confronto resultaria na Revolução Federalista, guerra civil que deixaria suas marcas por toda a República Velha. (ALVES, 1995, p. 16).

O autor coloca a Revolução Farroupilha não só como um mote de sentido político único e mais nitidamente demarcado no Brasil à época, mas também como um acontecimento capital ao redor do qual a imprensa permaneceu, servindo unilateralmente a todas as forças envolvidas.

Nesse contexto, tanto os legalistas quanto os rebeldes farroupilhas organizaram uma série de jornais, através dos quais defendiam suas ideias e atacavam-se mutuamente. Muitas vezes a criação de um determinado jornal se devia basicamente à necessidade de resposta de um grupo em relação a seu adversário, num processo de ação e

reação que multiplicou rapidamente o número de folhas através da província. (ALVES, 1995, p. 21).

O desenvolvimento da imprensa rio-grandense deu-se de maneira lenta e gradual, dadas determinadas dificuldades que os jornais enfrentavam, como por exemplo a falta de um local próprio para a redação. Nestes casos, o redator escrevia em sua própria casa e levava a uma tipografia, ou utilizava-se de um prelo próprio. Não era incomum que ele mesmo fizesse também a revisão e distribuição. A distância do centro do país também se configurava como um empecilho para a obtenção de informações. Neste contexto, os semanários tiveram destaque dentre as publicações periódicas, sendo considerados de igual importância que os jornais diários. Estes últimos eram, obviamente, veículos de notícias publicadas de maneira defasada (ALVES, 1995).

Apesar dos avanços da imprensa periódica rio-grandense em diversos quesitos, a limitação do público era persistente, sendo o acesso aos jornais uma atividade restrita aos letrados e pessoas com maior poder aquisitivo. Estes fatores eram decisivos para a sustentação de um jornal, pois a manutenção das publicações e recursos humanos e materiais eram de custos relativamente altos (ALVES, 1995).

De acordo com o autor, a repressão também se configurou como uma barreira significativa para os jornais rio-grandenses, pois além de terem de submeter-se à legislação vigente, já bastante controladora, também sofriam fiscalização direta de mandonistas locais que promoviam, até mesmo, censura policial e prisão de jornalistas. Ao explicar este cenário, Alves (1995) esclarece que, mesmo diante de tais situações, a imprensa rio-grandense conseguiu se consolidar apoiando-se no seu papel de agente político, promovendo debates partidários e difusão cultural.

No tocante à cidade do Rio Grande, Alves (1995) postula que os jornais locais tiveram grande relevância e desempenharam importante papel na consolidação da imprensa do estado, e destaca três folhas rio-grandinas que tiveram relativa perenidade em sua existência e significativa relevância no âmbito da história da imprensa sul-rio-grandense:

A cidade do Rio Grande possuiu notável tradição na lide jornalística, no contexto sul-rio-grandense, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos. Nela surgiram algumas das primeiras e mais longevas

folhas do Rio Grande do Sul, com jornais como o *Diário do Rio Grande*, *O Artista* e o *Eco do Sul*, que perduraram por décadas. (ALVES, 1995, p. 9).

Francisco das Neves Alves (2002), na obra *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*, detalha o histórico destas três folhas locais. Em complemento, Alves (2005) também apresenta dados específicos sobre cada uma delas em *A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico*.

O *Diário do Rio Grande* foi fundado em 16 de outubro de 1848 e circulou até o ano de 1910. Este jornal constituiu-se num dos mais significativos do estado, tendo garantido uma circulação regular por um longo período, o que lhe permitiu se autoproclamar como decano da imprensa do Rio Grande (ALVES, 2002).

De gênero noticioso, comercial e político, e estilo informativo, crítico e opinativo, o *Diário do Rio Grande* possuía tipografia própria e era publicado em um caderno de quatro páginas. Teve com proprietários Antônio José Caetano da Silva (1848); Antônio Estevam de Bitancourt e Silva (1854-1876, 1877-1880); Francisco Maurício Gonçalves (1876); Zacarias de Salcedo e herdeiros (1892); e Frediano Trebbi e Boaventura Lopes (1908) (ALVES, 2005).

Ao longo de sua existência, o *Diário do Rio Grande* defendeu os ideários partidários conservadores desde sua criação até o ano de 1877, quando passou a apoiar o Partido Liberal. A partir de 1889, com o advento da República e após um período de indefinição editorial, desencadeou-se o processo que levaria ao encerramento da sua circulação (ALVES, 2002).

Apesar dos vínculos partidários mantidos pelo *Diário do Rio Grande*, o jornal adaptou uma característica discursiva supostamente apolítica, vindo a manifestar suas inclinações somente em ocasiões específicas, como inversões partidárias ou campanhas eleitorais. Estes moldes visavam demonstrar que a folha era um representante da imprensa dita séria, que primava essencialmente pela prestação de serviços informativos à população de modo a formar a opinião pública pela primazia da notícia (ALVES, 2002).

Todavia, o *Diário do Rio Grande* viria a romper com estes pressupostos durante o ano de 1910, quando se lançou numa ferrenha campanha política em favor de uma das frentes em disputa, permanecendo no confronto mesmo após

sua derrota. Neste período, o jornal fugiu da sua proposta original de praticar um jornalismo sério, o que culminou numa grave crise por conta da redução do número de anúncios comerciais em suas páginas. Tendo em vista que a publicidade, seguida das assinaturas, era o meio mais importante das bases de sustentação da folha, o agravamento do declínio financeiro, ligado à quebra de sua tradicional linha de conduta e falta de adaptação aos novos motes do jornalismo empresarial, culminou no desaparecimento do *Diário do Rio Grande* em 19 de outubro de 1910 (ALVES, 2002).

Assim, o *Diário do Rio Grande* representou a folha rio-grandina que melhor se adaptou à necessidade do autocontrole discursivo, tendo em vista o equilíbrio com os interesses comerciais, notadamente durante o período imperial; já com a República, o jornal até certo ponto perderia o seu norte editorial. Conseguiria ainda sobreviver por duas décadas, de forma cada vez mais precária, até romper de vez com a sua conduta de representante da imprensa séria e não mais resistir ao processo de concentração jornalística, pelo qual só as folhas mais bem organizadas em termos empresariais adaptaram-se. Encerrava-se, desta maneira, a circulação do “decano” da imprensa gaúcha, que, por sessenta e dois anos, através do primado da notícia, intentou prestar os mais relevantes serviços à comunidade rio-grandina e sul-rio-grandense. (ALVES, 2002, p. 208).

Por sua vez, o *Artista* foi fundado em 15 de setembro de 1862 e perdurou até o ano de 1912. Nas suas origens como semanário, o jornal possuía características que o aproximava dos representantes da pequena imprensa, e em seus primeiros números sua proposta era de defender os interesses dos artífices e fomentar a criação de associações desta classe a fim de combater o domínio dos poderosos e aristocratas. No entanto, nos anos seguintes o *Artista* passaria por consideráveis mudanças tipográficas e editoriais, tornando-se um dos mais importantes jornais rio-grandinos (ALVES, 2002).

O *Artista* foi uma folha de gênero político, comercial e noticioso, e estilo informativo e crítico-opinativo. Inicialmente não possuía tipografia própria, utilizando-se da pertencente ao *Eco do Sul*. Foi publicado na forma de um caderno de quatro páginas e teve como proprietários Guimarães, Lemos, Cunha, Mello e Cia. (1862); Guimarães, Lemos, Cunha, Mello e Cia. (janeiro de 1863); Cunha & Mello (março de 1863); Antonio da Cunha Silveira (1866); Franklin da Fonseca Torres (1888); e Frediano Trebbi (1911) (ALVES, 2005).

Desde sua criação, a folha manifestou inclinações partidárias voltada ao ideário liberal, o que se tornou ainda mais enfático a partir de sua afirmação como jornal diário. A exemplo do *Diário do Rio Grande*, o *Artista* adotou em seu discurso uma estratégia de exposição político-partidária apenas em períodos demarcados, visando um equilíbrio com seus interesses comerciais. Por seu intento em ser um representante da imprensa séria, a conduta jornalística adotada era de não tecer discussões apaixonadas e de interesse pessoal, e sim promover o debate de princípios e ideias. Suas manifestações em períodos eleitorais ou de inversão partidária eram feitas de modo sistemático e didático, no intuito de convencer seu público de sua construção discursiva. (ALVES, 2002).

Com o advento da República, o *Artista* viria a sofrer uma ruptura em sua linha editorial, fase em que sua conduta discursiva flutuou entre a neutralidade e a completa indefinição partidária. Entre breves períodos de recuperação, o jornal entraria em uma crise que levaria ao seu desaparecimento, após retomar veementes pronunciamentos político-partidários. O número de anúncios diminuiria vertiginosamente, e o quadro de dificuldades financeiras e administrativas viria a decretar o encerramento das atividades do *Artista*, que deixou de circular em 21 de agosto de 1912 (ALVES, 2002).

Assim, o *Artista*, que desde os seus primórdios tinha por proposta um apoio ao liberalismo, ao passo que se afirmou como uma folha de circulação diária, sistematizou esta vinculação partidária, de modo a assumir uma feição doutrinária, num processo de construção/desconstrução discursiva quanto a liberais e conservadores. [...] Já a partir da República, desencadeou-se uma ruptura neste modelo discursivo, de maneira que o diário apresentou diversas posturas, [...] até apresentar-se como neutro diante das disputas partidárias, adotando uma conduta de profundo silêncio político. Ao lado desta desarticulação discursiva, chegando a passar por uma fase de indefinição editorial, a folha enfrentava dificuldades crescentes tendo em vista a difícil adaptação à nova etapa de concentração em que vivia o jornalismo brasileiro. Desorganização discursiva e crise financeira, agravadas durante a última e “temporária” fase assumida pelo periódico, na administração de seu derradeiro proprietário, levou o *Artista* a um caminho sem volta que culminaria com a sua extinção em 1912. (ALVES, 2002, p. 269).

O *Eco do Sul*, uma das mais longevas folhas sul-rio-grandenses, foi fundado na década de 1850 na cidade de Jaguarão, sendo deslocado para o

município do Rio Grande em outubro de 1858 e mantido em circulação até o ano de 1934 (ALVES, 2002).

De gênero político, noticioso e comercial, e estilo crítico-opinativo e informativo, o *Eco do Sul* possuía tipografia própria, sendo publicado como um caderno de quatro páginas. Teve como proprietários Pedro Bernardino de Moura (1858); uma associação (1880); Guimarães, Oliveira & Cia. (1889); Alfredo Rodrigues de Oliveira e herdeiros (1890) (ALVES, 2005).

Em sua longa trajetória, o jornal conviveu com marcantes momentos que demarcaram a evolução histórica e política do Rio Grande do Sul. Inicialmente adotou um posicionamento crítico às coligações, mas posteriormente optou por manifestar uma orientação, filiando-se ao Partido Conservador e tornando-se um “órgão partidário” de sustentação aos conservadores e oposição aos liberais. Com o advento da República, o *Eco do Sul* manteve sua conduta embasada no partidarismo, inicialmente apoiando o novo Governo, mas logo após assumindo uma postura de oposição (ALVES, 2002).

Esta resistência culminou em perseguições que iam além das determinações governamentais expressas na legislação que restringia a liberdade de imprensa, fazendo com que o *Eco do Sul* suspendesse sua circulação entre 6 de abril de 1894 e 1º de setembro de 1895, ao final do conflito federalista. Uma nova suspensão nas publicações deu-se em 21 de março de 1897, após suas veementes manifestações anti-castilhistas, e durou até o dia 30 de setembro daquele mesmo ano. Sua conduta editorial viria a ser revista somente ao final da década de 1900, com o objetivo de adaptar-se à nova fase jornalística, tornando-se uma folha “independente” de vínculos partidários. Desta proposta deveria aflorar um jornal com um discurso cujo interesse para com a política seria apenas o de discutir, alheio a questões pessoais e assumindo cada vez mais as feições do jornalismo contemporâneo. Seus últimos meses de circulação cobriram amplamente os acontecimentos europeus que marcariam a preparação para a II Guerra Mundial, mas a folha veio a sucumbir e encerrou suas atividades em julho de 1934 (ALVES, 2002).

Assim, o *Eco*, que durante os seus primeiros tempos de circulação censurou as políticas conciliatórias e de coligações entre elementos dos diferentes partidos, acusando-os de só levar em consideração as

conveniências e os interesses pessoais e não os princípios partidários, ao final da década de sessenta definia claramente suas convicções, optando por defender as práticas e o pensamento do Partido Conservador.

[...]

Durante os primeiros meses da República o periódico optou por prestar um apoio praticamente incondicional aos novos detentores do poder, buscando manter nos liberais a representação do inimigo político [...].

Porém, em seguida, o diário rio-grandino viria a romper com os governantes republicanos, tendo em vista o caráter autoritário assumido por estes; a partir de então, colocava-se na oposição e como um batalhador pela causa da “verdadeira república”, que estaria sendo deturpada por aqueles. Neste quadro, o jornal tornava-se um ferrenho inimigo do castilhismo, bem como dos governantes federais que sustentavam as pretensões de Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul.

[...]

Como folha “independente” e com uma proposta apolítica, o *Eco* não se rendeu, no entanto, ao governismo e permaneceu, mesmo que de forma implícita, consistindo num adversário do castilhismo-borgismo.

[...] Assim, o *Eco do Sul*, emitindo a sua opinião sobre os mais diversos eventos que marcaram a vida política nos quadros regional e nacional, ao longo de quase oito décadas de existência, constituiu-se numa das mais combativas folhas do jornalismo sul-rio-grandense. (ALVES, 2002, p. 362-363).

Diante da contextualização acerca dos primórdios da imprensa, seu surgimento e evolução no âmbito nacional, rio-grandense e rio-grandina, foi possível compreender o contexto que cerca a existência dos três periódicos que municiam este estudo, seus alinhamentos políticos, características discursivas e sua inserção no meio social e jornalístico da época em que circularam.

Neste sentido, acredita-se que todos os aportes teórico-metodológicos abordados até aqui serviram como alicerce para o entendimento das análises que serão apresentadas adiante, as quais se depreendem da coleta de dados realizada e dão consecução aos objetivos desta pesquisa.

4 A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE NA IMPRENSA PERIÓDICA RIO-GRANDINA (1878-1898)

Neste capítulo são apresentadas as análises descritivas advindas dos dados angariados nos jornais *Eco do Sul*, *Diário do Rio Grande* e *Artista*. A coleta de dados realizada nestes periódicos demonstrou que, entre 1878 e 1898, houve inserções referentes aos aniversários da Biblioteca Rio-Grandense nas suas publicações dos meses de agosto na maior parte dos anos deste recorte.

O *Diário do Rio Grande* apresentou dados relevantes à pesquisa somente a partir do ano de 1882. Daí em diante, apenas entre 1889 e 1890 não houve nenhuma menção aos aniversários da instituição. No total, foram obtidas 63 ocorrências pertinentes.

O *Artista* também ofereceu subsídios à pesquisa somente a partir do ano de 1882. No restante do período, os anos de 1887, 1889 e 1890 nada apresentaram. Foi encontrado um total de 53 ocorrências relevantes.

No tocante ao *Eco do Sul*, além dos períodos em que sua circulação foi suspensa, de abril de 1894 a setembro de 1895 e de março a setembro de 1897, apenas em agosto de 1878, 1880, 1881 e 1890 não foi evidenciado nenhum conteúdo atinente às passagens de aniversário da Biblioteca Rio-Grandense. Foram encontradas, no total, 61 ocorrências conexas ao escopo da pesquisa.

Assim, a análise de dados perscruta um quantitativo absoluto de 177 inserções. O Quadro 1 arrola o número de ocorrências encontradas em cada jornal nos respectivos anos. O Gráfico 1 ilustra a proporção entre os números de ocorrências obtidas em cada um dos três jornais, enquanto o Gráfico 2 apresenta o detalhamento do quantitativo de publicações ano a ano para cada um dos periódicos, com valores arredondados para duas casas decimais.

Apesar de em 1878, ano da alteração dos estatutos do então Gabinete de Leitura, não ter havido ocorrência válida para a pesquisa em nenhum dos três periódicos, foi possível perceber que a nova denominação “Biblioteca Rio-Grandense” se refletiu imediatamente nas páginas do *Diário do Rio Grande*, do *Eco do Sul* e do *Artista*. Os referidos jornais, desde então, passaram a utilizar-se deste novo nome nos títulos e no corpo textual de suas publicações que

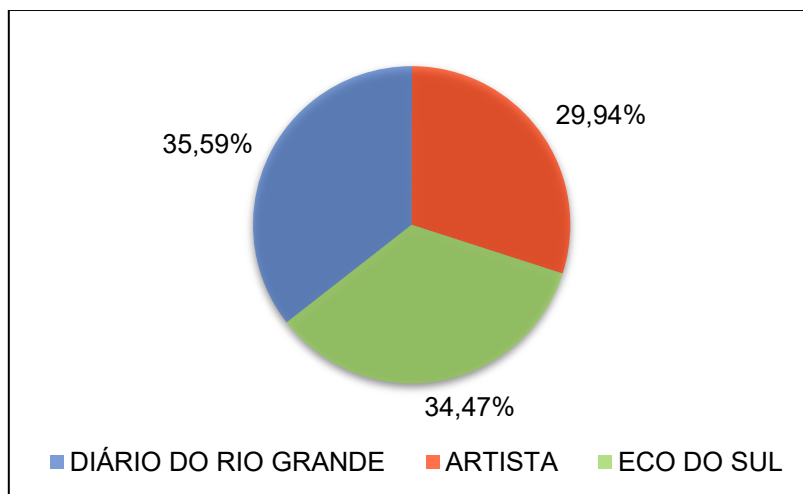
faziam referência à instituição. Além do ano inicial da baliza temporal definida para esta pesquisa, os anos de 1880, 1881 e 1890 também não ofereceram nenhuma ocorrência pertinente em nenhum dos três jornais.

Quadro 1 – Número de ocorrências encontradas em cada jornal nos respectivos anos pesquisados

ANO	DIÁRIO DO RIO GRANDE	ARTISTA	ECO DO SUL
1878	-	-	-
1879	-	-	1
1880	-	-	-
1881	-	-	-
1882	5	5	6
1883	3	3	4
1884	2	1	5
1885	4	3	4
1886	5	1	9
1887	1	-	1
1888	11	10	15
1889	-	-	1
1890	-	-	-
1891	1	1	1
1892	1	1	1
1893	7	3	6
1894	1	1	-
1895	1	1	-
1896	12	9	6
1897	8	13	-
1898	1	1	1

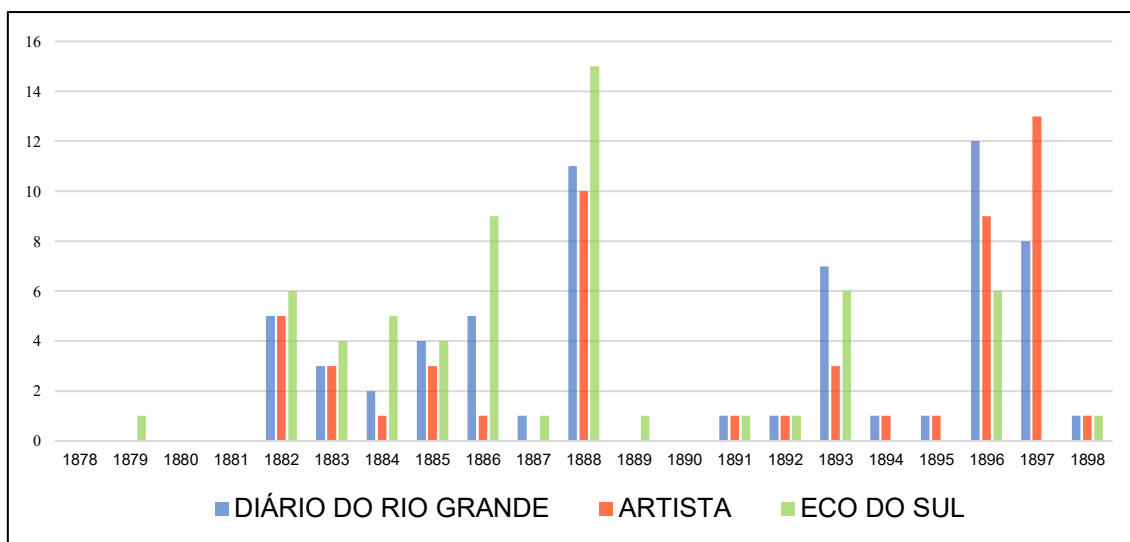
Fonte: O autor (2020)

Gráfico 1 – Proporção entre o número de ocorrências encontradas nos meses de agosto de 1878 a 1898 nos jornais pesquisados



Fonte: O autor (2020)

Gráfico 2 – Número de ocorrências encontradas nos jornais pesquisados nos meses de agosto de 1878 a 1898



Fonte: O autor (2020)

A seguir, separados em três subseções específicas, apresentam-se os escrutínios dos dados angariados nos jornais em questão, perpassando cada uma das inserções contabilizadas no apanhado quantitativo ilustrado supra.

4.1 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Diário do Rio Grande*

O jornal *Diário do Rio Grande*, não veiculou nenhum conteúdo conexo a esta pesquisa entre os anos de 1878 a 1881. Todavia, em 1882 foram encontradas cinco inserções a respeito dos aniversários da Biblioteca Rio-Grandense. Aos 12 dias de agosto, a diretoria da instituição comunicou através do *Diário* a realização da solenidade em comemoração aos seus trinta e seis anos de existência, a ser realizada no dia 15 daquele mês em seus salões. A sessão literária teria como oradores “diversos cavalheiros”, entre os quais a notícia destacou o monsenhor Miranda Veras, Arthur Rocha, Alexandre B. de Moura e Francisco Rodrigues de Sousa. Sobre a solenidade, a chamada dizia ser “uma festa modestíssima, porém de muita significação e que está de perfeita harmonia com os intuitos da Biblioteca” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12/08/1882, p. 2).

Na data do evento, o *Diário* noticiou a realização de tal evento “pelas 7 ½ horas da noite, no salão principal do estabelecimento”, destacando novamente os oradores citados na matéria do dia 12 e repassando o convite da direção da Biblioteca, subscrito pelo 1º secretário, Benjamin Flores, “ao respeitável público em geral e muito particularmente aos seus dignos sócios e Exmas. Famílias”, sem atrasos, a fim de não terem interrompidos os trabalhos da sessão (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1882, p. 1). Na mesma data, em pequena nota, é noticiado pelo jornal o trigésimo sexto aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, e novamente mencionada a realização da sessão literária comemorativa à data (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1882, p. 2).

A solenidade é novamente aludida na edição do dia 17 de agosto, na qual foi dito que:

A afluência do povo foi por tal forma extraordinária, em relação aos cômodos que dispõe o edifício da Biblioteca, que muitas pessoas foram constrangidas a retirarem-se antes de começar a sessão. Só o número de senhoras que concorreu àquela tão modesta quanto significativa festa, quase que ocupava o recinto. Aberta a sessão foi cedida a palavra aos diversos oradores inscritos que, segundo nos dizem, se houveram na altura dos seus merecimentos. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1882, p. 2).

Sob assinatura do 1º secretário, Benjamin Flores, e em nome da sua diretoria, a Biblioteca Rio-Grandense publicou no dia 18 de agosto uma nota de agradecimento na qual expressava gratidão à “briosa população desta culta cidade”, a qual demonstrou reconhecer “o elevadíssimo alcance das bibliotecas, esses monumentos que atravessam sobranceiros os anos, e são o oráculo onde as gerações vão aprender”. Na nota, a Biblioteca também ressalta seu reconhecimento à amizade e benevolência da imprensa, bem como nomeia agradecimentos à preceptora Rose Derrapas, aos Srs. Bernardo Taveira Junior, José V. Thibaut, H. Shutel Ambuer, João G. Silvino Vidal, Luiz Monteiro, Louis Lambert, Rev. E. Vanordem, Santos Paiva, L. Martin, A. Ravello, “e aos que modestamente se ocultam sob as iniciais F. P. C. e S. R. que abrilhantaram a página principal do conceituado periódico *Eco do Sul*”, a qual havia sido dedicada à homenagear a passagem do aniversário da Biblioteca Rio-Grandense de 15 de agosto (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1882, p. 2).

Ainda na nota, são referenciados os oradores que tiveram parte na solenidade:

Aos estimados oradores monsenhor João Peixoto de Miranda Veras, Francisco Rodrigo de Souza, Alexandre B. de Moura, que com suas competentes palavras, tanto realçaram a significativa solenidade; ao jovem Sr. Francisco Ribeiro e à esperançosa donzela D. Izolina Mendes que espontaneamente ocuparam a tribuna proferindo discursos em que tão entusiasmamente exaltaram a atual prosperidade da Biblioteca. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1882, p. 2).

Por fim são dirigidos agradecimentos ao público que ocupou os salões do estabelecimento, “patenteando assim a verdadeira simpatia que lhe inspiram as instituições cujo intento primordial é a ilustração do espírito” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1882, p. 2).

O *Diário do Rio Grande* veiculou três inserções que remetem à passagem dos trinta e sete anos da Biblioteca Rio-Grandense em agosto de 1883, sendo as duas primeiras publicadas respectivamente nos dias 14 e 15. Porém, não foi possível verificar o inteiro teor destas duas matérias, tendo em vista que as páginas em questão estavam danificadas a ponto de impedirem a leitura do conteúdo do texto. Foi possível apenas constatar que se tratava de

conteúdo alusivo ao aniversário da Biblioteca a partir dos fragmentos de texto legível e presentes nas porções das páginas que ainda resistiam à degradação.

Ainda no dia 15 de agosto do mesmo ano, na terceira e última ocorrência coletada, uma nota subscrita pelo 1º secretário da instituição, Benjamin Flores, convidava os sócios e suas famílias, autoridades, representantes da imprensa e público em geral para a realização da solenidade comemorativa aos trinta e sete anos da Biblioteca Rio-Grandense, às 7 horas daquela mesma data. “Os talentosos cavalheiros” Srs. Arthur Rocha, Alexandre Bernardino de Moura, George Bianchi, Cypriano Porto Alegre, Jayme Soares do Nascimento e Eleutherio Borges foram nomeados por prestarem-se como oradores a abrilhantarem o evento “com o seu valioso contingente intelectual”; além da pianista Exma. Sra. D. Adela Coleman Scaravaglioni e das amadoras Sra. D. Blanche Meyer e Virginia de Azevedo Machado, as quais executariam “escolhidas peças de estimados compositores” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1883, p. 2).

Em agosto de 1884, duas ocorrências foram encontradas no *Diário do Rio Grande*. A primeira delas, publicada no dia 15, dava conhecimento da solenidade alusiva aos 38 anos da Biblioteca Rio-Grandense, a ocorrer naquela mesma data. Na referida festa, “alguns distintos cavalheiros prestam-se a abrilhantar mais o ato, proferindo na ocasião discursos análogos”, além de haver a apresentação de “distintas senhoras de nossa sociedade” executando peças ao piano (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1884, p. 2).

Na mesma data, a comissão organizadora dos festejos assina um convite ao “respeitável público e muito particularmente aos Srs. Sócios, Exmas. Famílias e representantes da ilustrada imprensa” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1884, p. 2).

A exemplo do ocorrido com parte das inserções referentes a 1883, o ano de 1885 também teve sua leitura prejudicada devido à degradação das páginas dos jornais dos dias 15 e 18 de agosto. Nestas edições, foi possível verificar quatro matérias mencionando o aniversário de trinta e nove anos da Biblioteca Rio-Grandense através dos fragmentos das páginas que perduravam, mas sem a possibilidade de averiguar a totalidade do seu conteúdo a fim de descrevê-lo nesta análise.

O ano de 1886 trouxe cinco ocorrências relacionadas ao escopo da pesquisa. A primeira, datada de 14 de agosto, constitui-se no convite para a *Soirée Literária-Musical* comemorativa do 40º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, subscrito pelo Barão de Villa Izabel, João Luiz Vianna, Benjamin Flores, Francisco Bento Junior, Raul Cezar e Israel Corrêa da Silva. O convite, que se repetiu na edição do dia 15 daquele mês, mesma data da realização do evento, é dirigido aos sócios e familiares, imprensa e público em geral (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 14/08/1886, p. 2; 15/08/1886, p. 2).

O *Diário do Rio Grande* presta seu tributo aos quarenta anos da Biblioteca Rio-Grandense em publicação de 15 de agosto, na qual menciona a solenidade comemorativa e a certeza de sucesso do evento devido “à simpatia de que goza a instituição” em razão daqueles que o jornal declara como “notáveis serviços que tem prestado à causa da instrução” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1886, p. 2).

Como Biblioteca de pequena cidade de província, a do Rio Grande é talvez das mais importantes que há no império, não só pelo número de suas obras, como pelo valor literário, histórico e científico destas. Em livros impressos, cremos poder assegurar que bem raro será não encontrar nas estantes da nossa Biblioteca, o que de melhor têm produzido os mais eminentes escritores nacionais e estrangeiros, deste e dos passados séculos. A cidade do Rio Grande pode orgulhar-se de possuir uma instituição como aquela. É um momento que atesta a sua civilização e adiantamento, e bem assim a dedicação, o zelo e perseverança das diretorias que nestes últimos anos tão brilhantemente a dirigiram. A esses cavalheiros nossos louvores, e à cidade do Rio Grande as nossas felicitações por possuir uma instituição que tanto honra e engrandece. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1886, p. 2).

Na edição de 17 de agosto, a redação do *Diário do Rio Grande* noticia que não foi possível assistir à sessão festiva, mas publica a descrição enviada por um amigo que pôde ter acesso ao evento. Segundo este:

O dia 15 de agosto é a data mais gloriosa da Biblioteca Rio-Grandense, porque assinala a fundação desse grandioso monumento de civilização e de progresso. Das festas com que essa adiantadíssima instituição tem comemorado aquela data, a mais brilhante, talvez, foi a que anteontem teve lugar, e tão gratas impressões deixou gravadas no espírito de todos quanto a ela tiveram a ventura de assistir. Foi a mais brilhante, digo, por que deu motivo a revelarem-se dons talentosos vigorosos, dois oradores de mérito pouco comum, com a

circunstância de ambos serem filhos desta terra. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1886, p. 1).

A seguir, o narrador detalha aspectos do evento, como a lotação dos salões, corredores e até escadas do prédio, e repassa as notáveis falas dos oradores que se prestaram a homenagear a instituição durante a sessão. É dado destaque ao acadêmico Arthur Pinto da Rocha, o qual proferiu “uma peça oratória de primeira ordem”, sendo parabenizado com “entusiásticas felicitações” pela “brilhante estreia”. Por fim, menciona-se a distribuição de um “pequeno jornal, cujas páginas são abrilhantadas por artigos e pensamentos de vários cavalheiros da nossa cidade”, o qual, se sabe, trata-se do *15 d’Agosto*, publicação de mote comemorativo, alusiva aos quarenta anos da instituição (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1886, p. 1).

Como última inserção do ano de 1886, o *Diário do Rio Grande*, em nota de agradecimento publicada dia 18 de agosto, noticia o recebimento da referida folha comemorativa de número único (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1886, p. 2).

Apenas uma ocorrência pertinente foi encontrada no ano de 1887, na edição de 10 de agosto. Nesta, é veiculada a decisão da diretoria da Biblioteca Rio-Grandense de adiar os festejos comemorativos dos quarenta e um anos de instalação da instituição. Tal resolução deu-se em razão do naufrágio do paquete a vapor “Rio Apa”³ e a larga consternação pela perda de todas as vidas no acidente. Tal definição, oriunda de sessão extraordinária, ainda teve como desdobramento a nomeação de uma comissão para assistir às exéquias a serem realizadas no dia seguinte, o qual demarcava a passagem de um mês do naufrágio. A nota encerrava noticiando que a diretoria da Biblioteca Rio-Grandense, ainda, “deplorando que tenha sido vítima dessa medonha catástrofe a sua inditosa consócia D. Maria Augusta do Valle, resolveu inserir na ata de hoje um voto de pesar e mandar colocar sobre o catafalco uma coroa de saudade.” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 10/08/1887, p. 2).

³ Paquete a vapor construído em Glasgow por Henry Murray Co, em 1879. Destinava-se à navegação fluvial, tendo executado até 1882 apenas a linha entre Montevideu e Corumbá – MS. Em agosto daquele ano foi adaptado para atuar também na rota marítima que ligava o Rio de Janeiro à capital Uruguia. Naufragou na costa do Rio Grande do Sul, ao largo de Rio Grande, em meio a uma potente tempestade (FARHERR, 2017).

Em agosto de 1888 foram encontradas onze inserções da Biblioteca Rio-Grandense em publicações do *Diário do Rio Grande* relacionadas a seu aniversário. A primeira, de 12 de agosto, dá conhecimento sobre a realização de uma sessão solene no próximo dia 15, na qual estava prevista a participação de vários oradores e da banda de música de aprendizes marinheiros (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12/08/1888, p. 1). Porém, conforme veiculado na edição do dia 14, os festejos seriam transferidos para o dia 26 daquele mesmo mês em razão do falecimento do bispo diocesano (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 14/08/1888, p. 2).

Ainda no dia 14, o 1º secretário, P. Alves da Silva, de ordem da diretoria da Biblioteca Rio-Grandense subscreve uma nota de aviso aos sócios acerca da transferência das comemorações e manifesta pesar pelo falecimento do bispo (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 14/08/1888, p. 2). Esta mesma nota veio a se repetir nas edições dos dias 15 e 17 de agosto.

O número publicado em 25 do mesmo mês traz nova nota assinada pelo 1ª secretário, prevenindo aos sócios e ao público em geral de que a festa alusiva aos quarenta e dois anos da instituição ocorreria no dia seguinte, às 7 ½ horas da noite, “nos salões da Câmara Municipal, gentilmente cedido para tal fim à diretoria”. Pedia-se o comparecimento de todos “a bem de tornar mais solene aquela manifestação de regozijo por um fato que tanto abona o adiantamento desta cidade e o amor de seus habitantes pela instrução” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 25/08/1888, p. 2).

Na edição seguinte, data da realização do evento, a referida nota é publicada novamente. Neste mesmo número, a redação do *Diário do Rio Grande* anuncia mais uma vez a solenidade ao mesmo tempo em que presta sua homenagem à entidade aniversariante (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 26/08/1888, p. 1).

A Biblioteca Rio-Grandense é uma instituição que honra no mais alto grau a cidade do Rio Grande.

Os seus notáveis serviços ao progresso intelectual e à civilização da localidade, dão-lhe direito ao apreço da população rio-grandense.

E hoje que ela comemora mais um ano da sua gloriosa existência, é ocasião de todos que amam a instrução manifestarem-lhe o alto conceito em que tem tão utilíssima quão benemérita instituição. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 26/08/1888, p. 1).

Ainda aos 26 dias de agosto é anunciada a estreia da banda de música dos aprendizes marinheiros na sessão comemorativa, divulgando-se o programa de execução das peças e creditando-as ao mestre da banda, Sr. M. J. dos Santos (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 26/08/1888, p. 2).

A próxima publicação contabilizada, presente nas páginas do *Diário do Rio Grande* de 28 de agosto, teve sua análise prejudicada devido aos mesmos motivos que macularam a leitura do conteúdo dos anos de 1883 e 1885, permitindo apenas perceber que se tratava de nota alusiva ao contexto balizado nesta pesquisa, mas sem acesso ao seu teor integral.

Por fim, em 29 de agosto de 1888, a diretoria da Biblioteca Rio-Grandense publica um pedido de desculpas à “imprensa, autoridades, consulados e associações a quem dirigiu convites especiais para assistir no dia 26 ao sarau comemorativo do 42º aniversário” em razão da não reserva de lugares a tais convidados “devido à grande aglomeração de povo, que afluiu repentinamente”. Ao mesmo tempo, agradece a todos que se fizeram presentes por abrilhantarem a festa (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 29/08/1888, p. 2).

Nos dois anos seguintes nenhuma ocorrência atinente ao escopo da pesquisa foi encontrada nas edições de agosto do *Diário do Rio Grande*. Já em 1891, apenas uma inserção da Biblioteca Rio-Grandense, publicada no dia 15, fazia alusão aos seus quarenta e cinco anos de fundação. Nesta, o jornal exalta a instituição, sua diretoria e “o número e qualidade das obras que adornam suas estantes”, além dos “serviços prestados a esta terra, o brilho que lhe dá, elevando-a no conceito dos que visitam, o concurso valiosíssimo que tem prestado à causa da instrução popular” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1891, p. 2).

Trabalhar para que ela se mantenha e cada vez mais se eleve e engrandeça, é dever de todo cidadão bem intencionado que consagra alguma amizade a esta cidade e deseja vê-la dotada com um estabelecimento de importância da nossa Biblioteca. Pelo que nos diz respeito, para que a simpática e respeitável associação progrida tanto quanto possível, continuaremos a prestar-lhe os fracos serviços ao alcance das nossas forças. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1891, p. 2).

Na edição de 17 de agosto encontrou-se a única ocorrência pertinente para o ano de 1892. Nesta, o *Diário do Rio Grande* destaca a “gloriosa existência, consagrada ao engrandecimento intelectual dos seus numerosos associados e frequentadores” da Biblioteca Rio-Grandense (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1892, p. 1).

Conta, portanto, 46 anos, durante os quais tem prestado à causa da instrução serviços da maior valia e relevância.

À frente da notável associação acham-se cidadãos de provada dedicação e que sem dúvida continuarão a envidar esforços para elevá-la e engrandecê-la.

Ao ofício que nos dirigiu a distinta diretoria, agradecendo nossos fracos serviços, retribuimos com os votos que fazemos pela prosperidade da ilustre e simpática instituição. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1892, p. 1).

No ano de 1893 encontrou-se sete inserções no mês de agosto. A primeira delas, publicada no dia 10 informava a programação de um espetáculo em benefício da Biblioteca Rio-Grandense, tanto em honra ao seu 47º aniversário quanto para angariar fundos para a construção de seu prédio próprio. O drama *A Morgadinha de Val Flor*, de Pinheiro Chagas seria apresentado pela Sociedade Culto à Arte no teatro *Polytheama* no dia 15 daquele mês, e a notícia trazia o alerta de que já havia procura por bilhetes para o evento, prevendo que o local iria “regurgitar de espectadores naquela noite” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 10/08/1893, p. 1).

E é justo que assim suceda, pois pelos serviços que presta à causa da instrução e pelo muito que honra a nossa cidade, é a Biblioteca Rio-Grandense digna de todas as simpatias e de todo o apoio.

Empenhada em acumular os meios necessários à construção do seu projetado edifício, que será mais um ornamento da cidade, é justo que a população rio-grandense a auxilie na consecução desse elevado *desideratum*.

Esperamos, pois, que, ainda desta vez, a digna administração da Biblioteca veja os seus louváveis esforços coroados de brilhante êxito. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 10/08/1893, p. 1).

À data de apresentação da peça, e também do aniversário de quarenta e sete anos da Biblioteca Rio-Grandense, nova chamada é publicada no *Diário do Rio Grande*, instigando a afluência do público ao espetáculo a fim de dar “uma prova de quando consideram a instituição, que tanto honra o nosso

centro social, pelo muito que tem concorrido para o desenvolvimento da instrução entre nós” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1893, p. 3).

No dia 17 de agosto, o relato acerca da apresentação é publicado em uma breve matéria, destacando o quão aplaudidos foram os intérpretes dos papéis principais do drama e também a execução das peças musicais pela banda musical italiana Gioacchino Rossini, além da grande adesão do público (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1893, p. 2). Na mesma edição, a redação indica, através de uma pequena nota, que aos leitores que haviam comparecido ao espetáculo, estaria recomendada uma publicação encomendada pela Biblioteca Rio-Grandense, constante nas próximas colunas (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1893, p. 3).

Nesta, a entidade tecia agradecimentos aos sócios e ao público em geral que compareceram à apresentação, ao mesmo tempo em que solicitava que, dentro do possível, as esportulas à construção do prédio próprio da Biblioteca fossem remetidas a partir das 9 horas do dia em diante. Esta mesma publicação foi replicada nos números do dia 18 e 19 de agosto (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1893, p. 3; 18/08/1893, p. 3 e 19/08/1893, p. 3).

Em 15 de agosto de 1894, a única ocorrência válida para a pesquisa, o *Diário do Rio Grande* congratula a Biblioteca Rio-Grandense, “a que tanto se deve a causa da instrução na cidade do Rio Grande”, e também sua diretoria e todos mais “que se interessam pelo progresso da prestabilíssima sociedade” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1894, p. 1).

Apenas uma ocorrência conexa aos motes desta pesquisa foi encontrada nos jornais de agosto de 1895, exatamente no dia em que a Biblioteca Rio-Grandense completava quarenta e nove anos de existência. Nesta publicação o jornal relembra as épocas de crise vividas pela benemérita instituição, às quais poderia ter sucumbido se não fosse pela sua simpática missão em prol da instrução e do progresso (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1895, p. 1).

Nessas ocasiões, quando o desânimo invadia o espírito dos que se interessavam pela associação, e surgia o receio de que a sua existência percesse ao influxo atrofiador da indiferença e do egoísmo, aparecem sempre alguns homens de boa vontade, os quais, fortalecidos pela convicção de que seria um mal e uma prova de atraso social deixar perecer instituições daquela ordem, tomavam

a si a nobre tarefa de superar as dificuldades que entorpeciam a marcha grandiosa da Biblioteca.

Na história da ilustre sociedade, há inscrito mais de um desses beneméritos, que, por essa forma, tornaram-se também credores do reconhecimento da cidade do Rio Grande. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1895, p. 1).

Dita na matéria como um “um padrão de glória desta terra”, e “uma instituição que faz honra ao espírito culto da nossa cidade”, a Biblioteca Rio-Grandense e suas gestões passada e atual são tidas como merecedoras de toda simpatia da população pelos serviços prestados à causa da instrução e da cultura. Por este motivo também é mencionado o mérito da associação em possuir um prédio próprio para suas instalações, o que deve resultar do esforço daqueles que trabalham gratuitamente em prol da mesma, amparados também pela adesão e apoio do público, sendo estes os atores que se dedicam a promover o engrandecimento da entidade (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1895, p. 1).

Doze aparições relevantes da Biblioteca Rio-Grandense foram encontradas nas páginas do *Diário do Rio Grande* durante o mês de agosto de 1896, ano jubileu da instituição. Dentre estas, nos dias 9, 11, 12, 13 e 14, a Livraria Americana publicou um rol de livros, e seus respectivos preços, como sugestões de aquisição do público para presentear a entidade aniversariante (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 09/08/1896, p. 2; 11/08/1896, p. 2; 12/08/1896, p. 2; 13/08/1896, p. 2; 14/08/1896, p. 2).

No número que circulou em 9 de agosto, fez-se saber o programa das comemorações do jubileu da Biblioteca Rio-Grandense no próximo dia 15: “inauguração da bandeira da sociedade na frente do seu edifício; sessão solene e concerto vocal e instrumental no novo edifício da Intendência Municipal; reabertura, no dia 16, dos cursos noturnos de português e desenho” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 09/08/1896, p. 1). Já nos dias 14 e 15, a diretoria da Biblioteca submeteu comunicado de que o expediente estaria suspenso nestas datas em razão do jubileu da mesma (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 14/08/1896, p. 2; 15/08/1896, p. 2).

Também na edição do dia 15 de agosto, tomando a primeira página (FIGURA 6) e parte da segunda do *Diário do Rio Grande*, uma extensa publicação em honra da Biblioteca Rio-Grandense foi publicada, apresentando

uma resenha sobre diversos aspectos históricos e correntes acerca da instituição.

Cinquenta anos completa hoje a benemérita instituição, que nasceu da iniciativa civilizadora de um espírito superior e desenvolveu-se graças ao esforço patriótico de um grupo de homens de boa vontade e animados do desejo de serem úteis ao meio social em que viviam. Há cinquenta anos que no dia de hoje vinte e dois obreiros do progresso, assentaram as bases do monumento que hoje – Biblioteca Rio-Grandense.

[...] é um monumento constituído pelo que o espírito humano tem produzido de mais seletivo no reino das ciências e das letras;

[...] é um monumento consagrado à difusão do ensino, à subsistência espiritual da infância e dos adultos, e à elevação do nível social rio-grandense.

Por isso o *Diário do Rio Grande*, esforçando-se sempre por todas as conquistas úteis que cooperam para o desenvolvimento desta cidade, não podia deixar de prestar no dia de hoje, uma homenagem pública à instituição que vive florescente e próspera, resultado nobilitante da força de muitas vontades que se dispuseram a todos os sacrifícios.

Julgamos que mais vale dizer e mostrar à evidência o que foi e o que é a Biblioteca do que amontoar palavras ocas, que nada dizem e nem mesmo traduzem a ação benéfica que a Biblioteca Rio-Grandense está prestando à sociedade.

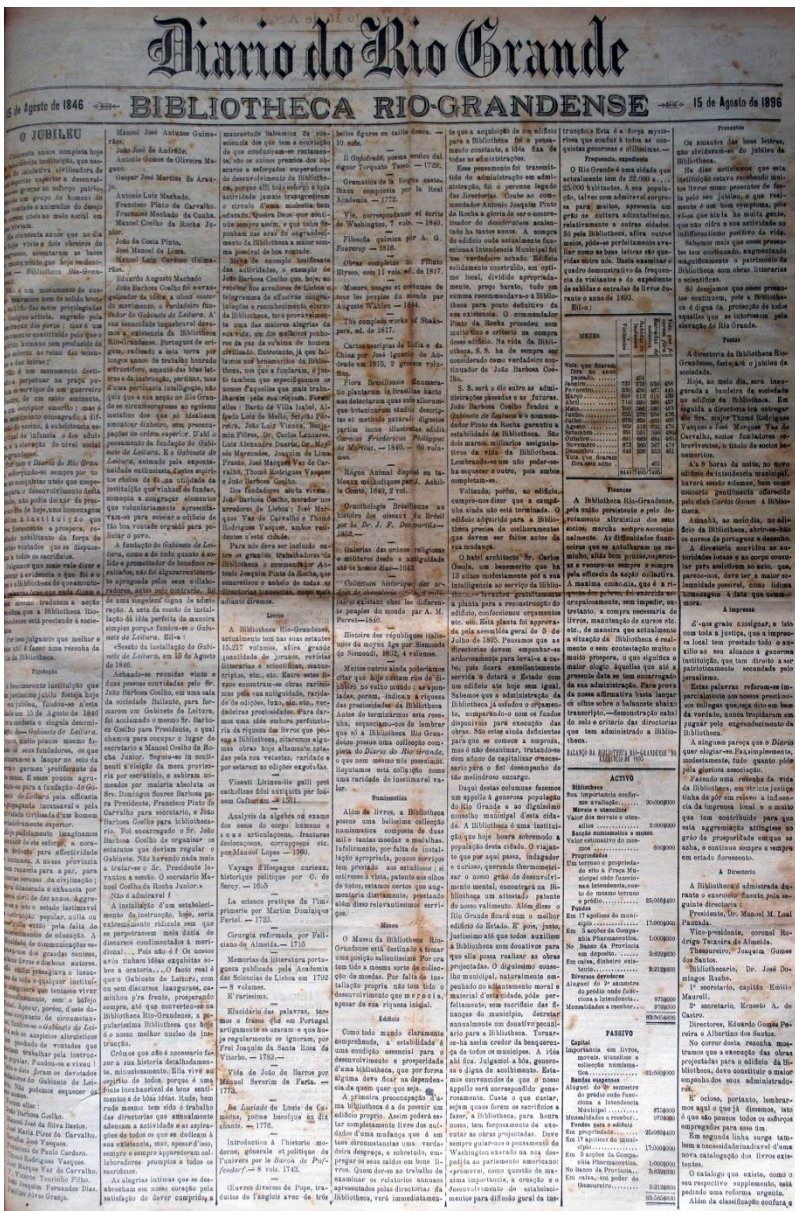
Por isso julgamos que melhor e mais útil é fazer uma resenha da vida da Biblioteca. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Na esteira destas palavras, o jornal discorre sobre o histórico da instituição, desde sua fundação, lembrando a “modesta e singela denominação de Gabinete de Leitura” e os nomes dos “devotados fundadores”, dentre os quais João Barbosa Coelho figura como “o evangelizador da ideia, a *alma mater* do movimento, o verdadeiro fundador do Gabinete de Leitura”. O texto da ata de fundação da sociedade é revisitado no intento de exaltar a simplicidade do ato e a admirável oratória contida naquele escrito (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

O acervo da Biblioteca Rio-Grandense também é alvo de elevados elogios, sendo descrito como um montante de 15.217 volumes, além de grande quantidade de jornais, revistas literárias e científicas, e manuscritos. A matéria também menciona a “belíssima coleção numismática composta de duas mil e tantas moedas e medalhas”, que, a exemplo do museu da instituição, não é mais desenvolvida por falta de instalações apropriadas, sem as quais acaba se tornando invisível aos olhos dos pesquisadores. Outro ponto particular abordado na extensa matéria diz respeito à constância da perseguição do objetivo de adquirir um prédio próprio para a Biblioteca durante todas as

gestões que ocuparam sua diretoria. Neste contexto, a redação elucida a figura do comandante Antonio Joaquim Pinto da Rocha com o detentor da glória de ser o concretizador deste feito, com a compra do edifício onde funcionava a Intendência Municipal, ficando ele sendo o "elo entre as administrações passadas e futuras. João Barbosa Coelho fundou o Gabinete de Leitura e o comandante Pinto da Rocha garantiu a estabilidade da Biblioteca" (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Figura 6 – Primeira página do jornal *Diário do Rio Grande* de 15 de agosto de 1896



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Mais detalhes daquela aquisição eram noticiados:

O edifício adquirido para a Biblioteca precisa de melhoramentos que devem ser feitos antes da sua mudança.

O hábil arquiteto Sr. Carlos Ossola, um benemérito que há 13 anos modestamente pôs a sua inteligência ao serviço da Biblioteca, se levantou gratuitamente a planta para a reconstrução do edifício, confeccionou orçamentos etc. etc.

[...]

Daqui dessas colunas fazemos um apelo à generosa população do Rio Grande e ao digníssimo conselho municipal desta cidade. A Biblioteca é uma instituição que hoje honra sobremodo a população desta cidade. O viajante que por aqui passa, indagador e curioso, querendo termometrar o nosso grau de desenvolvimento mental, encontrará na Biblioteca um atestado patente do nosso valimento. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Dado o grau adiantadíssimo da população do Rio Grande, conforme segue a matéria, a Biblioteca é capaz de comprovar o quão queridas são as “boas letras” a partir dos quantitativos de frequência de visitantes e do expediente de saída e entrada de livros durante o ano de 1895. Estes valores são documentados no quadro demonstrativo da entidade que ilustra o texto em pauta, apontando números que variam entre 530 e 891 visitantes no referido período. As boas finanças da Biblioteca Rio-Grandense são ditas como resultado e objeto advindos do esforço coletivo sempre que houve dificuldades no decorrer de sua existência, demonstradas pelo balanço do exercício de 1895 que acompanha a matéria. É dito também que muitas são as obras que a instituição vinha recebendo na forma de presentes por ocasião de seu jubileu, de modo a contribuir para o significativo aumento do seu acervo literário e científico (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

No tocante às comemorações pela passagem dos cinquenta anos da Biblioteca Rio-Grandense, noticia-se que naquela mesma data, ao meio-dia, seria inaugurada a bandeira da sociedade, bem como a entrega aos sócios fundadores ainda em vida, Srs. major Thomé Rodrigues Vasques e José Marques Vaz de Carvalho, o título de sócios beneméritos. Já na parte da noite, na sessão solene, a ser realizada no novo prédio da Intendência Municipal, um concerto seria oferecido pelo *Club* Carlos Gomes, e no dia seguinte seriam abertos os cursos de português e desenho (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

A relação da Biblioteca Rio-Grandense com a imprensa também foi objeto da matéria:

É-nos grato consignar, e isto com toda a justiça, que a imprensa local tem prestado todo o auxílio ao seu alcance à generosa instituição, que tem direito a ser patrioticamente secundada pelo jornalismo. Estas palavras referem-se imparcialmente aos nossos prestimosos colegas que, seja dito em bem da verdade, nunca trepidaram em pugnar pelo engrandecimento da Biblioteca. A ninguém pareça que o *Diário* quer elogiar-se. Faz simplesmente, modestamente, tudo quanto pode pela gloriosa associação. Fazendo uma resenha da vida da Biblioteca, em estrita justiça tinha de pôr em relevo a influência da imprensa local e o muito que tem contribuído para que esta agremiação atingisse ao grau de prosperidade em que se acha, e continue sempre e sempre em estado florescente. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Na sequência destas ponderações, a diretoria em exercício é posta em evidência e sua composição é devidamente nomeada: Dr. Manoel M. Leal Pancada (presidente), coronel Rodrigo Teixeira de Almeida (vice-presidente), Joaquim Gomes dos Santos (tesoureiro), Dr. José Domingos Rache (bibliotecário), capitão Emilio Maurell (1º secretário) e Ernesto A. de Castro (2º secretário), Eduardo Gomes Pereira e Albertino dos Santos (diretores). É reiterado que todos os esforços para a execução das obras no novo prédio da Biblioteca são de suma importância, mas “em segunda linha surge também a necessidade inadiável duma nova catalogação dos livros existentes”, já que o catálogo que estava em uso demandava uma atualização urgente em função de sua “classificação confusa e muitas vezes errônea das obras”. Outros problemas apontados a respeito deste catálogo é que grande parte dos livros adquiridos mais recentemente não se encontravam inventariados, ocasionando o desconhecimento dos sócios da presença de diversas obras no acervo. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Ainda sobre a bandeira da Biblioteca Rio-Grandense, a matéria traz a informação sobre seu batismo, para o qual foram convidados como padrinhos o Sr. Dr. Manoel Ignacio de Lacerda Werneck, intendente do município; o conselho municipal; o Sr. Dr. Manoel Antonio Affonso Reis e o Sr. comendador Antonio Joaquim Pinto da Rocha. Na sequência, o movimento de sócios no exercício de 1895 é introduzido à resenha, sendo o mesmo ilustrado em um quadro que demonstra um total de 426 sócios, sendo 379 ativos e 47 remidos.

Considerando os que ingressaram durante o ano de 1896, “mais cento e tantos sócios”, a instituição contava naquele momento com “cerca de 600 sócios, não incluindo os beneméritos e honorários”. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

Por fim, a matéria em homenagem ao jubileu da Biblioteca Rio-Grandense é encerrada com alguns pormenores da formação histórica da entidade:

O Sr. João Barbosa Coelho, quando iniciou a fundação da atual Biblioteca Rio-Grandense, era guarda-livros da casa comercial de Manoel Marques das Neves Lobo, de quem mais tarde foi associado. Anos depois separou a sociedade e estabeleceu-se como loja de cabos com Manoel Luiz Machado. Exerceu durante muitos anos o cargo de vice-cônsul de Portugal.

A primeira reunião para fundação da Biblioteca foi no primeiro andar do sobrado à Rua Marechal Floriano, onde residiu durante muitos anos o finado Dr. Candido Alves Pereira. Aí foi eleita a diretoria provisória, nomeada a comissão de estatutos e estes aprovados.

A inauguração da sociedade efetuou-se, porém, no sobrado da rua General Bacelar, hoje propriedade dos herdeiros do finado Joaquim Antonio Ramos.

Daí passou mais tarde para o sobrado do beco do Martins esquina da rua Riachuelo, e que não sabemos se pertence ainda aos herdeiros do Dr. Nicolau A. Pitombo.

Funcionou também num dos sobrados que foram ultimamente incendiados na rua Ewbank, no da rua Andradas esquina da rua General Bacelar e pertencente ao Sr. Dr. Vieira de Castro; e ainda em outros prédios. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1896, p. 1).

No dia 18 de agosto, o relato das comemorações, realizadas no dia do aniversário da Biblioteca, foi publicado pelo *Diário do Rio Grande*. A programação se iniciou ao meio dia, ocasião em que, após discursos proferidos pelos Sr. Dr. Leal Pancada, Sr. comendador Pinto da Rocha e Sr. Dr. Lacerda Werneck, houve o batismo civil da bandeira e sua inauguração em frente ao prédio. Na parte da noite, a sessão solene comemorativa, realizada no novo edifício da Intendência Municipal, contou novamente com discursos do Sr. Dr. Leal Pancada e do Sr. comendador Pinto da Rocha, seguidos pela leitura da ata de fundação da Biblioteca Rio-Grandense datada de 15 de agosto de 1846 pelo Sr. capitão Emilio Maurell. Pronunciaram discursos também o Sr. Mariano Porto, em nome do jornal *Artista*, e Octacilio Campos, sendo a fala deste último publicada na íntegra ao final da matéria. Seguiu-se então, um concerto musical e uma *Soirée* dançante que se estendeu até as 3 horas da madrugada (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1896, p. 1).

Antes de serem encerrados os trabalhos da sessão comemorativa, declarou o Sr. comendador Pinto da Rocha ter recebido comunicação do Sr. capitão de fragata Gustavo A. Garnier, de estar autorizado pelo Sr. Scipião Ferreira, sócio benemérito residente há muitos anos em Lisboa, para fazer entrega à diretoria da quantia de 150\$000, para serem empregados expressamente no novo edifício da Biblioteca. O Sr. Scipião Ferreira é natural desta cidade e tem dado inúmeras e relevantes provas de dedicação àquela gloriosa instituição. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1896, p. 1).

Ao final do relato são transcritos os telegramas congratulatórios recebidos pela Biblioteca Rio-Grandense, enviados por Alfredo L. de Mello, Damasceno Vieira e Benjamin Flores; e também os expedidos pela direção, remetidos em agradecimento a estas mesmas personalidades, e também ao presidente do Estado e à Biblioteca Pública Pelotense, com os quais se saúda pela passagem do seu jubileu (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 18/08/1896, p. 1).

Na edição de 19 de agosto, o *Diário do Rio Grande* complementa a matéria publicada no dia anterior, na qual:

[...] olvidou-nos falar das ornamentações internas do edifício onde se realizou a sessão comemorativa, e às quais presidiu o máximo bom gosto. O belo efeito que produziram, valeram para os Srs. Dr. Alfredo Lopes e Joaquim de Lima Frazão merecidos elogios, pela forma como se desempenharam do seu encargo. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 19/08/1896, p. 2).

Também foi mencionado o esquecimento em mencionar a reabertura dos cursos de português e desenho. Por fim, são transcritos outros dois telegramas recebidos pela Biblioteca Rio-Grandense por ocasião do seu jubileu, estes em resposta aos que haviam sido remetidos pela diretoria à presidência do Estado, assinado por Júlio de Castilhos, e à Biblioteca Pública Pelotense, assinado pelo seu presidente. Olavo Alves (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 19/08/1896, p. 2).

A última ocorrência pertinente encontrada nos jornais de agosto de 1896 deu-se no dia 21. Nesta, o *Diário do Rio Grande* noticia que “o importante órgão da imprensa brasileira, o *Jornal do Comércio*”, na edição do dia 15, publicou artigo em sua *Gazetilha* em homenagem ao jubileu da Biblioteca Rio-Grandense. “As palavras animadoras do grande órgão, devem ser mais um estímulo para os amigos e esforçados propugnadores da simpática e respeitável associação”. O artigo é transcrito na íntegra, e nele figuram uma

resenha histórica da Biblioteca, um levantamento do quantitativo de associados, balanços financeiros, número de frequentadores, magnitude do acervo e serviços oferecidos. O artigo encerra informando que “é provável que hoje, comemorando o seu jubileu, sejam encetadas as obras do seu novo edifício” e exalta a entidade ao refletir que “instituições dessa ordem, honrando os povos que as impulsionam, atestam o grau de sua civilização” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 21/08/1896, p. 1).

Oito inserções da Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Diário do Rio Grande* em agosto de 1897 foram consideradas relevantes dentro do escopo da pesquisa. A primeira delas, veiculada no dia 12, informa a realização de uma sessão literária comemorativa aos cinquenta e um anos da entidade na data de seu aniversário (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12/08/1897, p. 2).

Na mesma edição, é publicado o convite para o evento, subscrito pelo 1º secretário, João Soares de Lima Junior, e dirigido aos sócios. Este mesmo convite é replicado nos jornais dos dias 13, 14 e 15 daquele mês (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 12/08/1897, p. 3; 13/08/1897, p. 3; 14/08/1897, p. 3; 15/08/1897, p. 3).

Em 13 de agosto, uma nota informa:

Para a sessão literária com que a Biblioteca Rio-Grandense comemora no próximo domingo, o seu 51º aniversário, estão, além de outros oradores, inscritos a Exma. Sra. D. Revocata de Mello e os Srs. Américo Vespúcio Cabral, Fernando Pimentel, João José Cesar e Alferes Pinheiro da Silva. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 13/08/1897, p. 2).

Uma homenagem ao aniversário da Biblioteca é posta na edição de 15 de agosto do *Diário do Rio Grande*. Nela, além de novamente noticiar a realização da sessão literária comemorativa a realizar-se naquela mesma data, o jornal profere que:

É de regozijo o dia de hoje, para esta benemérita instituição, assim como para todos que por ela se interessam e a consideram uma das sociedades que mais honram e elevam o nosso meio social, pelos seus fins altruísticos e pelos seus serviços relevantes à causa da instrução.

Vencendo mais um ano na sua longa e gloriosa existência, a Biblioteca Rio-Grandense assinala assim a utilidade e importância da sua missão. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1897, p. 2).

A última ocorrência referente àquele ano dá-se em 17 de agosto, em publicação que relata os atos da solenidade. É de destaque a descrição do público, cuja “concorrência não foi tanta quanto era de se esperar. No espaço destinado aos convidados ficaram muitas cadeiras desocupadas”. As nomeadas figuras que tomaram a tribuna foram o Rev. ministro evangélico Américo Cabral, a menina Bertha Duarte, o Sr. Fernando Pimentel, o Sr. Alferes Pinheiro, e Exma. Sra. D. Revocata de Mello, o menino Oscar Weiner, Fernando de Souza Pereira Junior e João José Cezar. Segundo a nota, na ocasião também houve a entrega de prêmios aos alunos da aula noturna da Biblioteca e a apresentação da banda de música da Sociedade Mutualidade (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 17/08/1897, p. 2).

Nos números do *Diário do Rio Grande* de agosto de 1898, apenas uma menção à Biblioteca Rio-Grandense e à passagem dos seus cinquenta e dois anos foi encontrada. Publicada aos 15 dias daquele mês, a curta matéria em homenagem à ocasião avulta a relevância da instituição “para os amigos desta terra e de instrução”, sendo que a data assinala o esforço de seus fundadores, os quais “nas futuras gerações tiveram dignos continuadores de sua obra ingente e benemérita” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1898, p. 2).

Aos primeiros, já no diário deste dia em 1896, quando a respeitável instituição completou o seu jubileu, tributamos em edição especialmente consagrada as homenagens do nosso respeitoso reconhecimento.

Aos que lhes sucederam no nobilíssimo empenho de sustentarem e engrandecerem o padrão de glória que tem o nome da Biblioteca Rio-Grandense também na mesma ocasião fizemos a justiça devida, rendendo-lhes as nossas sinceras homenagens.

Aos que, presentemente, trabalham com devotamento para, mais e mais elevarem o nome e os serviços da patriótica e civilizadora associação os nossos aplausos [...] e com a população em geral, nos congratulamos pela data que, jubilosos, mais uma vez assinalamos. (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/08/1898, p. 2).

Finalizadas as análises de todos os dados atinentes a esta pesquisa coletados no jornal *Diário do Rio Grande*, fica evidente a premissa de que a Biblioteca Rio-Grandense se configura como um agente de suma importância no âmbito da cidade do Rio Grande no tocante à promoção da cultura e do letramento sob a óptica deste periódico.

As passagens em que as homenagens e tributos tomam parte mais significativa no montante de conteúdo analisado, ilustram o quão benquista é a entidade, tanto pelo jornal que serviu de manancial para esta subunidade do trabalho, quanto pela população em geral da cidade. Percebem-se, reiteradas vezes, as menções à instituição como benemérita, por conta dos seus serviços prestados em prol da instrução e civilidade, assim como também diversas vezes é adjetivada como uma entidade simpática aos amantes das boas letras.

Seu pioneirismo enquanto entidade, e seu mote cinzelado a partir do esforço de nobres cidadãos de boa vontade, brindam sua existência através do mais profundo e genuíno reconhecimento, o qual transparece durante a leitura do material coletado no *Diário do Rio Grande*. Assim como bem valoradas também são as diligências de todos os gestores que estiveram à frente da Biblioteca desde sua gênese, sobretudo aqueles que atuaram durante os períodos em que a entidade parecia estar a ponto de ruir devido a problemas de ordem financeira. Estes, com afinco, trabalharam para reerguê-la e pô-la definitivamente como um símbolo de uma população de elevado grau intelectual. Outrossim, pelo fruto de iniciativas internas e esforços de diversos outros benfeitores, uma necessidade primordial e um dos maiores triunfos da instituição ao longo da sua existência, a aquisição da sede própria, muito festejada por ocasião do jubileu da sociedade em 1896, foi finalmente firmada e dita como uma conquista de grande merecimento. Este também foi tido como marco para a consolidação cada vez mais firme da entidade como um monumento citadino à civilidade e à instrução.

Os gestores que passaram pela diretoria da instituição desta sua fundação são constantemente lembrados durante os preitos manifestados pelo *Diário do Rio Grande*, sendo diversas vezes citados e até arrolados nominalmente na ocasião das homenagens à Biblioteca Rio-Grandense. Tal fato demonstra a justa gratidão por parte deste veículo da imprensa para com estes cidadãos que se doaram pela causa desta entidade e, por conseguinte, da instrução na cidade do Rio Grande.

4.2 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Artista*

O *Artista* não apresentou dados válidos para esta pesquisa nos números de agosto dos anos de 1878 a 1881. Já em 1882, cinco ocorrências foram encontradas. As duas primeiras, idênticas, foram publicadas nos dias 10 e 11. Tratam-se do convite subscrito pelo 1º secretário, Benjamin Flores, dirigido aos sócios, familiares e ao público geral, para a cerimônia alusiva às comemorações do 36º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense no dia 15 daquele mês. Além de informar o dia e horário de realização do evento, o convite arrola os nomes dos oradores que tomariam parte na solenidade, sendo eles os Srs. monsenhor João Peixoto de Miranda Veras, Arthur da Rocha, Francisco Rodrigo de Souza e Alexandre Bernardino de Moura (ARTISTA, 10/08/1882, p. 2; 11/08/1882, 9. 2).

Na edição do dia 14 de agosto do mesmo ano, a solenidade novamente foi pauta de uma nota do *Artista*, na qual reitera o convite já feito por parte da direção da Biblioteca Rio-Grandense e também os nomes dos oradores inscritos para tomarem a palavra durante o ato comemorativo (ARTISTA, 14/08/1882, p. 2).

O público rio-grandense, que terá ocasião de mais uma vez apreciar o reconhecido talento da maioria dos oradores que naquela solenidade se farão ouvir, não deixará, com certeza, de abrilhantar essa festa com sua presença, dando por esse meio mais uma prova de sua dedicação e devotado amor a esse importantíssimo estabelecimento que tanto honra e que é o seu maior padrão de glória.

Se assim proceder, terá esse ilustra público não só cumprido um dever sagrado, como prestado àquele majestoso templo das letras, mais um relevantíssimo serviço que perpetuamente ficará registrado nos seus anais. (ARTISTA, 14/08/1882, p. 2).

Os pormenores da solenidade foram publicados no dia 16 de agosto. Segundo o jornal, com “grande e extraordinária concorrência de cavalheiros e Exmas. famílias”, o evento contou com discursos análogos à ocasião. Além daqueles já programados, exceto o Sr. Arthur Rocha, que não pôde comparecer, a tribuna foi aberta ao público, tendo alguns dos presentes prestado suas homenagens. Na sequência, foram entregues diplomas de sócios beneméritos aos Srs. Barão de Villa Izabel e Alfredo Luiz de Mello pelos “mais assinalados e relevantes serviços” prestados à instituição. Ao final da

sessão, “às Exmas. senhoras que tão dignamente abrilhantaram com suas presenças aquela imponente festa literária, foram oferecidos pequenos porém bonitos *bouquets* de flores naturais” (ARTISTA, 16/08/1882, p. 2).

A ilustre diretoria da Biblioteca, houve-se perfeitamente no desempenho de tão sublime missão, e a ela pois nos dirigimos ao finalizar esta ligeira local, felicitando-a pelo brilhantismo sucesso que alcançou ao comemorar ao 36º aniversário da sábia instituição a cuja frente se acham tão ilustres como dedicados cavalheiros. (ARTISTA, 16/08/1882, p. 2).

Na edição do dia seguinte, 17 de agosto, a diretoria da Biblioteca Rio-Grandense publicou nas páginas do *Artista* uma nota de agradecimento, na qual expressa ter contraído “uma grande e insolúvel dívida de gratidão” para com a população da cidade por ter esta expressado o quão bem compreende a importância das bibliotecas. Os agradecimentos estendem-se, também à imprensa e às personalidades que subscreveram suas homenagens no jornal *Eco do Sul*, além dos oradores que tomaram parte na solenidade comemorativa. Assina a nota o 1º secretário, Benjamin Flores (ARTISTA, 17/08/1882, p. 2-3).

Seria, pois, de uma clamorosa injustiça e falta de delicadeza que a atual administração da Biblioteca deixasse de publicamente demonstrar o seu reconhecimento íntimo e eterno para com todos aqueles que concorreram valiosamente para o esplendor da modesta sessão comemorativa do 36º aniversário da sua instituição predileta. (ARTISTA, 17/08/1882, p. 2).

Ao fim da publicação, após os agradecimentos, a diretoria se desculpa pelos fatos narrados nas declarações publicadas pelas redações dos jornais *Diário do Rio Grande* e *Eco do Sul*, a respeito da grande lotação dos salões em que se realizara o evento e da tomada de lugares reservados à imprensa por parte do público (ARTISTA, 17/08/1882, p. 3).

A concorrência foi tal, que uma hora antes o edifício estava por tal forma repleto que excetuando o venerando Sr. presidente e o 1º secretário, os demais membros da administração já não encontraram devoluta uma única cadeira, visto estarem todas ocupadas por Exmas. Sras. Que não podia-se na ocasião contrariar sem incorrer-se em uma grande falta de delicadeza para com o belo sexo que de todas as atenções é justamente merecedor.

A diretoria da Biblioteca, pois, patenteando àquelas ilustradas redações o seu íntimo pesar por não lhe ter sido possível,

infelizmente, tratá-las com todas as considerações de que são muitíssimo dignas, consola-se entretanto, atendendo a que não há talvez instituição alguma em nosso país, que em casos idênticos não veja a serenidade do horizonte de suas esperanças empanada pela nuvem de alguma dor, de algum descontentamento. (ARTISTA, 17/08/1882, p. 3).

No ano seguinte, duas das três ocorrências encontradas nos números de agosto do *Artista* deram-se nos dias 13 e 14. Trata-se de um mesmo convite para a sessão solene comemorativa do 37º aniversário da entidade, dirigido aos sócios, familiares, autoridades, representantes da imprensa e público em geral, publicado no jornal nas duas referidas datas pela diretoria e subscrito pelo 1º secretário, Benjamin Flores. No convite foi nomeado o contingente de oradores, composto pelos Srs. Arthur Rocha, Alexandre Bernardino de Moura, George Bianchi, Cypriano Porto Alegre, Jayme Soares do Nascimento e Eleutherio Borges. Também estava prevista na programação a apresentação da pianista Exma. D. Adela Coleman Scaraviglioni e das amadoras Exmas. Sras. DD. Blanch Meyer, Estephania Sophia Neves e Virginia de Azevedo Machado. Por fim, pedia-se ao público que não ocupasse os lugares reservados (ARTISTA, 13/08/1883, p. 3; 14/08/1883, p. 3).

O evento seria relatado na edição de 16 de agosto. Segundo a publicação, “a concorrência de senhoras e cavalheiros foi extraordinária e os oradores inscritos produziram bonitos discursos que foram ruidosamente aplaudidos”, assim como as pianistas “cujos nomes constaram do programa”. Ao final, foram distribuídos ramos de flores às senhoras presentes (ARTISTA, 16/08/1883, p. 3).

A única inserção da Biblioteca Rio-Grandense no *Artista* durante o mês de agosto de 1884 ocorreu na edição do dia 16. A matéria descrevia a sessão solene realizada no dia anterior para comemorar os trinta e oito anos da instituição, desde a leitura da ata da sessão anterior e da relação de obras doadas pelos sócios, passando pelos números musicais e pelos discursos proferidos, até a ornamentação da casa. Entre os nomes citados como oradores, estavam os Srs. Francisco Rodrigo de Souza e Dr. João de Miranda Ribeiro Sobrinho (ARTISTA, 16/08/1884, p. 2).

Em 1885, três ocorrências foram encontradas no *Artista*, sendo a primeira datada de 14 de agosto. Nesta publicação o jornal menciona a

realização da festa artística e literária no dia seguinte e tece sua homenagem aos trinta e nove anos da Biblioteca Rio-Grandense (ARTISTA, 14/08/1885, p. 1).

É sempre com júbilo intraduzível que enfrentamos esta memorável data em que foi lançada nesta terra a semente dessa prodigiosa árvore, à cuja sombra benéfica e fecunda se abriram hoje tantos necessitados do saboroso fruto da instrução e do saber.

[...]

Muitas lutas houve que sustentar; muito sacrifício que fazer; muito trabalho que executar, antes que a benemérita sociedade pudesse atingir ao grau de prosperidade em que atualmente se acha.

Não foram dias, foram anos de constante labutar, com todo seu indefectível cortejo de decepções e de amargores.

[...]

Nessa melindrosa conjectura, apareceram alguns cavalheiros, sinceramente animados de meritório desejo de reerguer a utilíssima instituição do abatimento em que jazia, e trataram desde logo de reunir os elementos necessários para esta gloriosa tarefa, cujos resultados hoje contemplamos cheios de pasmo e admiração. (ARTISTA, 14/08/1885, p. 1).

No lastro deste arrazoado histórico, a redação do *Artista* exalta a importância dos esforços de todos os envolvidos em fazer “de um simples gabinete de leitura, de moldes acanhados e restritos, uma biblioteca eminentemente popular”, a primeira da província, uma benemérita instituição que se destaca frente ao que o jornal chama de “lamentáveis tendências que caracterizam a nossa sociedade” (ARTISTA, 14/08/1885, p. 1).

Já atravessamos uma época em que as energias do nosso corpo social, as forças vivas do nosso organismo foram, por assim dizer, completamente absorvidas pela preocupação banal, ridícula e prejudicial de festejar, com toda a pompa e brilhantismo, de ano em ano, a semana de Carnaval.

A mascarada penetrou nos nossos hábitos e constituiu-se uma quase necessidade, tornando-se os clubes carnavalescos e de recreio a única manifestação evidente e irrecusável da nossa existência social.

No meio desse desbaratamento de forças e dedicações; desse desequilíbrio do nosso senso afetivo; desse deplorável esgotamento das nossas energias, a Biblioteca era só a lutar e a protestar contra o inqualificável desvio das nossas aptidões.

[...]

No meio dessa revolução operada pela máscara e pelo carnaval, a benemérita instituição foi e é ainda o refúgio a que se apegam todos os que fogem cautelosamente da onda revolucionária.

[...]

Para o aniversário que amanhã deve ser solenizado, nós só temos um *hurrah* de entusiasmo! (ARTISTA, 14/08/1885, p. 1).

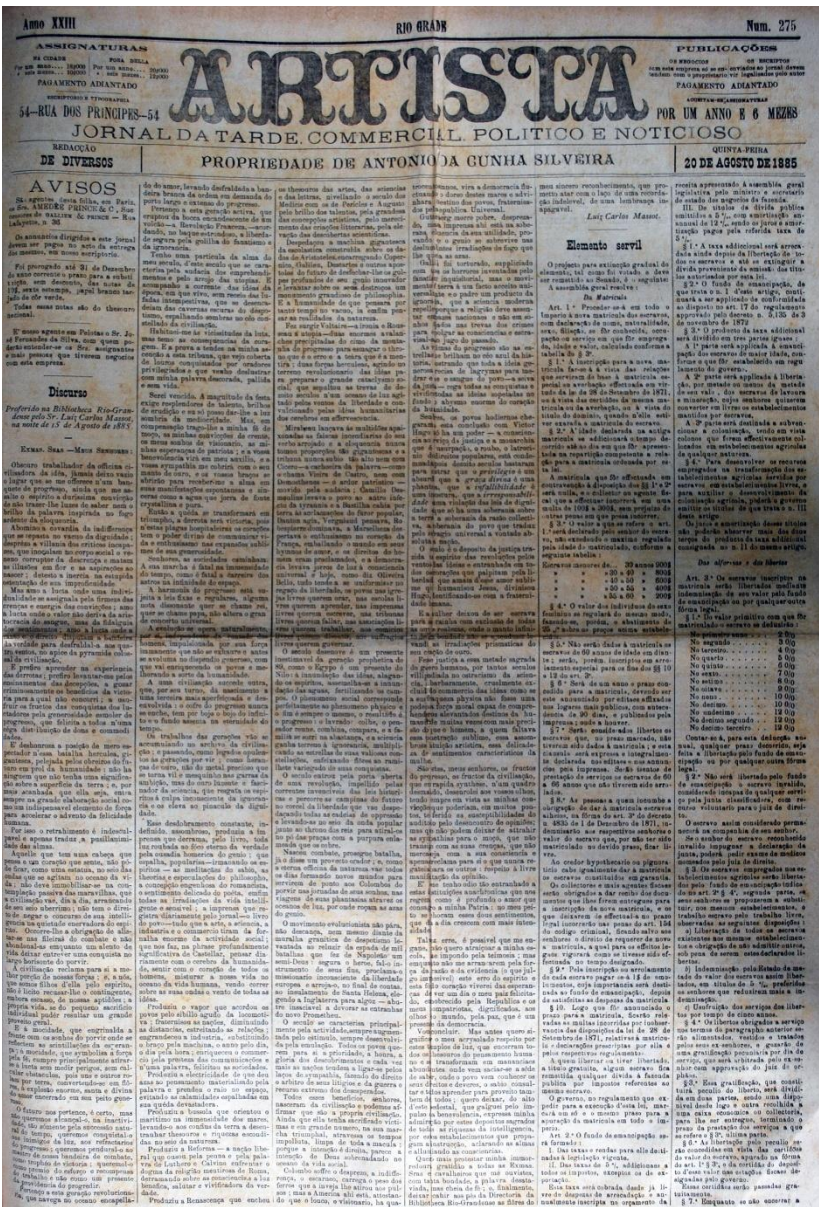
A sessão comemorativa foi noticiada pelo *Artista* na edição do dia 17 de agosto. De acordo com a nota, a sessão foi presidida pelo vice-presidente da Biblioteca Rio-Grandense, Sr. Alexandre José da Silva, devido à impossibilidade de comparecimento do presidente, Sr. Barão de Villa Izabel, por motivo de saúde. Alfredo Galhano, Theodoro Barbosa, Barbosa Filho, Garcia Terra e Machado Tavares foram citados como oradores, recitando poesias e discursos análogos ao ato. Um destaque entre os oradores presentes no evento foi dado ao Sr. Luiz Carlos Massot, professor residente na cidade de Pelotas (ARTISTA, 17/08/1885, p. 5). O discurso proferido pelo Sr. Massot foi publicado na íntegra na primeira página da edição do dia 20 de agosto (ARTISTA, 20/08/1885, p. 1) (FIGURA 7).

Em 16 de agosto de 1886, na única publicação que menciona a passagem dos quarenta anos da Biblioteca Rio-Grandense entre as edições do *Artista* daquele ano, a redação do jornal justifica que, por motivos alheios à sua vontade, não assistiu à solenidade comemorativa de aniversário. Todavia, ressalta que, por intermédio de outra pessoa, teve acesso a relatos dos pormenores do evento e os publicou nesta nota. Segundo consta, a sessão foi aberta pelo presidente, Sr. Alexandre José da Silva e presidida pelo 1º secretário, Benjamin Flores. Após o discurso deste, seguiram-se à tribuna os Srs. Francisco Otaviano Pereira, Georges Bianchi, Alfredo Galhano, Arthur Pinto da Rocha, tendo suas falas intercaladas por execuções de peças musicais (ARTISTA, 16/08/1886, p. 2).

Nos números do *Artista* que circularam em agosto de 1887 nada foi encontrado para uso nesta pesquisa. Porém, no ano seguinte, houve dez ocorrências válidas, sendo que a primeira, veiculada no dia 4, dava conhecimento da realização de um sarau literário e musical comemorativo a ser realizado na data do aniversário da Biblioteca (ARTISTA, 04/08/1888, p. 2).

Na edição de 13 de agosto, contudo, foi publicado comunicado de que o evento fora transferido para o dia 26, em razão do falecimento do bispo diocesano. Este mesmo aviso, subscrito pelo 1º secretário, Porphyro Alves da Silva, foi reiterado nos dias 14 e 16 daquele mês (ARTISTA, 13/08/1888, p. 2; 14/08/1888, p. 3; 16/08/1888, p. 3).

Figura 7 – Primeira página do jornal Artista de 20 de agosto de 1885



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

O convite para a festa comemorativa do 42º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense foi veiculado nos jornais dos dias 24 e 25 de agosto, sendo dirigido aos sócios e ao público em geral (ARTISTA, 24/08/1888, p. 2; 25/08/1888, p. 2). Também no dia 25 foi publicada a programação da solenidade, a qual previa como oradores o Sr. Dr. Manoel Antonio Afonso dos Reis, atual presidente da Biblioteca, e os Srs. Jacintho Carneiro, Frederico Bastos e Antonio Ramos. Ficavam previstas também apresentações musicais e recital de poesias pela Exma. Sra. D. Maria Francisca Cunha Louzada e pelo Sr. Joaquim Francisco S. Motta (ARTISTA, 25/08/1888, p. 2).

De acordo com a nota divulgada no dia 27, o salão principal da Biblioteca Rio-Grandense, “custosamente preparado para o ato”, recebeu uma excessiva aglomeração que chegava a bloquear as portas da entrada, não sendo possível a equipe do *Artista* ter acesso ao prédio. Porém, mesmo sem ter tido acesso ao evento, informavam que “quer a parte literária, quer a parte musical foram magistralmente desempenhadas. Louvores à diretoria da Biblioteca, especialmente, ao seu digno presidente Sr. Dr. Affonso Reis” (ARTISTA, 27/08/1888, p. 2).

E edição de 28 de agosto traz as duas últimas ocorrências de 1888, sendo a primeira a publicação da íntegra do discurso de Alfredo Galhano proferido durante a solenidade de aniversário, tomando grande proporção da primeira página (ARTISTA, 28/08/1888, p. 1). Na página seguinte o *Artista* transcreve um pedido de desculpas da direção da Biblioteca Rio-Grandense à imprensa, autoridades, consulados e associações a quem dirigiu convites oficiais para o evento, devido à não reserva de lugares em meio à aglomeração que fluiu repentinamente aos salões da entidade na ocasião (ARTISTA, 28/08/1888, p. 2).

Nos jornais de 1889 e 1890 nada foi encontrado com base nas premissas desta pesquisa, e apenas uma ocorrência se apresentou nos números de agosto de 1891, em uma pequena homenagem ao 45º aniversário da Biblioteca veiculada no dia 14 daquele mês.

Completam-se amanhã 45 anos, que um punhado de distintos cavalheiros fundou nesta cidade a Biblioteca Rio-Grandense, que relevantes e inestimáveis serviços tem prestado à educação de grande número de crianças e homens que ali vão, nas horas de descanso, beberem alguma instrução.

Noticiando tão faustoso acontecimento, o *Artista* envia os seus parabéns à atual diretoria daquela útil instituição, que tem empregado os maiores esforços para o seu engrandecimento (ARTISTA, 14/08/1891, p. 2).

Da mesma forma, em 1892 apenas uma curta homenagem ao aniversário de quarenta e seis anos da Biblioteca Rio-Grandense estampou a edição do dia 15 de agosto do *Artista*. A instituição é dita como uma das “que mais honra faz ao civismo e sentimento elevado desta população”, e sua direção é reconhecida como “digna continuadora das grandes conquistas

realizadas pelos seus antecessores, em favor da prosperidade daquele estabelecimento de instrução” (ARTISTA, 15/08/1892, p. 2).

Para quem conhece de perto as grandes lutas que têm sido travadas em favor da sustentação e prosperidade daquele utilíssimo estabelecimento de instrução pública; quem dispõe ainda dos dados necessários para avaliar os relevantes serviços por ele prestados à causa da educação popular, não pode deixar de ver nesse largo ciclo de 46 anos, um período brilhante de lutas gloriosas, no meio das quais mais de um nome simpático se tem recomendado à benemerência pública. (ARTISTA, 15/08/1892, p. 2).

Em 1893, três ocorrências válidas foram encontradas nos números referentes ao mês de agosto, sendo as mesmas de teor idêntico publicadas nos dias 16, 17 e 18. Trata-se de um agradecimento por parte da diretoria da Biblioteca Rio-Grandense “aos Srs. sócios e às pessoas que se dignaram aceitar convites para o espetáculo de 15 do corrente”, ao mesmo tempo em que solicita que as espórtulas sejam remetidas ao prédio da instituição a partir das 9 horas da manhã (ARTISTA, 16/08/1893, p. 3; 17/08/1893, p. 3; 18/08/1893, p. 2).

O aniversário da Biblioteca apareceu somente em uma pequena nota na edição de 14 de agosto de 1894 do *Artista*:

Completa amanhã o 48º aniversário da sua fundação a Biblioteca Rio-Grandense. Auspicioso aniversário que marca indubitavelmente a cultura de um povo.
Que progressivo desenvolvimento atinja aquela instituição é o nosso mais ardente desejo. (ARTISTA, 14/08/1894, p. 2).

Igualmente, em 1895 somente uma nota, publicada em 14 de agosto, mencionava a instituição e a congratulava pelos seus quarenta e nove anos de existência e prestação de serviços à comunidade local, sobretudo em relação aos seus cursos noturnos, nos quais “uma parte da mocidade desta localidade vai beber as luzes da instrução e desenvolver o espírito” (ARTISTA, 14/08/1895, p. 2).

Referente ao ano de 1896, nove foram as menções ao jubileu da Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Artista* do mês de agosto. Reservando parte da primeira coluna na página inicial da edição do dia 14, o diário saúda a entidade aniversariante:

[...] as bibliotecas são no mundo moderno, afirma-o o erudito Theophilo Braga, a fábrica da sabedoria universal; o reduto intangível, diremos nós, de onde os maiores gênios do século, com a fronte sobre a história da humanidade, arrancaram as maravilhas científicas, as descobertas prodigiosas entregues por eles às suas pátrias, ao gozo do gênero humano.

[...]

As bibliotecas públicas têm em sua história a vida complexa dos maiores vultos do passado como do presente.

Em sua modesta esfera há, a Biblioteca Rio-Grandense, que amanhã festeja o seu 50º aniversário, feito muito pela cultura de seus visitantes; e quem sabe se não poderíamos [...] afirmar que a Biblioteca Rio-Grandense é uma heroína incógnita de muitos triunfos espirituais [...].

O *Artista* saúda a distinta diretoria e empregados da Biblioteca, com toda efusão da alma. (ARTISTA, 14/08/1896, p. 1).

Ainda na edição de 14 de agosto, na página seguinte, são noticiados os festejos programados para comemorar o jubileu da Biblioteca, os quais teriam início ao meio dia do aniversário da entidade. Na ocasião estavam previstas a inauguração da bandeira da entidade e a entrega de diplomas de benemerência aos dois sócios fundadores ainda vivos. À noite seria realizada sessão solene com concerto musical oferecido pelo *Club Carlos Gomes*, e no dia 16 haveria a abertura dos cursos de português e desenho. Por fim, foram listados os nomes dos doadores de obras para o acervo da Biblioteca (ARTISTA, 14/08/1896, p. 2).

A inauguração da bandeira e a entrega dos títulos de sócios beneméritos aos fundadores Thomé Rodrigues Vasques e José Marques Vaz de Carvalho foram relatadas na edição do dia 15 de agosto (ARTISTA, 15/08/1896, p. 2). Nesta mesma edição, em nota apartada, é noticiada a realização da sessão solene comemorativa naquela noite, com a sugestão que esta seria “uma festa agradabilíssima que indubitavelmente deixará excelente impressão no espírito dos que a ela assistirem” (ARTISTA, 15/08/1896, p. 2).

Aos 18 de agosto, uma nota fazia registro de dois telegramas enviados à direção da Biblioteca, um vindo da presidência do Estado, subscrito por Júlio de Castilhos, e o outro de Olavo Alves, presidente da Biblioteca Pública Pelotense (ARTISTA, 18/08/1896, p. 2).

Na primeira página do número do *Artista* que circulou no dia 21 de agosto repercutia-se a publicação do *Jornal do Comércio* no dia 15 daquele mês, trazendo a transcrição da íntegra do artigo que tinha a Biblioteca Rio-Grandense como homenageada por ocasião do seu jubileu e objeto de uma

resenha que abarcava sua formação histórica e outros aspectos acerca do percurso da sua existência, como a riqueza do seu acervo e os serviços prestados à comunidade. A composição da sua diretoria também era mencionada, bem como as obras do prédio próprio que abrigaria a instituição e teria suas obras iniciadas dentro em breve (ARTISTA, 21/08/1896, p. 1).

Nas edições dos dias 22, 26 e 27 do mês de agosto daquele ano ainda seriam publicadas outras listagens com nomes de doadores de obras à instituição por ocasião do seu aniversário (ARTISTA, 22/08/1896, p. 2; 26/08/1896, p. 2; 27/08/1896, p. 2).

Treze inserções da Biblioteca Rio-Grandense com alusões à completude dos seus cinquenta e um anos foram encontradas nos números de agosto de 1897. A primeira delas consta no jornal do dia 7 e dá conta de informar que se sabia da pretensão da diretoria daquela instituição em realizar uma sessão literária comemorativa para solenizar seu aniversário (ARTISTA, 07/08/1897, p. 2).

Posteriormente, veiculada nos dias 11, 12, 13 e 14 de agosto, uma nota subscrita pelo 1º secretário da Biblioteca Rio-Grandense, João Soares de Lima Junior, participava aos sócios que os ingressos para a solenidade, que se realizaria no dia 15 do corrente, estavam disponíveis na secretaria da entidade (ARTISTA, 11/08/1898, p. 3; 12/08/1898, p. 2; 13/08/1898, p. 2; 14/08/1898, p. 2).

A sessão literária fora novamente noticiada na edição de 12 de agosto, agora mencionando a Exma. Sra. D. Revocata Heloisa de Mello e os Srs. João José Cezar, Fernando Pimentel, Alferes Pinheiro da Silva e o Rev. Padre Evangélico Cabral como inscritos para fazer uso da palavra durante o evento. Ao final, é destacado o aviso da diretoria de que o evento não seria público, sendo permitida a entrada somente daqueles que portassem seus respectivos convites (ARTISTA, 12/08/1897, p. 2).

O *Artista* datado de 14 de agosto trouxe na primeira página sua homenagem aos cinquenta e um anos da Biblioteca Rio-Grandense, “este estabelecimento que tem prestado enormes serviços à república das letras” (ARTISTA, 14/08/1897, p. 1).

A vida intelectual desta cidade muito deve à magnífica instituição, onde espíritos sequiosos de saber bebem a largos sorvos as lições grandiloquas dos mestres, nas artes e ciências, em todos os ramos da atividade humana.

[...]

A Biblioteca Rio-Grandense faculta a todos a leitura gratuita dos muitos milhares de livros que possui, e ninguém por mais humilde lugar que ocupe na escala social, terá o direito de alegar ausência dos meios necessários para rasgar à sua inteligência novos e mais vastos horizontes.

Ali, naquele repositório imenso de sabedoria e de luz, não se prepara quem não quer para as lutas sublimes do pensamento. (ARTISTA, 14/08/1897, p. 1).

Por fim, considerando que a Biblioteca Rio-Grandense ainda muito tem a contribuir para com o futuro da cidade, coloca como dever de todos impulsioná-la vigorosamente, já que a mesma se ergueu localmente há mais de meio século “como um farol majestoso, a guiar para o futuro o espírito rio-grandense” (ARTISTA, 14/08/1897, p. 1).

A sessão literária alusiva ao 51º ano da Biblioteca foi descrita na edição de 16 de agosto do *Artista*. Segundo consta, o evento contou com significativa adesão do público. Os oradores já nomeados no convite tomaram parte na tribuna e proferiram seus discursos entre recitais de poesia e distribuição de prêmios aos alunos que se destacaram nos cursos noturnos oferecidos pelo estabelecimento (ARTISTA, 16/08/1897, p. 2).

Finalmente, nos dias 20, 21, 23, 24 e 25 de agosto daquele ano foram publicadas as relações de doadores de obras para compor o acervo da instituição por ocasião do seu aniversário (ARTISTA, 20/08/1897, p. 2; 21/08/1897, p. 2; 23/08/1897, p. 2; 24/08/1897, p. 2; 25/08/1897, p. 2).

No ano de 1898 apenas uma publicação no mês de agosto trouxe inserção da Biblioteca Rio-Grandense e fez referência ao seu aniversário. No dia 15 daquele mês, uma nota na primeira página do *Artista* registrou congratulações à entidade pelos seus completos cinquenta e dois anos, lembrando que a sociedade se iniciou como “um modestíssimo grêmio para leitura de romances”, mas que acabou por crescer “graças ao esforço inteligente e à atividade profícua de um pugilo de homens capazes” (ARTISTA, 15/08/1898, p. 1).

E a Biblioteca, assim alentada, fincou novos marcos na extensão percorrida, pois os livros aumentaram grandemente nas suas estantes e os cursos noturnos receberam influxo mais reanimador.

[...]

Basta isso para provar que a Biblioteca, foco de luz fecundante, adquiriu os foros da benfeitoria entre o convívio da mais culta sociedade.

[...]

Os sucessores desta atualidade, quando manusearem a história da nossa vida, hão de dizer aos seus contemporâneos que a Biblioteca Rio-Grandense, pela geração que a constituiu, foi uma benemérita! (ARTISTA, 15/08/1898, p. 1).

Ao fim das descrições e análises dos dados angariados para esta pesquisa no jornal *Artista*, pode-se estimar a Biblioteca Rio-Grandense como um estabelecimento provedor de um espaço não somente de leitura, mas também de formação. Esta premissa, bastante demarcada nas suas inserções encontradas nas páginas deste periódico, demonstra o quão relevante esta instituição era para a comunidade rio-grandina sob a óptica deste veículo da imprensa local.

As homenagens por conta das passagens dos aniversários da instituição, apesar de não ocorrerem com grande constância, mostraram-se deveras efusivas e, por assim dizer, bastante justas, tendo em vista todo arrazoado que as acompanham, fazendo frisar os serviços à causa da instrução, da civilidade, da cultura e da educação prestados à sociedade local.

É evidente, também, a percepção de que a construção discursiva do *Artista* demonstra caráter bastante crítico ao, reiteradas vezes, opor-se aos “desvios” da sociedade em detrimento da cultura letrada. Um exemplo deste entendimento fica expresso na tomada que o jornal faz das práticas carnavalescas como atividades supérfluas e que, de certa forma, rivalizam com o letramento da sociedade. Neste contexto, as bibliotecas, de modo geral, são tidas pelo jornal como agentes que assumem caráter definitivo e educativo na contenção destas atividades consideradas de recreio banal.

Contudo, mesmo diante de aspectos particulares que conduzem a uma compreensão crítica do material coletado no *Artista*, ainda é possível perceber que sua visão acerca da Biblioteca Rio-Grandense possui uma constante ufanista. Esta, sem nenhuma demasia, evidencia a profunda relevância desta instituição como um marco no universo que orbita o papel das bibliotecas no tocante à leitura e à instrução.

4.3 A Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Eco do Sul*

No *Eco do Sul*, o ano de 1878 nada apresentou em termos de dados atinentes ao escopo da presente pesquisa nos números veiculados durante o mês de agosto. Contudo, em 1879, uma inserção referente ao aniversário de trinta e três anos da Biblioteca Rio-Grandense constou nas páginas do *Eco do Sul*. Na nota foi lembrado seu antigo título de Gabinete de Leitura e a atual denominação, bem como mencionado que no decurso de sua existência a entidade havia passado por fases de prosperidade e decadência, destacando seu atual estado lisonjeiro (ECO DO SUL, 15/08/1879, p. 2). Estas observações dizem respeito aos períodos de dificuldade enfrentados pela instituição, sobretudo de ordem financeira e gerencial, mas que viriam a ser abrandados alguns anos antes desta data mediante o pagamento das dívidas e ao conseqüente crescimento do prestígio frente à sociedade rio-grandina.

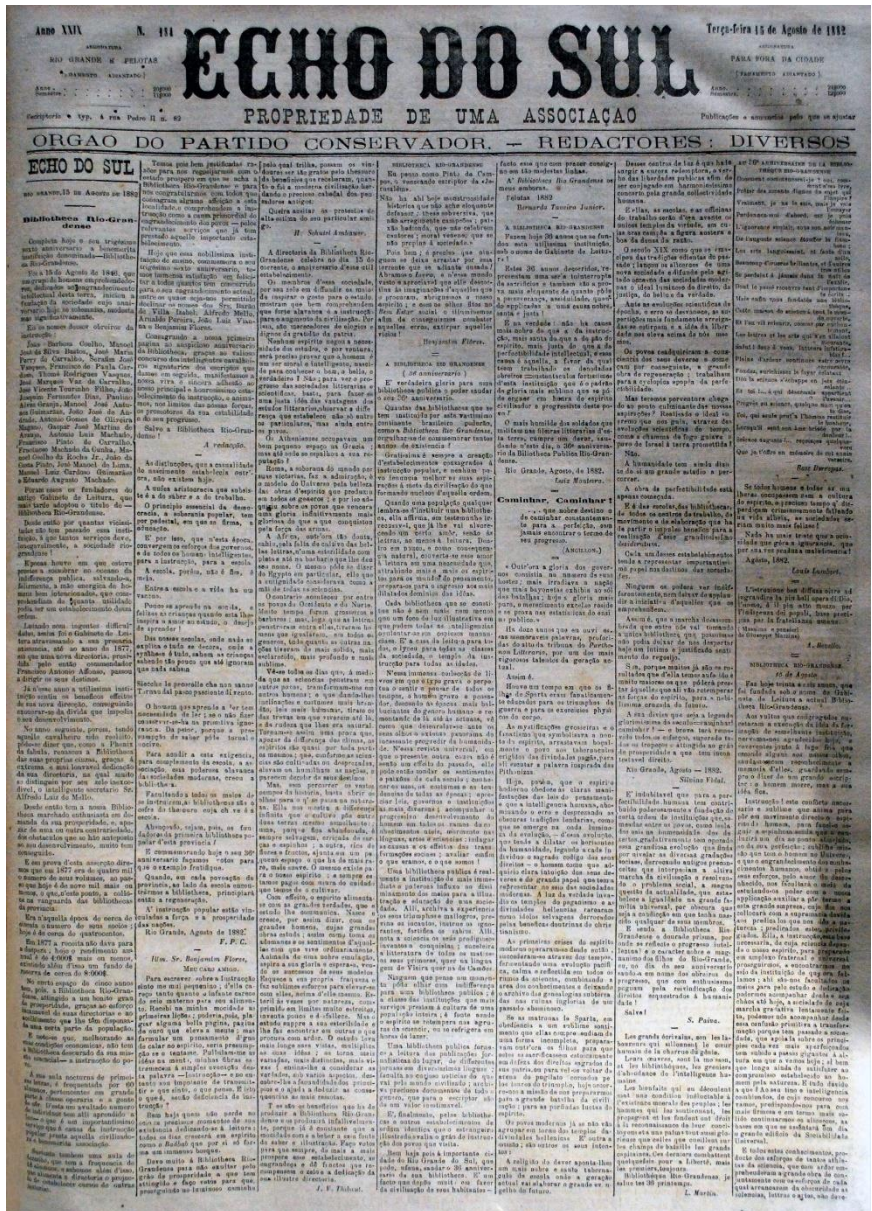
Em 1880 e 1881 os meses de agosto nada trouxeram de publicações que mencionassem a passagem dos aniversários da Biblioteca, ao contrário do que se apresenta no ano de 1882, em que seis ocorrências se referem ao aniversário de trinta e seis anos da Biblioteca Rio-Grandense.

Três inserções encontram-se na edição do dia 15. A primeira publicação, dedicada a homenagear a instituição, ocupa todas as sete colunas da primeira página (FIGURA 8) e as duas primeiras colunas da segunda página. É assinada, na primeira parte, pela redação do *Eco do Sul*, e seguida de outros escritos assinados por “inteligentes cavalheiros” em homenagem ao aniversário da Biblioteca.

A parte da matéria que toca à redação do jornal exalta o trigésimo sexto aniversário da benemérita instituição, discorrendo sobre sua história iniciada a partir dos esforços empreendidos por um grupo de homens dedicados ao engrandecimento intelectual da cidade. A publicação traz um rol dos nomes de todos os “obreiros da instrução” que fundaram o Gabinete de Leitura e rememora que, por muitas vicissitudes passou a Biblioteca, inclusive épocas em que a mesma esteve à margem da indiferença pública, sendo salva pela “mão enérgica de homens bem intencionados, que compreendiam de quanta utilidade podia ser um estabelecimento dessa ordem”. O ano de 1877 é destacado nesta publicação memorial pela posse de uma nova diretoria do

então Gabinete de Leitura, o qual atravessava um período de precariedade, passando agora a ser presidido pelo comendador Francisco Antonio Affonso, e exonerando-se das suas atividades. A matéria também avulta a figura do secretário Alfredo Luiz de Mello, o qual “muito se distinguuiu por seu zelo inexorável” no ano seguinte, quando foi reeleita a diretoria e “como a Fênix da fábula, renasceu a Biblioteca das suas próprias cinzas” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Figura 8 – Primeira página do jornal Eco do Sul de 15 de agosto de 1882



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

A redação procura, ainda, ilustrar a trilha de prosperidade da Biblioteca Rio-Grandense advinda da posse da nova diretoria no ano de 1877, a partir da mensuração de seu acervo, o qual cresceu de quatro mil para aproximadamente nove mil volumes na data da publicação, “o que, neste ponto, a coloca na vanguarda das bibliotecas da província” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

O número de sócios também é objeto de comparação entre o ano de 1877 e 1882, tendo aumentado de oitenta para quatrocentos, assim como também é enfatizado que a receita, que não cobria os gastos da época, agora pairava em torno de 4:000\$, além da existência de um fundo de reserva no valor de 8:000\$. Este intervalo de cinco anos, segundo a matéria, configurou-se para a instituição como um período de um “bonito grau de prosperidade, graças ao esforço incansável de suas diretorias e ao acolhimento que lhe tem dispensado uma certa parte da população” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

A matéria ainda traz à baila a missão essencial da Biblioteca Rio-Grandense, que é “a instrução do povo”, da qual a mesma não se descuidou mesmo nas melhores condições econômicas galgadas até aquela data. Prova disso, segundo a matéria, é que a instituição manteve suas aulas noturnas de “primeiras letras”, as quais possuíam 60 alunos, na maior parte pertencentes “à classe operária e à gente de cor”; e também aulas de desenho, com 18 alunos frequentes (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

A redação do *Eco do Sul* exalta “a instrução como a causa primordial do engrandecimento dos povos”, tendo a Biblioteca Rio-Grandense prestado relevantes serviços neste contexto, e encerra sua homenagem com as seguintes palavras:

Hoje que esta nobilíssima instituição de ensino, comemora o seu trigésimo sexto aniversário, temos imensa satisfação em felicitar a todos quantos tem concorrido para o seu engrandecimento atual, entre os quais seja-nos permitido declinar os nomes dos Srs. Barão de Villa Izabel, Alfredo Mello, Arnaldo Pereira, João Luiz Vianna e Benjamin Flores.

Consagrando a nossa primeira página ao auspicioso aniversário da Biblioteca, graças ao valioso concurso dos inteligentes cavalheiros signatários dos escritos que damos em seguida, manifestamos a nossa viva e sincera adesão ao nosso principal e honrosíssimo estabelecimento de instrução, e animamos, nos limites das nossas forças, os promotores da sua estabilidade e do seu progresso.

Salve a Biblioteca Rio-Grandense! (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Às homenagens oriundas do *Eco do Sul*, seguiram-se escritos de personalidades cidadinas que prestaram tributos à instituição pela passagem de seus trinta e seis anos, alguns que contariam com certo reconhecimento em meio à intelectualidade, mormente a rio-grandense, e outros plenamente desconhecidos ou sequer nomeados senão pelas suas iniciais de seus nomes.

F. P. C. reflete que “a única aristocracia que subsiste é a do saber e a do trabalho”, sendo a educação o pedestal no qual se afirma a democracia enquanto soberania popular. Por isso os esforços convergem para a instrução e para a escola, que tem na biblioteca um complemento que atua como alavanca para a sociedade moderna. Assim, este signatário presta sua homenagem à Biblioteca Rio-Grandense e a seus idealizadores, fazendo votos de que este exemplo se frutifique (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

H. Schutel Ambauer posta sua homenagem evocando, também, a instrução como centro de reflexão, ao arrazoar sobre aqueles que não se perdem no ócio e dedicam-se à leitura. Nesta totalidade, Ambauer menciona dever muito à Biblioteca Rio-Grandense e manifesta seus votos de que esta prossiga em seu luminoso caminho. (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

J. V. Thibaut escreve também sobre a instrução e enaltece a Biblioteca Rio-Grandense por “seu zelo em difundir os meios de inspirar o gosto para o estudo”, o que evidencia o mérito de elogios e gratidão da pátria. O signatário reflete que as ciências transformam a sociedade, tirando-a das trevas, e o estudo multiplica as ideias e as torna mais distintas, ensinando a considerar as verdades sobre vários aspectos, os princípios e as consequências. Assim, para ele, a Biblioteca Rio-Grandense é infalível enquanto fonte de saber, e seus votos são de prosperidade e recompensa ao zelo e dedicação de sua ilustre diretoria (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Benjamin Flores, ao citar trecho de autoria de Pinto de Campos, escritor de “Jerusalém”, conjectura que o livro é um “mundo vasto e apreciável” e nele deve-se abrigar o espírito, para que se possa combater erros e extirpar vícios (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Bernardo Taveira Junior enaltece a criação das bibliotecas enquanto estabelecimentos de instrução popular, sendo estes esforços um testemunho de uma população que nutre amor às letras e à leitura. Taveira Junior ressalta a biblioteca pública como a instituição que mais presta serviços à cultura da

sociedade e, segundo ele, é por ela que se mede o grau de instrução dos povos. Assim, julga que a existência e longevidade da Biblioteca Rio-Grandense depõem em favor dos habitantes da cidade do Rio Grande (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Luiz Monteiro exalta o poder da perseverança e assiduidade “quando aplicadas a uma causa nobre, santa e justa”, como a da instrução. Os “denodados obreiros” também são lembrados por Monteiro por sustentarem uma “instituição que é o padrão da glória mais sublime que se pode erguer em honra do espírito civilizador e progressista deste povo” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Silvino Vidal, reflete que “outrora a glória dos governos consistia no número de suas hostes [...]; hoje a glória mais pura, o merecimento excelso reside e se prova nas estatísticas do ensino público”. Com tais palavras, que, segundo o próprio, ouviu serem proferidas na tribuna do *Parthenon Litterario*⁴, Vidal tece seu preito às escolas, bibliotecas e todos os centros que cumprem papel vital perante as sociedades, em especial referência à Biblioteca Rio-Grandense (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

S. Paiva presta sua homenagem à instituição enfatizando-a como “o dourado prisma, por onde se reflete o progresso intelectual e o caráter nobre e magnânimo dos filhos do Rio Grande” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

Louis Lambert em seu brevíssimo texto critica a ociosidade, que gera a ignorância, em detrimento da cultura de espírito (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

S. R. distingue sua gratidão aos fundadores do Gabinete de Leitura e avulta, também, a instrução como a “base necessária, de cuja ciência depende o nosso espírito, para preparado em amplexo fraternal e universal prosseguirmos, a encontrarmos no seio da instituição de que ora falamos” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1-2).

Por fim, E. Vanorden profere que “os esforços para conservar os pensamentos humanos dos vultos mais distintos e eruditos, e os eventos mais notáveis, datam da mais remota antiguidade”. No lastro desta reflexão,

⁴ Sociedade fundada em Porto Alegre em 1868 sob a liderança de Apolinário Porto Alegre, com o intuito de promover a literatura como atividade necessária ao desenvolvimento cultural da sociedade. Também defendia, entre outras causas, a alfabetização, a organização de bibliotecas e as artes em geral (MOREIRA, 2013).

Vanorden discorre sobre a história das bibliotecas e finaliza postulando que “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e somente quando este desenvolver devidamente todas as suas faculdades poderá tornar-se digno da sua elevada origem” (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 2).

Três outras personalidades ainda tiveram suas homenagens aos trinta e seis anos da Biblioteca Rio-Grandense publicadas no *Eco do Sul* em outros idiomas: L. Martin e Rose Derrapas, em francês; e A. Revello, em italiano. (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 1).

O tributo prestado à Biblioteca Rio-Grandense pelo *Eco do Sul* de 15 de agosto de 1882 suscita a compreensão da relevância desta instituição enquanto espaço de leitura no contexto da cidade do Rio Grande. Este reconhecimento se demonstra através do resgate da história da Biblioteca apresentado, sobretudo da história recente à época, a fim de exaltar sua subsistência em meio às tantas dificuldades pela qual passou e elucidar o esforço dos envolvidos na empreitada de manter ativo este centro de instrução que cumpre papel decisivo perante a comunidade do município. Outrossim, a homenagem expressa por distintas personalidades externas à redação do *Eco do Sul* que tiveram seus escritos publicados, elucida o que parece ser o intuito do jornal de dar voz à comunidade sob representação destas figuras.

Ainda na edição do dia 15 de agosto, tem-se a segunda ocorrência de publicação que se refere ao aniversário da Biblioteca Rio-Grandense veiculada pelo *Eco do Sul*. Trata-se de um convite ao público em geral para participar de uma sessão solene em homenagem aos trinta e seis anos da instituição, a ser realizada naquela mesma data, às “7 ½ horas da noite”. Na ocasião previa-se a oratória de “discursos análogos ao ato” pelos senhores monsenhor Miranda Vargas, Alexandre B. de Moura, Francisco Rodrigo de Souza e Arthur Rocha (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 2).

A terceira publicação veiculada no dia 15 de agosto pelo *Eco do Sul*, com relação à Biblioteca Rio-Grandense e à passagem de seu aniversário, esclarecia que a ocupação de toda a primeira página com artigos relativos às homenagens justificava a preterição da carta do correspondente pelotense, a qual seria publicada no próximo número do jornal (ECO DO SUL, 15/08/1882, p. 2).

A realização da sessão comemorativa do 36º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense foi noticiada pelo *Eco do Sul* no dia 17 de agosto. Segundo a publicação, “houve imensa concorrência de homens e senhoras”. Por este motivo, o veículo esclarece a falta de detalhes acerca do evento: “Não nos tendo sido possível chegar até lugar de onde pudéssemos assistir à sessão, ou ao menos ouvir os oradores, nada sabemos do que se passou na solenidade” (ECO DO SUL, 17/08/1882, p. 2).

Nesta mesma data, a Biblioteca Rio-Grandense teve nota de agradecimento publicada na seção “A pedidos”. No texto, assinado pelo 1º secretário, Benjamin Flores, a diretoria da instituição manifesta sua gratidão a todos os que contribuíram para o esplendor do evento comemorativo do seu 36º aniversário (ECO DO SUL, 17/08/1882, p. 2-3).

A briosa população desta culta cidade demonstrou categórica e eloquentemente que sabe bem compreender o elevadíssimo alcance das bibliotecas, esses monumentos que atravessam sobranceiros os anos e são o oráculo onde as gerações vão aprender! E como não, se é só do estudo, só do profundo meditar sobre os acontecimentos da história, que se irradiam as cintilações de luz, que formam a consciência da humanidade!? (ECO DO SUL, 17/08/1882, p. 3).

A nota ainda destaca “a ilustrada e digna imprensa, que em sua totalidade tanta amizade e benevolência dispensou à nossa civilizadora instituição”, além de agradecer nominalmente às personalidades “que abrilhantaram a página principal do conceituado periódico *Eco do Sul*, que nos foi gentilmente dedicada pela sua digna redação”. São alvos de agradecimento, também, os oradores que proferiram suas falas durante a solenidade, e ao público presente, “que em elevadíssimo número tornou repletos os salões do estabelecimento patenteando assim a verdadeira simpatia que lhe inspiram as instituições cujo intento primordial é a ilustração do espírito” (ECO DO SUL, 17/08/1882, p. 3).

O dia 18 agosto de 1882 trouxe a última inserção da Biblioteca Rio-Grandense em uma nota relativa ao seu aniversário naquele ano. Na “simples resposta” à nota veiculada no dia anterior e assinada pelo 1º secretário, Benjamin Flores, a redação do *Eco do Sul* afirma não ter queixas contra a diretoria da Biblioteca Rio-Grandense pela impossibilidade de cobrir o evento comemorativo realizado no dia 15 de agosto, e reitera:

Se não lhe foi possível assistir à sessão solene do dia 15, é porque não o permitiu a imensa multidão que se aglomerava nas salas, e foi isto mesmo o que dissemos ontem.

Não se depreenda porém, do note bem do Sr. Flores – que a ilustre diretoria havia reservado lugares para a imprensa, e que se esta não se utilizou deles é porque as senhoras os ocuparam (ECO DO SUL, 18/08/1882, p. 2).

Em agosto de 1883, quatro publicações fizeram referência ao aniversário da Biblioteca Rio-Grandense no *Eco do Sul*. A primeira delas ocorreu no dia 14, noticiando a sessão solene comemorativa aos trinta e sete anos da instituição, a ser realizada no dia 15 daquele mês. A publicação tratava de convidar o público em geral, sócios, autoridades e representantes da imprensa e era assinada pelo 1º secretário, Benjamin Flores. Foram arrolados os nomes das personalidades que tomariam a tribuna para proferirem discurso, e destacada a apresentação de pianistas “que em homenagem de simpatia à Biblioteca Rio-Grandense, dignam-se executar ao piano escolhidas peças de estimados compositores”. Ao final era solicitado que aqueles que chegassem mais cedo ao recinto, que não ocupassem os lugares reservados aos oradores, pianistas, autoridades e representantes da imprensa (ECO DO SUL, 14/08/1883, p. 3).

Na edição do dia seguinte, 15 de agosto, o *Eco do Sul* publica sua homenagem aos trinta e sete anos da instituição. O texto eleva a relevância da mesma na prestação de serviços à causa da instrução e enfatiza que “não há exemplo, nesta província, de tão longa duração de uma sociedade dessa ordem” (ECO DO SUL, 15/08/1883, p. 2).

Parece até incrível que na cidade do Rio Grande haja podido uma biblioteca pública subsistir por tão longo espaço de tempo, e tanto mais tendo essa associação passado por fases em que mais de uma vez esteve prestes a dissolver-se pelo abandono a que foi lançada. (ECO DO SUL, 15/08/1883, p. 2).

Em seguimento, o texto avulta a resistência da entidade em prosseguir sua missão em detrimento a todas as adversidades, achando-se, agora, em condições de prosperidade graças à dedicação de suas diretorias e do prestígio frente a população da cidade.

Ainda na edição do dia 15, repetiu-se a publicação do mesmo convite para a sessão solene comemorativa que havia sido veiculada no dia 14 (ECO DO SUL, 15/08/1883, p. 3).

A última das publicações daquele ano remetendo ao aniversário da Biblioteca Rio-Grandense nas páginas do *Eco do Sul* deu-se no dia 17 de agosto. Esta noticiava a realização da sessão solene comemorativa realizada há dois dias atrás. Segundo dito, o evento foi de grande pompa e contou com grande participação da comunidade rio-grandina, sendo “mais uma prova eloquentíssima da verdadeira, da incontestável simpatia com que nestes últimos tempos a população desta cidade tem acolhido esta utilíssima instituição” (ECO DO SUL, 17/08/1883, p. 2).

A notícia dá destaque à fala do 1º secretário da instituição, Benjamin Flores, o qual:

[...] disse que o atual engrandecimento da Biblioteca era não só devido ao esforço e à dedicação inexcedível das últimas diretorias, como também e muito principalmente à circunstância significativa de nunca haver penetrado no seu respeitável recinto outro sentimento a não ser aquele nobre e elevadíssimo do amor, do devotamento sincero aos seus interesses e por conseguinte à elevação do nível moral e intelectual desta briosa cidade; que tanto maior e mais íntima se tornava a sua satisfação quando notava com indizível desvanecimento que esta mesma Biblioteca que hoje trajando galas festejava o seu 37º aniversário, completamente desembaraçada do menor compromisso, tendo pelo contrário de seu perto de 13.000\$ para o projetado edifício, com perto de 500 sócios, contando em suas estantes quase 10.000 volumes, sustentando aulas noturnas frequentadíssimas onde as classes desfavorecidas da sorte recebem gratuitamente o pão de espírito, possuindo um curso de desenho importante e animado, que esta mesma Biblioteca que, em uma palavra, atualmente goza da mais ampla, da mais decidida simpatia popular, é aquela que não há 6 anos ainda, imersa no mais completo desânimo, funcionando em um edifício sem comodidades, acanhado, sem ar, sem luz; não tendo sequer uma centena de sócios, com pouco mais de 4.000 volumes e em tão deplorável estado de finanças que foi citada para o pagamento de uma dívida! (ECO DO SUL, 17/08/1883, p. 2).

A seguir, a notícia descreveu sucintamente os demais atos que compuseram o evento, desde as apresentações das pianistas até os discursos dos oradores que ocuparam a tribuna (ECO DO SUL, 17/08/1883, p. 2).

No mês de agosto de 1884, cinco matérias mencionam a Biblioteca Rio-Grandense referindo-se à passagem dos seus trinta e oito anos de existência.

O dia 15 de agosto traz a homenagem do *Eco do Sul* à instituição que completava trinta e oito anos de existência. A matéria lembra as “fases, algumas das quais de verdadeira decadência e desmantelamento” da Biblioteca, que ora encontrava-se “em condições tais, que deve ser para a cidade do Rio Grande motivo de justo desvanecimento” (ECO DO SUL, 15/08/1884, p. 1).

São mencionados nesta publicação, novamente, os obstáculos pelos quais a Biblioteca Rio-Grandense vinha passando ao longo da sua história, sendo citada a situação em que a mesma se encontrava no ano de 1877 e os dados já sabidos por intermédio da homenagem veiculada no ano de 1882, os quais agora flutuavam em torno de doze mil volumes, quinhentos sócios, receita de 5:000\$ e 14:000\$ de fundo de reserva, com perspectiva de atingir 20:000\$ dentro em pouco. Esta quantia, segundo consta na publicação, seria utilizada para dar início à construção do seu prédio, algo tido como uma necessidade primordial para a instituição e “principal aspiração da diretoria, como o foi igualmente das suas antecessoras nestes dois ou três últimos anos” (ECO DO SUL, 15/08/1884, p. 1).

A publicação, então, tece outros comparativos entre a situação da instituição no ano de 1877 e na sua contemporaneidade, como a maior frequência de visitas e acesso ao acervo, denotando um progresso que credita à atual diretoria e suas antecessoras. Ao final, é anunciada a realização de uma sessão solene em honra ao 38º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense e são expressos “ardentes votos pelo máximo engrandecimento da benemérita e utilíssima instituição, a quem já tanto deve a causa da instrução nesta cidade” (ECO DO SUL, 15/08/1884, p. 1).

Na mesma data, o *Eco do Sul* noticia que foram ofertados “por diversas senhoras e cavalheiros”, como donativos à Biblioteca, o montante de “200 e tantos” volumes por ocasião do seu aniversário (ECO DO SUL, 15/08/1884, p. 2).

Ainda no dia 15 foi publicado um convite ao público, aos sócios, famílias e representantes da imprensa para a sessão solene em comemoração ao 38º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, a ser realizada naquela mesma data, abrilhantada por distintos oradores, pianistas e hábeis profissionais. A exemplo do ano anterior, ao final do convite, pede-se atenção

ao público para que não ocupe os lugares reservados (ECO DO SUL, 15/08/1884, p. 3).

A realização do evento é noticiada na edição do dia 17, nomeando os ocupantes da tribuna. Segundo a nota, todos discorreram “sobre o alcance elevado e patriótico de instituições daquela natureza”, além de tecerem elogios às últimas administrações da instituição “pelos esforços empregados para o levantamento da sociedade ao estado de florescimento em que se acha”. O *Eco do Sul* termina felicitando a diretoria da Biblioteca Rio-Grandense pelo evento, e faz votos de que os recursos permitam que em breve possa realizá-los em seu prédio próprio (ECO DO SUL, 17/08/1884, p. 2).

Por fim, no dia 26 de agosto de 1884 foram nomeados os doadores das obras entregues à Biblioteca por ocasião do seu aniversário. Também é dado conhecimento de que o secretário Benjamin Flores estava procedendo à encadernação de cento e cinquenta volumes, dos quais boa parte ainda não era acessível ao público; que encomendou duzentos volumes “de interessantes e modernas produções literárias” vindas da Europa; assim como “o importante jornal ilustrado que se publica em Paris, *L’Illustration Française*” (ECO DO SUL, 26/08/1884, p. 1-2).

O agosto de 1885 trouxe quatro ocorrências de menções à Biblioteca Rio-Grandense no *Eco do Sul* referentes à passagem dos seus trinta e nove anos de existência. Na edição de 15 de agosto o diário firmou seu tributo ao aniversário da instituição refletindo sobre os serviços direcionados ao “desenvolvimento da instrução nesta cidade” e que “tantos e tão notáveis benefícios há prestado à causa da civilização e do progresso” (ECO DO SUL, 15/08/1885, p. 1).

A publicação também noticia a festa artística que está sendo preparada pela instituição para celebrar seu aniversário:

Não pode a Biblioteca festejar mais condignamente o seu 39º aniversário. Bem inspirados, pois, andaram os membros da atual diretoria promovendo tão útil quanto agradável diversão a quantos se interessam pelo engrandecimento daquele estabelecimento que, nas circunstâncias prósperas em que se acha e pelas vantagens e utilidades que oferece, honra sobre modo à população desta cidade. Oxalá que os seus muitos e profícuos esforços em prol do aditamento cultural da mocidade rio-grandense, encontrem sempre merecida recompensa no espírito grato do nosso povo (ECO DO SUL, 15/08/1885, p. 1).

Na mesma edição, em publicação assinada por Benjamin Flores e Francisco Bento Junior, membros da comissão organizadora da comemoração referida na matéria anterior, o convite para a sessão solene em honra ao aniversário da instituição é direcionado ao público, aos sócios e representantes da imprensa. O evento, que ocorreria naquela mesma data, contaria com a participação de ilustres oradores e distintos pianistas. Novamente, ao final do texto, os redatores tiveram o cuidado de solicitar ao público especial atenção à reserva de lugares (ECO DO SUL, 15/08/1885, p. 2).

No dia 18 de agosto a realização do evento foi noticiada como tendo sido um evento de grande sucesso e com grande adesão de público (ECO DO SUL, 18/08/1885, p. 2).

[...] a concorrência era por tal forma extraordinária, que o povo invadiu a escada que do vestíbulo comunica com o segundo andar do grande sobrado e dali, premendo-se em completa multidão, erguendo-se na ponta dos pés, estirando o pescoço e fazendo concha com a mão em torno da orelha na atitude de quem não quer perder uma palavra, não quer que lhe fuja uma nota, procurava cada um gozar o mais que lhe fosse permitido, dos encantos da festa. (ECO DO SUL, 18/08/1885, p. 2).

A decoração do local e as oratórias realizadas à tribuna, bem como os números musicais apresentados abrilhantaram a festa, conforme descreve a matéria detalhadamente. Houve também doações de um grande número de obras para compor o acervo da Biblioteca (ECO DO SUL, 18/08/1885, p. 2).

Ainda no dia 18 de agosto daquele ano, o *Eco do Sul* publica uma nota onde justifica sua impossibilidade de ter comparecido à festa, tendo confiado a descrição do evento a um “inteligente amigo”, ao qual presta seus agradecimentos (ECO DO SUL, 18/08/1885, p. 2).

Em 1886, ano em que a Biblioteca Rio-Grandense completava quarenta anos, nove foram as matérias veiculadas pelo *Eco do Sul* que mencionavam a instituição e referindo-se a esta passagem.

Os membros da diretoria da entidade, Barão de Villa Izabel, Raul Cezar, João Luiz Vianna, Israel Corrêa da Silva, Benjamin Flores e Francisco Bento Junior, subscrevem o convite para a *Soirée* Literária-Musical comemorativa do 40º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, publicado em 14 de agosto daquele ano. O público em geral, sócios da instituição e a

imprensa foram objetos do convite para a festa que iria acontecer no dia seguinte, a qual, segundo consta, estava sendo preparada com todos os esforços para que fosse “realizada com o esplendor que caracterizou as dos anos anteriores” (ECO DO SUL, 14/08/1886, p. 2).

O mesmo convite veio a se repetir na edição do dia seguinte (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 3). Neste mesmo número, o *Eco do Sul* notabiliza os completos quarenta anos da instituição, primeiramente noticiando da realização da festa que ocorreria naquele dia. Após, “deixando de parte a festa, que há de forçosamente condizer com o motivo”, celebra o aniversário da Biblioteca (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 2).

[...] cumpriremos o agradável dever de celebrar o acontecimento comemorativo tecendo um louvor a todos os cidadãos que, esforçados paladinos da instrução, contribuíram e continuam a contribuir para a sustentação daquele templo, e, por consequência, para o desenvolvimento e esplendor do culto às letras. (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 2).

A instrução pública, que, segundo o jornal, é um campo em atraso no país, aliado à dificuldade de acesso à educação literária por parte daqueles que não possuem recursos para a obtenção de livros, são questões para as quais as bibliotecas públicas trabalham. Os feitos negativos deste cenário são, em parte, neutralizados por estas instituições ao proverem acesso aos “meios de ilustrarem a inteligência e de adquirirem valioso cabedal de conhecimentos, sem outro sacrifício mais, que o de prestar uma significativa contribuição, ou de dar-se simplesmente ao trabalho de ir frequentá-las” (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 2).

No tocante à Biblioteca Rio-Grandense, a matéria em pauta destaca que são notórios os brilhantes resultados inerentes ao desenvolvimento literário da sociedade, bem como o são os esforços de todos os cidadãos envolvidos na tarefa de consolidar a instituição (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 2).

Aí está ela cheia de vida e de glórias, depois de 40 anos de existência. Obra da dedicação e do amor ao progresso da inteligência, o seu esplendor aureola também os nomes dos seus obreiros e paladinos.
 Possa ela, como até aqui, afrontar as vicissitudes do tempo e ir acumulando os tesouros do saber humano.
 As gerações futuras participando desses tesouros bendirão aqueles que associaram o seu nome a obra tão meritória.

Nossas congratulações à digna diretoria da Biblioteca Rio-Grandense. (ECO DO SUL, 15/08/1886, p. 2).

Aos 17 dias do mês de agosto, a notícia da realização da festa de aniversário de fundação da Biblioteca Rio-Grandense detalhou os atos que marcaram as homenagens à data comemorativa, nomeando os oradores que ocuparam a tribuna. Dentre estes, “o esperançoso acadêmico Arthur Pinto da Rocha”, que também viria a ser mencionado na edição do dia 24 de agosto daquele mesmo ano, ao ser lembrado como orador de “raro brilhantismo” a discursar no evento, estando ele de partida para Portugal a fim de concluir o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade de Coimbra. Arthur Pinto da Rocha também é citado com referência ao seu discurso na festa de aniversário da Biblioteca em nota publicada no dia 26 de agosto, a qual tem por objeto noticiar a realização de um banquete de despedida do mesmo antes deste embarcar rumo a Portugal (ECO DO SUL, 17/08/1886, p. 2; 24/08/1886, p. 2; 26/08/1886, p. 1).

Ainda com relação à publicação do dia 17 de agosto, que noticiou a realização da sessão comemorativa da Biblioteca Rio-Grandense, há o relato de que fora distribuído aos presentes o *15 d’Agosto*, “uma elegante folha especial comemorativa da data que tão brilhantemente se solenizava, contendo artigos e pensamentos de alguns cavalheiros que entre nós cultivam com vantagem as letras” (ECO DO SUL, 17/08/1886, p. 2).

Na edição do dia 18, o *Eco do Sul* publica um agradecimento ao recebimento de um exemplar da folha comemorativa (ECO DO SUL, 18/08/1886, p. 2).

No dia seguinte, novo agradecimento é publicado pelo jornal, dessa vez dirigido ao Sr. A. Galhano, “inteligente e hábil farmacêutico do exército”, o qual remeteu àquela redação um *in-fólio* contendo uma cópia do discurso que proferiu na ocasião da festa de aniversário da Biblioteca Rio-Grandense (ECO DO SUL, 19/08/1886, p. 2).

A última das inserções da instituição nas páginas do *Eco do Sul* por ocasião dos seus completos quarenta anos deu-se no dia 22 de agosto, através de uma nota que noticia o recebimento de uma carta oriunda da diretoria da Biblioteca em agradecimento a todos os serviços prestados por aquele jornal (ECO DO SUL, 22/08/1886, p. 2).

O *Eco do Sul* não tem feito mais do que cumprir um dever imposto pela civilização intelectual das sociedades modernas a todos os elementos que estão ao serviço da instrução.

A delicadeza da digna diretoria, penhora-nos; desejaríamos tê-la merecido. (ECO DO SUL, 22/08/1886, p. 2).

O ano de 1887, o *Eco do Sul* apresentou apenas uma menção à Biblioteca Rio-Grandense alusiva ao seu aniversário. Neste ano, porém, em razão do naufrágio do paquete a vapor “Rio Apa” e a geral consternação que se abateu na população devido à tragédia que vitimou todos os ocupantes da embarcação, as comemorações foram adiadas, conforme veiculado no dia 10 daquele mês (ECO DO SUL, 10/08/1887, p. 2).

Na sessão extraordinária da diretoria desta associação, em data de anteontem, foi aprovada a seguinte indicação apresentada pelo Sr. Presidente Dr. Carlos Laudares: A diretoria da Biblioteca Rio-Grandense sumamente contristada pelo naufrágio do paquete Rio Apa, e pela perda de tantas vidas, julgando interpretar fielmente os sentimentos desta associação, resolve:

Adiar os festejos comemorativos da instalação da Biblioteca; nomear uma comissão para assistir às exéquias que se devem realizar no dia 11, trigésimo dia do naufrágio, e, suspender nesse dia todo o expediente, conservando trancadas as portas do salão de leitura.

A diretoria da Biblioteca, deplorando que tenha sido vítima dessa medonha catástrofe a sua inditosa consócia D. Maria Augusta do Valle, resolveu inserir na ata de anteontem, um voto de pesar e mandar colocar sobre o catafalco uma coroa de saudade. (ECO DO SUL, 10/08/1887, p. 2).

Em agosto de 1888, as menções à passagem dos quarenta e dois anos da Biblioteca Rio-Grandense no jornal *Eco do Sul* foram no total de quinze. A primeira inserção se deu no dia 5, confirmando uma notícia que, segundo consta, fora publicada dias antes a respeito de um sarau-concerto com o qual a instituição tencionava comemorar seu aniversário no próximo dia 15 (ECO DO SUL, 05/08/1888, p. 2).

No dia 11 de agosto foi veiculado que a Livraria Americana havia importado um conjunto de obras literárias e científicas a fim de dispor àqueles que quisessem adquirir para doar à Biblioteca Rio-Grandense por ocasião do seu aniversário. Enfatizava-se que nenhuma das obras constava da atual coleção da instituição (ECO DO SUL, 11/08/1888, p. 2).

A edição de 14 de agosto trouxe a notícia do adiamento da festa alusiva aos quarenta e dois anos de fundação da Biblioteca devido ao falecimento do bispo diocesano. O evento, que seria realizado no dia 15 fora

transferido para o dia 26 daquele mesmo mês. Na própria edição, porém em nota apartada, o 1º secretário da Biblioteca Rio-Grandense, P. Alves da Silva, subscreve um comunicado acerca desta transferência e manifesta pesar pelo falecimento do chefe da diocese (ECO DO SUL, 14/08/1888, p. 2-3). O referido comunicado fora reproduzido, também, nas edições do *Eco do Sul* dos dias 15 e 17 de agosto (ECO DO SUL, 15/08/1888, p. 3; 17/08/1888, p. 3).

O convite recebido pelo *Eco do Sul* para o sarau literário-musical da Biblioteca Rio-Grandense, em comemoração ao seu aniversário, foi transcrito em uma publicação de 25 de agosto:

Promovendo esta diretoria um modesto sarau literário-musical, para comemorar o aniversário da fundação da Biblioteca Rio-Grandense, convida por este meio a V. S. para aquele festejo, que se realizará a 26 do corrente, às 7 ½ horas, nos salões da Câmara Municipal. Espera a diretoria que V. S. se digne honrar o seu presente convite. (ECO DO SUL, 25/08/1888, p. 1-2).

Na mesma data, o 1º secretário da instituição, P. Alves da Silva, assina um convite aos sócios e ao público em geral, para que compareçam à festa comemorativa “a bem de tornar mais solene aquela manifestação de regozijo – por um fato que tanto abona o adiantamento desta cidade e o amor de seus habitantes pela instrução”. O mesmo convite foi replicado na edição do dia seguinte (ECO DO SUL, 25/08/1888, p. 2; 26/08/1888, p. 3).

Também no dia 26 de agosto, é noticiada a participação da banda da Escola de Aprendizes Marinheiros nos festejos da Biblioteca, e divulgado o programa de sua apresentação com a relação das peças que seriam executadas. Na mesma publicação, consta também o aviso de que, em virtude da realização da festa comemorativa, a Sociedade Dramática Filhos de Thalia adiou o espetáculo programado para aquela data (ECO DO SUL, 26/08/1888, p. 2).

A realização do festival literário-musical comemorativo da fundação da Biblioteca Rio-Grandense foi noticiada na edição do dia 28 de agosto, em matéria que destacou que “a concorrência foi extraordinária, tanto de Exmas. Senhoras como de cavalheiros”, e muitos ficaram de fora do salão, não podendo prestigiar o evento. Os oradores que ocuparam a tribuna e os números musicais foram objeto de ênfase da publicação, que terminou

externando felicitações à instituição. Ressalta-se que o texto da matéria se refere, equivocadamente, àquele evento como comemorativo ao 43º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense (ECO DO SUL, 28/08/1888, p. 1-2).

Ainda na edição de 28 de agosto, a redação do *Eco do Sul* publica uma nota de esclarecimento acerca de uma carta oriunda do redator do Correio Mercantil de Pelotas, Sr. Arthur Toscano, dirigida ao Sr. Rocha Gallo, “pedindo-lhe que representasse aquela folha na solenidade de aniversário da Biblioteca Rio-Grandense”. A carta, porém, postada em Pelotas no dia 25, só chegou à redação do jornal rio-grandino no dia 27, “circunstância por motivo da qual o Sr. Rocha Gallo não desempenhou a honrosa incumbência do Correio Mercantil”. Como o envelope da carta continha o carimbo do correio de Pelotas com data de 25 e carimbo da repartição postal de Rio Grande datado de 27, o *Eco do Sul* pondera “a qual das duas repartições deve o Sr. Rocha Gallo a decepção de não ter podido corresponder a honra que lhe foi feita”, de representar o colega do Correio Mercantil (ECO DO SUL, 28/08/1888, p. 2).

A diretoria da Biblioteca Rio-Grandense publicou, no dia 29 de agosto, duas notas nas quais pede desculpas à imprensa, autoridades, consulados, associações e demais pessoas a quem dirigiu convites oficiais, por não ter feito reserva de lugares na ocasião da solenidade realizada no dia 26. (ECO DO SUL, 29/08/1888, p. 2).

Essas pessoas devem relevar a falta involuntariamente cometida, atendendo que o salão do festival foi invadido por uma enorme quantidade de familiares e pessoas do povo, as quais ocuparam todos os lugares impedindo que a diretoria pudesse introduzir e dar assento especial aos seus ilustres convidados oficiais.

[...]

A todos, pois, a diretoria apresenta as suas desculpas e os protestos de sua gratidão.

Ao mesmo tempo agradece ao público em geral a sua presença, a qual veio concorrer para o brilhantismo da festa. (ECO DO SUL, 29/08/1888, p. 2).

Apenas uma menção à Biblioteca Rio-Grandense e seu aniversário de quarenta e três anos foi encontrada no mês de agosto de 1889, publicada no dia 15.

Nesta, o *Eco do Sul* presta seu tributo à instituição ao percorrer seu histórico permeado de dificuldades, desde sua fundação em 1846. A figura do agora falecido Barão de Villa Izabel é destacada como sendo a quem “coube a

missão honrosa de, com outros dedicados cidadãos, levantar o simples Gabinete de Leitura e torná-lo a útil instituição” admirada e apreciada pela sociedade rio-grandina. A matéria revisita os dados já publicados em outras ocasiões acerca do crescimento do número de sócios, de volumes do acervo e da receita da instituição, tomando, novamente, o ano de 1877 como um marco de renovação e crescimento da Biblioteca (ECO DO SUL, 15/08/1889, p. 2).

Quando, em 1888, ela publicou o seu último relatório, no qual revela o brilhantismo com que foram coroados todos os seus grandes esforços, assim se explicava:

“Senhores: A pequena crisálida, que em 1846 se denominava Gabinete de Leitura, é hoje a esplêndida borboleta de variegadas cores, que ascende às regiões da vida e da luz, tendo-se transformado em Biblioteca Rio-Grandense.

Se cada força individual é posta em movimento, nessa engrenagem que se chama associação ou coletividade, ver-se-á que o todo aparece forte, apto para grandes cometimentos, tornando-se um fator de progresso”. (ECO DO SUL, 15/08/1889, p. 2).

A redação reflete sobre a simpatia, nobreza e utilidade da Biblioteca Rio-Grandense, exaltando seu acervo de mais de quatorze mil volumes e seu fundo de reserva destinado à compra de um edifício próprio (ECO DO SUL, 15/08/1889, p. 2).

Saudando, com abundância de satisfação, o quadragésimo terceiro aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, o *Eco do Sul* augura-lhe um ridente e invejável futuro, e lisonjeando-se com a briosa população rio-grandense, pelo muito que trabalhou em favor daquela nobre instituição, levanta um brado fervoroso e sincero aos valentes obreiros do progresso.

Salve! Rio-grandenses! (ECO DO SUL, 15/08/1889, p. 2).

O mês de agosto de 1890 nada trouxe relacionado à Biblioteca Rio-Grandense, e em 1891, apenas uma se relaciona aos completos quarenta e cinco anos da instituição.

No dia do aniversário da instituição, 15 de agosto, o *Eco do Sul* relembra “a sua modesta origem, a sua época de decadência, o período fecundo da sua reorganização e o seu estado atual”. Os nomes de Francisco Antonio Affonso (Barão de Villa Izabel), Alfredo Luiz de Mello e Luiz Alexandre Duarte ganham destaque como personalidades que, com dedicação sem limites, consagraram os dias de maior esplendor da instituição. O Dr. Ignacio Marcondes, ora à frente da administração, também é exaltado juntamente com

o restante dos membros da diretoria, pela manutenção da relevância do “estabelecimento que dispõe de extraordinário número de livros preciosos, jornais, revistas, etc., mantendo uma aula frequentada por mais de sessenta alunos, que recebem instrução gratuita”. As atividades de encadernação também são lembradas como serviços de excelência. Por fim, o jornal roga “ao público que não a esqueça, mas nunca!” (ECO DO SUL, 15/08/1891, p. 2).

Apenas uma menção aos quarenta e seis anos da Biblioteca Rio-Grandense é feita, também, entre os números do mês de agosto de 1892. Nesta, datada do dia 16, alude-se ao aniversário da entidade, e ao prestar sua homenagem, o jornal transcreve um ofício recebido da mesma:

Da diretoria da distinta associação recebemos o seguinte ofício:
 “A diretoria da Biblioteca Rio-Grandense manifesta na data auspiciosa do seu 46º aniversário o indelével reconhecimento a V. S. pelo cavalheirismo com que a distingue, enviando gratuitamente o seu conceituado jornal; e faz votos pela continuação desse relevante obséquio que tanto concorre para a importância desta benemérita instituição – Rio Grande, 15 de agosto de 1892.”
 Fazemos os mais ardentes votos pela prosperidade da benemérita Biblioteca Rio-Grandense. (ECO DO SUL, 16/08/1892, p. 1).

Em 1893, o mês de agosto trouxe seis matérias que mencionaram a instituição e o seu aniversário de quarenta e sete anos. No dia 13 é noticiada a apresentação do drama *Morgadinha de Val Flor*, pela Sociedade Culto à Arte, no teatro *Polytheama*. O espetáculo, em benefício da Biblioteca Rio-Grandense, estava marcado para ser apresentado no dia do aniversário da entidade (ECO DO SUL, 13/08/1893, p. 1).

A apresentação é novamente mencionada na edição do dia 15 de agosto. O *Eco do Sul*, contudo, é sucinto ao mencionar a Biblioteca no dia em que a mesma completa seu 47º ano de existência: “Instituição que honra ao meio em que se acha, digna por todos os títulos da proteção pública, a Biblioteca Rio-Grandense terá hoje a sua festa coroada de brilhante êxito. É o quanto desejamos.” (ECO DO SUL, 15/08/1893, p. 2).

O evento foi noticiado no dia 17 de agosto como uma festa esplêndida e com extraordinária adesão do público, fato que leva a redação a refletir que “a Biblioteca Rio-Grandense, beneficiada com o produto do espetáculo, deve estar satisfeita pelo sucesso de anteontem” (ECO DO SUL, 17/08/1893, p. 2).

Na mesma edição, a diretoria da Biblioteca publica seus agradecimentos aos sócios e demais pessoas que aceitaram o convite para o espetáculo, “e ao mesmo tempo lhes pede o obséquio se for possível de remeter suas espórtulas ao edifício da Biblioteca Rio-Grandense, das 9 horas do dia em diante”. A mesma nota é também reproduzida nos números dos dias 18 e 19 de agosto daquele ano (ECO DO SUL, 17/08/1893, p. 3; 18/08/1893, p. 2; 19/08/1893, p. 2).

Conforme descrito no capítulo tocante à contextualização dos jornais utilizados nesta pesquisa, o *Eco do Sul* teve suas publicações interrompidas de 6 de abril de 1894 a 5 de setembro de 1895. Neste sentido, apenas em 1896 apresentou novos dados relevantes para esta pesquisa. No ano em que a Biblioteca Rio-Grandense completava cinquenta anos de existência, o *Eco do Sul* veiculou seis publicações inerentes ao aniversário da instituição durante o mês de agosto.

A primeira delas, no dia 9, dava conhecimento do intento da mesma em celebrar a passagem dos seus cinquenta anos em evento a realizar-se nos salões da nova Intendência Municipal na data do seu aniversário (ECO DO SUL, 09/08/1896, p. 2).

Na edição do dia 15 de agosto, o *Eco do Sul* presta seu tributo à Biblioteca Rio-Grandense a exaltá-la como uma “obra de alguns poucos decididos amantes das letras, que viam na cultura de espírito a mais segura garantia de liberdade e progresso”. As modestas condições da sua fundação como Gabinete de Leitura e as grandes dificuldades com que a instituição passou ao longo de sua existência são evidenciadas, bem como “os inexcusáveis esforços dos valentes lutadores do futuro, como que se foi despertando no espírito público o gosto pelas letras e a compreensão das necessidades sociais que nos incitam ao cultivo do espírito” (ECO DO SUL, 15/08/1896, p. 2).

Com efeito, como resultado dos magnos esforços, o Gabinete de Leitura transformou-se em “Biblioteca Pública”, em vastíssima fonte, onde os sequeiros de saber vão saciar-se nas lições dos grandes mestres do pensamento.

[...]

Associamo-nos às justas alegrias dos atletas da civilização rio-grandense, dos quais se deve a lisonjeira prosperidade da “Biblioteca Pública Rio-Grandense”. (ECO DO SUL, 15/08/1896, p. 2).

A seguir, na mesma publicação, é feita a divulgação do programa dos festejos comemorativos do jubileu da instituição, os quais compreendiam, na mesma data, a cerimônia de inauguração da bandeira da Biblioteca Rio-Grandense, a entrega de diplomas de sócios beneméritos aos dois sócios fundadores ainda em vida, sessão solene e concerto musical; e no dia seguinte, a abertura dos cursos de português e desenho (ECO DO SUL, 15/08/1896, p. 2).

A realização dos atos previstos nesta programação foi noticiada na edição do dia seguinte como uma solenidade imponente, “na altura dos créditos da importante associação”, abrilhantada pela banda Gioacchino Rossini (ECO DO SUL, 16/08/1896, p. 2).

No dia 19 de agosto, o *Eco do Sul* publicou a transcrição de dois telegramas recebidos pela Biblioteca Rio-Grandense, no dia do seu jubileu.

Porto Alegre.
 Estação Palácio.
 Emilio Maurell – Respondendo vosso telegrama felicito diretoria Biblioteca Rio-Grandense pela comemoração jubileu dessa patriótica associação, que tantos serviços há prestado instrução popular.
 Saudações.
 Julio de Castilhos.

Pelotas
 Cidadão Emilio Maurell, Biblioteca Rio-Grandense.
 Aceitai com vossos dignos companheiros diretoria, cordiais agradecimentos pelo atencioso telegrama de hoje, neste momento recebido e os sinceros votos que fazemos pela prosperidade da utilíssima instituição que sabiamente dirige cujo glorioso aniversário com motivo celebrais.
 Saudações.
 Olavo Alves, Presidente Biblioteca Pelotense. (ECO DO SUL, 19/08/1896, p. 2).

Na edição seguinte, é noticiado o recebimento de um número especial da “*Luta*”, dedicado ao jubileu da Biblioteca Rio-Grandense (ECO DO SUL, 20/08/1896, p. 2).

Por fim, em 23 de agosto é publicado um ofício oriundo da instituição para a Intendência Municipal, “agradecendo o auxílio prestado por esta Intendência, por ocasião do jubileu da mesma associação” (ECO DO SUL, 23/08/1896, p. 1).

Assim como nos anos de 1894 e 1895, o *Eco do Sul* também teve sua circulação interrompida de 21 de março a 30 de setembro de 1897, não havendo dados para esta pesquisa referentes a este ano.

Em 1898, apenas uma única menção à Biblioteca Rio-Grandense e à passagem dos seus cinquenta e dois anos de existência ocorreu nas páginas do jornal durante o mês de agosto. No dia 14, o *Eco do Sul* homenageia a instituição novamente revisitando seu passado de dificuldades e de modestas condições, o que a fizeram lutar para que todos os obstáculos fossem transpostos e fosse possível a Biblioteca se consolidar como um orgulho para a cidade do Rio Grande (ECO DO SUL, 14/08/1898, p. 1).

Nesta publicação, o *Eco do Sul* também tece uma crítica à administração municipal, que ainda ocupa o prédio já adquirido pela Biblioteca, enquanto outro é construído. Por este motivo, a instituição àquela data ainda não tinha as condições adequadas para gerir seu acervo (ECO DO SUL, 14/08/1898, p. 1).

Contudo, a redação do jornal finaliza seu tributo: “Regozizando pelo faustoso aniversário desta útil instituição, fazemos votos pelo seu progresso sempre crescente e para que a mantenha sempre o apoio dedicado da nossa população” (ECO DO SUL, 14/08/1898, p. 1).

Diante do escrutínio de todas as edições do jornal *Eco do Sul* que compõem o *corpus* da pesquisa, evidencia-se que a Biblioteca Rio-Grandense é tida como uma entidade de grande relevância para a cidade do Rio Grande na visão deste periódico. Tanto pelo seu pioneirismo quanto pelos seus serviços prestados em prol da instrução, caracteres deveras destacados no âmbito de diversas das publicações que festejam as passagens de aniversário da entidade, a Biblioteca Rio-Grandense guardou *status* de uma instituição de grande prestígio, de acordo com suas inserções encontradas no *Eco do Sul* dentre as balizas previamente estabelecidas nesta pesquisa.

A resistência a inúmeros percalços que abalaram sua existência também foi de grande destaque nas publicações visualizadas. Pode-se perceber como bastante demarcado e recorrentemente citado o ano de 1877 enquanto um marco de renascimento da Biblioteca, ainda enquanto Gabinete de Leitura. É evidenciado um profundo reconhecimento por parte do *Eco do Sul* em relação à diretoria empossada neste ano e todos os seus esforços para que

a Biblioteca não sucumbisse diante dos problemas gerenciais, de espaço físico e, sobretudo, de ordem financeira, os quais abalaram significativamente até mesmo o seu prestígio frente à sociedade rio-grandina.

É também manifesto o reconhecimento que desponta dos textos do *Eco do Sul* quanto ao papel da Biblioteca Rio-Grandense no tocante ao provimento da instrução para as camadas menos opulentas do povo, através dos cursos oferecidos em suas dependências, patenteando um dos mais importantes motes da instituição, o de prover acesso às letras e a literatura, e também à arte e cultura.

* * * * *

A consolidação da imprensa na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul aconteceu na esteira do desenvolvimento econômico e social e do surgimento de um público letrado que acompanhou este progresso, conforme já exposto e corroborado pela obra de Rüdiger (1993). Aliado a este cenário de adiantamento, o panorama político foi fator preponderante no advento dos jornais que viriam a se estabelecer como difusores de informação, já que estes estariam pautados também em defender interesses e princípios políticos em meio à Revolução Farroupilha. Estas folhas foram os pilares da evolução da imprensa na província, sobretudo no âmbito sul-rio-grandense, onde a cidade do Rio Grande exerceu papel decisivo na consolidação desta frente, como exposto por Alves (1995).

Neste cenário, o decano da imprensa local, *Diário do Rio Grande*, nasceu com objetivos noticiosos e comerciais, mas sem se desvincular do viés político, inicialmente conservador, e depois passando a liberal. O *Artista*, por sua vez, surgiu como um semanário vinculado aos artífices, mas também tendo inclinações políticas, voltadas ao ideário liberal, principalmente a partir de sua afirmação como folha diária. O *Eco do Sul*, igualmente de gênero noticioso e comercial, também tinha seu mote político, sendo um órgão filiado ao Partido Conservador e declaradamente de oposição aos liberais.

Na esfera desta pesquisa, estas três folhas forneceram o lastro para o entendimento do papel da Biblioteca Rio-Grandense enquanto espaço de leitura entre os anos de 1878 e 1898 na cidade do Rio Grande. As propostas

discursivas noticiosas e crítico-opinativas destes jornais são características que lhes conferem proximidade, ao mesmo tempo em que seus vieses políticos os tornam distintos. Contudo, ademais destas diferenças, ao proceder a abordagem de seus conteúdos, delimitada às balizas deste estudo, percebe-se que a Biblioteca Rio-Grandense passou incólume em meio às diferentes identidades, inclinações político-ideológicas ou quaisquer outros ideários distintivos entre os três periódicos, tendo todos eles dispensado manifestos de reconhecimento à instituição na mesma proporção e com igual efusividade.

Confirma e ilustra esta assertiva a totalidade de confissões de cordialidade, simpatia e reconhecimento com as quais a Biblioteca Rio-Grandense fora agraciada nas passagens de seus aniversários a cada mês de agosto entre os vinte anos de edições do *Diário do Rio Grande*, *Artista* e *Eco do Sul* que delimitaram o recorte temporal e passaram pelo escrutínio proposto neste estudo.

Para além de avisos, convites e comunicados relacionados às sessões solenes, nas quais a diretoria, sócios e a intelectualidade cidadina se reuniam para comemorar mais um ano de existência da instituição, os três jornais, invariavelmente, veicularam diversas homenagens qualificativas. Foram preitos prestados pelas suas próprias redações, mas também diversos outros tributos publicados em espaços abertos para escritores e outras personalidades notáveis no campo literário e cultural local.

Durante o período em pauta, e de acordo com o material levantado, em nenhum momento a Biblioteca ou seus gestores foram alvos de contendas ou críticas. Ao contrário, a instituição teve sempre a sua existência, pioneirismo e importância elevados e reconhecidos como pilares da civilidade e do progresso na cidade do Rio Grande, sendo notáveis as formas como a mesma era descrita e exaltada a cada homenagem que ocupava as páginas dos jornais analisados.

As expressões de simpatia para com a Biblioteca Rio-Grandense presentes nas publicações dos três diários permeavam, fundamentalmente, sua relevância enquanto uma instituição benemérita ou benemerente, sendo este o qualificativo mais recorrente no contexto das matérias analisadas, seguido de outros também com ocorrência notável, como útil, utilíssima ou utilitária; importante ou importantíssima; nobre ou nobilíssima; patriótica; e

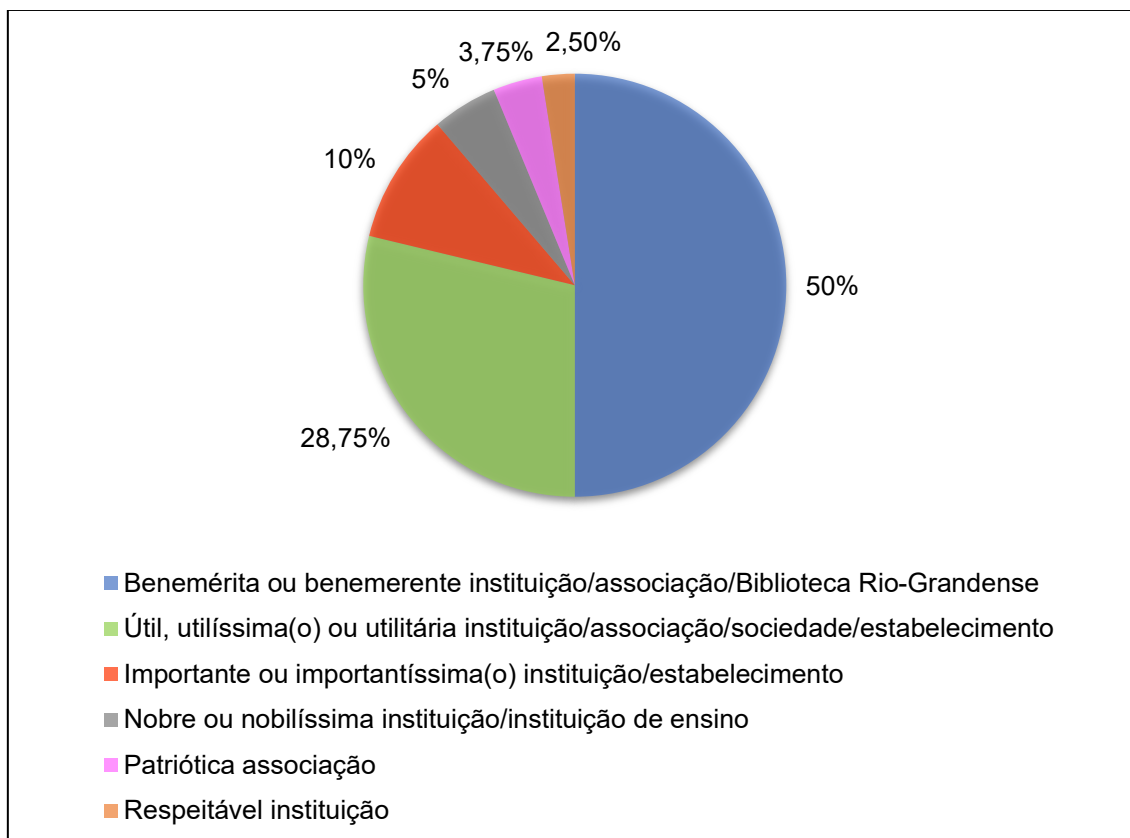
respeitável. O Quadro 2 e os Gráficos 3 e 4 detalham e quantificam a presença destas expressões ao longo dos dados coletados no *Diário do Rio Grande*, *Artista* e *Eco do Sul*.

Quadro 2 – Expressões recorrentes e seus quantitativos

EXPRESSÕES RECORRENTES	RECORRÊNCIA TOTAL	NO DIÁRIO DO RIO GRANDE	NO ARTISTA	NO ECO DO SUL
Benemérita ou benemerente instituição/associação/Biblioteca Rio-Grandense	40	19	8	13
Útil, utilíssima(o) ou utilitária instituição/associação/sociedade/estabelecimento	23	6	10	7
Importante ou importantíssima(o) instituição/estabelecimento	8	1	3	4
Nobre ou nobilíssima instituição/instituição de ensino	4	1	1	2
Patriótica associação	3	1	1	1
Respeitável instituição	2	1	1	-
QUANTITATIVOS TOTAIS	80	29	24	27

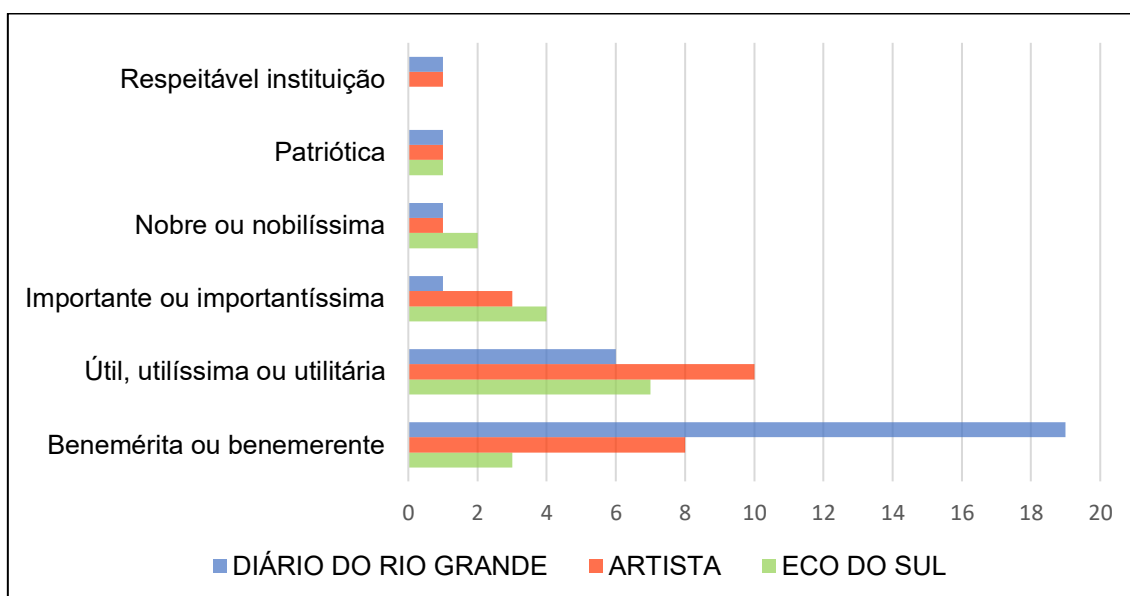
Fonte: O autor (2020)

Gráfico 3 – Proporção entre o número total de expressões recorrentes encontradas nos jornais pesquisados



Fonte: O autor (2020)

Gráfico 4 – Proporção entre o número de expressões recorrentes encontradas por jornal



Fonte: O autor (2020)

Estas representações numéricas e gráficas demonstram o equilíbrio no uso recorrente destas expressões, praticamente de maneira igualitária pelos três jornais. As oitenta ocorrências quantificadas, ficam distribuídas entre vinte e nove no *Diário do Rio Grande*, vinte e quatro no *Artista* e vinte e sete no *Eco do Sul*. A variação quantitativa se dá somente entre cada uma das expressões, que aparecem nos dados coletados de modo mais desequilibrado entre os três periódicos, conforme ficou visualmente expresso no Gráfico 4.

Para além das expressões recorrentes relacionadas supra, outras tantas também ilustram o quão benquista e credora de reconhecimento e apoio popular a Biblioteca Rio-Grandense era do ponto de vista dos jornais analisados. Entre todos os efusivos qualificativos dirigidos à instituição, a simpatia e importância demarcada se davam essencialmente em razão da mesma representar um marco que atestava o valimento do povo rio-grandino, seu adiantamento e honrosa civilidade. Reiteradamente a Biblioteca foi citada e exaltada como um monumento consagrado à instrução popular.

Outrossim, o termo “instrução” aparece constantemente nas publicações destes jornais, sendo utilizado para determinar o contorno definitivo da, dita pelos mesmos, valorosa sociedade rio-grandina, que assim era tida por estar sob a tutela da Biblioteca Rio-Grandense e seu mote consagrado ao engrandecimento intelectual cidadão. Por isso, ao elevar a instituição como uma próspera entidade de vanguarda na província, voltada à difusão das letras e da literatura e ao progresso popular, os dados fornecidos pelos jornais analisados também exaltam a relevância dos serviços prestados pela Biblioteca, principalmente no tocante aos cursos oferecidos gratuitamente às camadas menos abastadas da população e seu papel transformador no âmbito social.

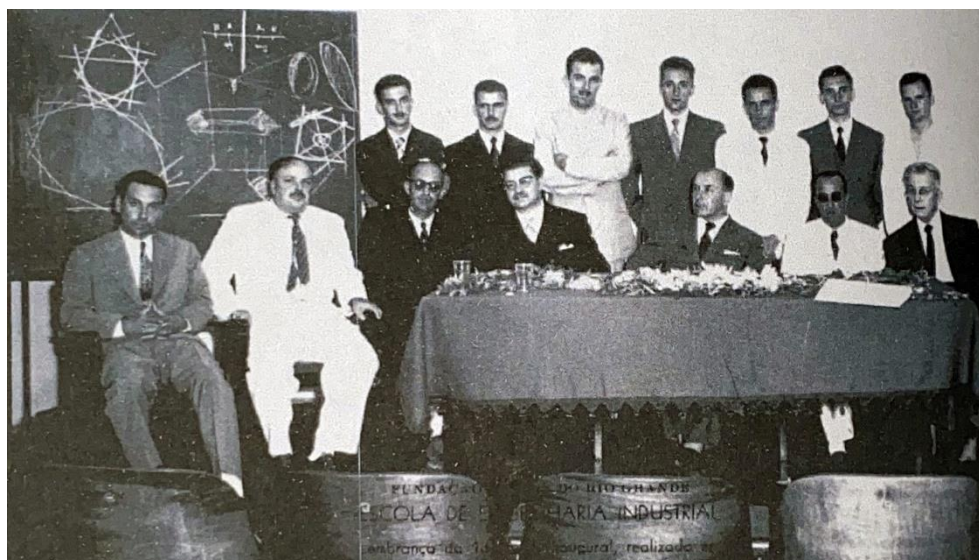
É, inclusive, deveras interessante ressaltar que, dentre tantas manifestações de valoração à Biblioteca Rio-Grandense, uma em especial se destaca dentro do contexto das ações de adiantamento social promovidas pela entidade. No jornal *Artista* de 14 de agosto de 1897, em meio às homenagens pelo quinquagésimo primeiro aniversário da instituição, lê-se:

Tempo virá, e talvez não esteja longe, em que a juventude rio-grandense desprovida de recursos, poderá mais largamente cultivar o

seu espírito, em aulas de ensino superior no seio da grandiosa instituição. (ARTISTA, 14/08/1897, p. 1).

De fato, embora não por iniciativa direta da própria Biblioteca Rio-Grandense, mas com a sua participação, a instituição cumpriu papel decisivo no processo de aditamento do ensino superior na cidade do Rio Grande. Segundo Luiz Henrique Torres (2019), no texto *Tempos precursores*, que está inserido na obra *Cinquentenário da FURG: uma história das políticas institucionais da Universidade Federal do Rio Grande ao longo dos seus cinquenta anos*, as instalações da Biblioteca abrigaram o curso de Engenharia Industrial da Escola de Engenharia, implementado e mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande, a qual mais tarde viria a se tornar a FURG. A Escola de Engenharia funcionou no primeiro andar do prédio da Biblioteca Rio-Grandense em regime de comodato entre 1956 e 1960 (FIGURA 9).

Figura 9 – Aula inaugural da primeira turma de Engenharia Industrial, realizada na Biblioteca Rio-Grandense em 5 de março de 1956



Fonte: Torres (2019)

Estes e todos os demais feitos da entidade voltados à elevação do grau cultural da população rio-grandina colocavam-na, de acordo com os jornais analisados, como digna de toda simpatia, apoio e proteção pública, principalmente daqueles que honravam o civismo e o sentimento elevado que se instalava na cidade do Rio Grande por conta do alto padrão de glória e progresso patrocinados pela prestigiosa Biblioteca Rio-Grandense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito desta pesquisa que ora se dá por concluída, a questão tomada como marco inicial, ainda na fase embrionária do estudo, problematizou e ofereceu um norte para o pesquisador. Neste momento, ao retornar ao ponto de partida para que todo o trânsito até esta consolidação seja revisitado e dado como plenamente vencido, cabe, por fim, sintetizar a elucidação de qual o papel e a relevância da Biblioteca Rio-Grandense, enquanto espaço de leitura e difusão cultural no município do Rio Grande, sob a óptica da imprensa periódica rio-grandina entre 1878 e 1898.

Durante o tempo de desenvolvimento deste estudo, ao perseguir a consecução dos objetivos propostos, o caminho trilhado se constituiu em uma série de tarefas que proporcionaram notáveis e enriquecedoras experiências a este pesquisador: o contato material com acervos jornalísticos enquanto fontes primárias, para além de toda a teoria acerca deste tema já visitada em sua formação e fazer profissional; a imersão na matéria da gênese da imprensa periódica e seu desenvolvimento que acompanhou o desenvolvimento da humanidade; o aprofundamento em temáticas inerentes especificamente às bibliotecas, desde sua história de surgimento e evolução até seu papel crucial frente à sociedade demandante de letramento e cultura; o exercício da interdisciplinaridade mediante a articulação entre a área de formação acadêmica do pesquisar e todos os demais conhecimentos agregados durante o curso do doutorado neste Programa de Pós-Graduação, e ora aplicados nesta pesquisa; e em especial, a vivência, em um significativamente gratificante espaço de tempo, em maior proximidade com a Biblioteca Rio-Grandense, um abissal e profícuo monumento às letras estabelecido na cidade berço do estado do Rio Grande do Sul, e o usufruto de seu riquíssimo acervo para proveito deste estudo.

Para compreender o papel desta instituição sob a óptica da imprensa periódica local, tal como fora definido como marco inicial desta pesquisa, foi necessário, primeiramente, perscrutar a relação existente entre a sociedade e as bibliotecas de modo geral. Este entendimento foi substancialmente assinalado nesta produção, desde o surgimento destas instituições como casas depositárias e de preservação de registros de informação. Acompanhando o

desenvolvimento da sociedade e as mudanças em suas correntes de pensamento, diversas bibliotecas surgiram e se consolidaram durante os períodos da história. Estas instituições não apenas evoluíram, como também propiciaram a evolução intelectual, à medida em que potencializaram o acesso à literatura e às ciências.

Na esteira deste mote existencial, a Biblioteca Rio-Grandense instalou-se na cidade do Rio Grande em 15 de agosto de 1846 como Gabinete de Leitura, por iniciativa de João Barbosa Coelho. Sob esta denominação, a entidade permaneceu até o ano de 1878, quando sua diretoria decidiu por transformá-la em uma sociedade recreativa e instrutiva, passando então à categoria de biblioteca e nomeada da maneira como permanece até os dias atuais.

Este marco serviu como baliza para o recorte temporal definido para o presente estudo e, a partir da análise dos jornais *Diário do Rio Grande*, *Artista e Eco do Sul* foi possível não somente revisitar parte de sua já conhecida história, agora sob o olhar destes órgãos da imprensa periódica local, mas também lavrar o objetivo desta pesquisa.

Tal objetivo, que sustentou a questão problemática estabelecida, buscou a compreensão do papel da instituição na sociedade rio-grandina nos primeiros vinte anos contados a partir de sua consolidação como biblioteca, por meio do escrutínio dos três veículos jornalísticos selecionados. Para tanto, os meses de agosto deste período serviram como base para a pesquisa, já que as menções à instituição nos números veiculados nestes eram mormente reservados a homenagear a Biblioteca pelos seus aniversários e noticiar a realização de festejos e comemorações relativas a estas passagens, bem como fornecer subsídios contextuais que auxiliassem na visualização da entidade como espaço de leitura e difusão do conhecimento.

Nas ocasiões destas publicações, não raro foram as oportunidades em que os jornais publicaram resenhas históricas de sua própria autoria, ou de autoria de terceiros, geralmente figuras cidadinas ou regionais que prestavam seus tributos à uma biblioteca que cumpria importante papel perante a sociedade rio-grandina.

Este papel, em réplica a uma das expressões mais utilizadas pelos três jornais para qualificar a entidade, era a de uma benemérita instituição, que se

valia de servir à causa da instrução popular. Neste sentido, de modo bastante direto, já fica evidenciada a relevância da Biblioteca Rio-Grandense para a difusão da cultura letrada à população da cidade naquela época.

Todavia, apesar da grande efusão desta expressão qualificativa, tantas outras se derramavam pelas páginas do *Diário do Rio Grande* durante a leitura dos números selecionados como fonte. Muitas foram as vezes em que a Biblioteca Rio-Grandense foi reconhecida como uma nobre instituição, sendo tida como uma das mais importantes do Império pelo seu valor literário, histórico e científico. O jornal também a qualificou como uma instituição que honrava o espírito culto da cidade e a engrandecia, já que sua atuação era voltada ao progresso e, por este motivo, também possuía a plena simpatia da população local.

O *Artista*, do mesmo modo, exaltou a Biblioteca como padrão de glória do povo rio-grandino. Ao qualificar a instituição de outras tantas formas como grandiosa, prestigiosa, sábia e utilíssima, também a colocou como o único e verdadeiro termômetro do grau de civilização da cidade, e um refúgio onde se apegavam aqueles que eram avessos à onda revolucionária que se propagava à época, numa clara crítica ao que chamava de “desvios da sociedade”. Esta crítica se dava a partir da descrição de práticas que considerou condenáveis por desviarem-se da conduta de aptidão aceitável para a sociedade, para a da pompa carnavalesca considerada pelo jornal como banal.

Nas páginas do *Eco do Sul* diversas confissões qualificativas à Biblioteca Rio-Grandense também figuraram de maneira reiterada. Aclamada pelo jornal como uma instituição de vanguarda, também foi adjetivada como notável, civilizadora, pujante, nobre e intelectual, digna de todos os títulos da proteção pública. Também foi distinguida pela sua tradição, sendo um atestado da força da iniciativa particular, do amor às letras e do espírito culto da população do Rio Grande.

Neste contexto, independentemente do jornal analisado, outros fatores preponderantes também ocupam as manifestações publicadas. Um deles, bastante reiterado, é o reconhecimento ao trabalho realizado pelas diretorias da instituição em prol do crescimento da Biblioteca e sua manutenção como instituição de apoio à causa da instrução. Invariavelmente, períodos de difíceis situações financeiras que colocaram a entidade sob ameaça de declínio, mas

que graças a competentes administrações foram contornados, eram lembrados como marcos de renascimento e de renovação, assim como ovacionados os responsáveis por reerguê-la competentemente.

Nesta mesma esteira, as mudanças de endereço para locações que não eram próprias, e a necessidade de aquisição de uma sede definitiva, eram fatores constantemente lembrados nas linhas dos jornais, muitas vezes no sentido de incitar o público a contribuir para que este fato se concretizasse o mais breve possível. E foi no jubileu da Biblioteca que o triunfo da aquisição do prédio próprio para, finalmente, acomodar a instituição de forma definitiva, fora bastante noticiado e aplaudido.

O constante aumento no número de sócios, os crescentes quantitativos financeiros, de acervo e demais ativos também são objetos de destaque nas ocorrências estudadas. Estes elementos são apresentados em alguns arrazoados históricos e estatísticos publicados por ocasião das homenagens à instituição, e ilustram o constante crescimento da Biblioteca Rio-Grandense, a despeito dos seus piores momentos de dificuldade financeira e gerencial.

Outro fator recorrente é a grande adesão popular às sessões comemorativas aos aniversários da Biblioteca. A grande afluência de público, que muitas vezes lotou as dependências da sociedade de modo a sequer permitir que a imprensa pudesse realizar a cobertura adequada, demonstra o quão benquista a entidade sempre fora para os cidadãos rio-grandinos. Além da ampla participação nos eventos promovidos nas datas natalícias da instituição, os jornais, inúmeras vezes, também destacaram o quanto a Biblioteca Rio-Grandense era digna da proteção e simpatia popular, já que esta afinidade com o público se devia ao reconhecimento pela importância dos seus serviços prestados à causa da instrução. Estes serviços, que iam desde o provimento do acesso à literatura e à ciência através do seu riquíssimo acervo, até cursos de desenho e aulas públicas oferecidas nas suas dependências, as quais contribuía para a formação dos indivíduos com menos condições de acesso à alfabetização, eram valiosas contribuições para a transformação e evolução da sociedade local, e que faziam com que os cidadãos rio-grandinos contraíssem uma eterna dívida de gratidão para com a Biblioteca Rio-Grandense.

Por fim, chama atenção também a constante boa relação da instituição com a imprensa, evidenciada por diversas manifestações de agradecimento e respeito mútuos, tanto de parte da própria Biblioteca, publicadas a seu pedido nas páginas dos jornais, quanto manifestações destes direcionadas à entidade.

É imperativo também pontuar que a análise dos dados coletados nos três jornais ocorreu de modo a considerar o entendimento teórico-metodológico exposto e discutido previamente acerca de todos os quesitos que avalizam o jornal como fonte de pesquisa histórica. Este estágio da pesquisa promoveu a articulação dos aspectos multidisciplinares apresentados a partir da visão de diversos autores. Este ponto, de suma importância, perpassou desde a consideração da necessidade humana de registrar seus atos, até a formalização e evolução destes artefatos como, em determinados casos, documentos de arquivo, e em outros, precursores de uma prática registral que viria a dar origem à imprensa periódica. Esta, também abordada historicamente, ofereceu o lastro para os vislumbres necessários sobre a formação da camada jornalística em nível nacional, estadual e local, chegando-se até o contexto dos jornais estudados e suas características particulares e inclinações distintivas.

Com base nestas particularidades, pôde-se também perceber que, independentemente dos ideários políticos ou quaisquer que fossem as diferenças entre estes jornais, a causa das letras e da instrução popular sempre fora louvada e efusivamente enlevada, tomando-se a Biblioteca Rio-Grandense como um referencial para onde os olhares destes três periódicos convergiam a partir de uma perspectiva de unanimidade.

Por fim, neste sentido, e à guisa de fechamento desta pesquisa, infere-se que sob a óptica dos representantes da imprensa periódica rio-grandina selecionados da época que balizou o estudo, e sob todo o aporte fornecido por eles, sua análise e compreensão, a Biblioteca Rio-Grandense sempre fora tomada como uma peça fundamental para a causa a que todos os ditos amantes das letras tinham paixão. A mesma causa que moveu os idealizadores e todos os mantenedores desta instituição ao longo da sua vida. A causa que perdura até os dias atuais e é a essência que nutre o existir desta benemérita instituição: a causa da instrução popular, da educação e da cultura.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995.

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. **Por uma imprensa livre: a luta dos jornais rio-grandinos contra o cerceamento à liberdade de expressão**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. **Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

BARICHELO, Eugenia Maria Mariano da Rocha; CONSTANTE, Sonia Elisabete. O jornal como documento/monumento para a recuperação e preservação da memória numa visão interdisciplinar. In: BARBIERO, Danilo Ribas; PEDRAZZI, Fernanda Kieling (Org.). **Caderno de Arquivologia 3**. Santa Maria: FACOS UFSM, 2018. p. 81-106.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BIBLIOTHECA-RIO GRANDENSE. **Ata nº 319, de 26 de agosto de 1878**. Livro 3, folha 121.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela – Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano IV, nº VIII, Jun/2010. Disponível em: http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 01 fev. 2018.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FARHERR, Ramsés Mikalauscas. O naufrágio do vapor Rio Apa (1887) sob a óptica da arqueologia marítima: contextos, relações e ressignificações. **Cadernos do Lepaarq**. Ano XIV, nº 27, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/download/10569/7325>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no Século XIX**. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisa Educacionais do Sul, 1973.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da informação**. nº 3, 1992. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/430/430>. Acesso em: 21 out. 2020.

GARCIA, Olga Maria Correa; PENNA, Elenita Freitas; RICHTER, Eneida Izabel Schirmer. **Introdução à Arquivologia**. 2. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira, 1983.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio imaterial**. Brasília: [s.d.]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>. Acesso em: 04 fev. 2018.

KARAWEJCZYK, Mônica. O jornal como documento histórico: breves considerações. In: **Historiæ**. v. 1, n. 3, 2010. p. 131-147.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Revista. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTINS, Cristiane Alves Branco. **O desenvolvimento da cidade de Rio Grande ao longo de sua história**. 2014. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Economia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia. Ateliê Editorial, 2013.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **Tutela do patrimônio cultural brasileiro**: doutrina jurisprudência, legislação. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos. Sociedade Partenon Literário: marco institucional da literatura sul-riograndense. In: PÓVOAS, Mauro Nicola; VAZ, Artur Emilio Alarcon. **Literatura, história e fontes primárias**. Curitiba: CRV, 2013. p. 13-31.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MORENO, Nádina Aparecida. Gestão documental ou gestão de documentos: trajetória histórica. In: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida Moreno (Orgs.). **Gestão em arquivologia**: abordagens múltiplas. Londrina: EDUEL, 2008. p. 73-88.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 67-100.

NUNES, Claudio Omar Iahnke. João Barbosa Coelho: precursor da Biblioteconomia rio-grandense-do-sul. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). **Imprensa, História, Literatura e Informação**: anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007. p. 107-115.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMICELLI, Maria Eulália. Ficção britânica em edição oitocentista no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: a obra de Walter Scott e Charles Dickens. In: PÓVOAS, Mauro Nicola; VAZ, Artur Emilio Alarcon (Org.). **Literatura, história e fontes primárias**. Curitiba: CRV, 2013. p. 169-184.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAVEAU, Agnes; TETARD, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 119-126.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 227-242.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-83, 2014. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/424/724>. Acesso em: 21 fev. 2020.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/237/235>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 13, n. 1, p. 49-62, 2014. Disponível em: <https://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/5387/3250>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Josiane. Biblioteca Rio-grandense: trajetória e percalços de uma biblioteca mais que centenária. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 25, n. 1, p. 59-67, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/download/1984/1225>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SILVA, Maria Celina de Mello e. Arquivos históricos de museus: o arquivo de história da ciência do MAST. **MAST Colloquia Vol. 10: Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_10.pdf. Acesso em 03 fev. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. Brasília: ABDF, 1984.

TORRES, Luiz Henrique. Tempos precursores. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **Cinquentenário da FURG: uma história das políticas institucionais da Universidade Federal do Rio Grande ao longo dos seus cinquenta anos**. Rio Grande: Editora da FURG, 2019.

ZILBERMAN, Regina. Periódicos literários e fontes primárias. **Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, 1º, 2002, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: PUCRS, 2003. CD-ROM. p. 1-8.

* * * * *

JORNAIS:

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXV, n. 10033, p. 2, 12 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXV, n. 10035, p. 1, 15 agosto 1882.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXV, n. 10035, p. 2, 15 agosto 1882.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXV, n. 10036, p. 2, 17 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXV, n. 10037, p. 2, 18 agosto 1882.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVI, n. 10337, p. 2, 14 agosto 1883.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVI, n. 10338, p. 1, 15 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVI, n. 10338, p. 2, 15 agosto 1883.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVIII, n. 10636, p. 2, 15 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVIII, n. 10636, p. 2, 15 agosto 1884.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVIII, n. 10932, p. 1-3, 15 agosto 1885.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXVIII, n. 10633, p. 2, 18 agosto 1885.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 11134, p. 2, 14 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 11135, p. 2, 15 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 11135, p. 3, 15 agosto 1886.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 11136, p. 1, 17 agosto 1886.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 11137, p. 2, 18 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11435, p. 2, 10 agosto 1887.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11736, p. 1, 12 agosto 1888.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11737, p. 2, 14 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11746, p. 2, 25 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11747, p. 1, 26 agosto 1888.

A BANDA DOS MENORES. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11747, p. 2, 26 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11749, p. 2, 29 agosto 1888.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLI, n. 11748, p. 1, 28 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIII, n. 12644, p. 2, 15 agosto 1891.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIV, n. 28785, p. 1, 17 agosto 1892.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12611, p. 1, 10 agosto 1893.

POLYTHEAMA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12615, p. 3, 15 agosto 1893.

ESPETÁCULO. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12616, p. 2, 17 agosto 1893.

----- **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12616, p. 3, 17 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12617, p. 3, 18 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLV, n. 12618, p. 3, 19 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVI, n. 12919, p. 1, 15 agosto 1894.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVII, n. 13223, p. 1, 15 agosto 1895.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13511, p. 1, 09 agosto 1896.

LIVROS! LIVROS! PARA O JUBILEU DA BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13511, p. 2, 09 agosto 1896.

LIVROS! LIVROS! PARA O JUBILEU DA BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13512, p. 2, 11 agosto 1896.

LIVROS! LIVROS! PARA O JUBILEU DA BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13513, p. 2, 12 agosto 1896.

LIVROS! LIVROS! PARA O JUBILEU DA BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13514, p. 2, 13 agosto 1896.

LIVROS! LIVROS! PARA O JUBILEU DA BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13515, p. 2, 14 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13515, p. 2, 14 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13516, p. 1-2, 15 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13518, p. 1, 18 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13519, p. 2, 19 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLVIII, n. 13521, p. 1, 21 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13805, p. 2, 12 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13805, p. 3, 12 agosto 1897.

BIBLIOTECA. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13806, p. 2, 13 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13806, p. 3, 13 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13807, p. 3, 14 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13808, p. 2, 15 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13808, p. 3, 15 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano XLIX, n. 13809, p. 2, 17 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Diário do Rio Grande**, Rio Grande, ano L, n. 13543, p. 2, 15 agosto 1898.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XX, n. 272, p. 2, 10 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XX, n. 273, p. 2, 11 agosto 1882.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XX, n. 275, p. 2, 14 agosto 1882.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XX, n. 276, p. 2, 16 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XX, n. 277, p. 2-3, 17 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXI, n. 273, p. 3, 13 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXI, n. 274, p. 3, 14 agosto 1883.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XXI, n. 275, p. 3, 16 agosto 1883.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XXII, n. 276, p. 2, 16 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXIII, n. 271, p. 1, 14 agosto 1885.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XXIII, n. 272, p. 5, 17 agosto 1885.

DISCURSO. **Artista**, Rio Grande, ano XXIII, n. 275, p. 1, 20 agosto 1885.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXIV, n. 277, p. 2, 16 agosto 1886.

FESTA DA BIBLIOTECA. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 173, p. 2, 04 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 185, p. 2, 13 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 186, p. 3, 14 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 187, p. 3, 16 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 194, p. 3, 24 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 195, p. 2, 25 agosto 1888.

FESTA DA BIBLIOTECA. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 196, p. 2, 27 agosto 1888.

AO 42º ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 197, p. 1, 28 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXVI, n. 197, p. 2, 28 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXIX, n. 187, p. 2, 14 agosto 1891.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXX, n. 184, p. 2, 15 agosto 1892.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXI, n. 180, p. 3, 16 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXI, n. 181, p. 3, 17 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXI, n. 182, p. 2, 18 agosto 1893.

ANIVERSÁRIO. **Artista**, Rio Grande, ano XXXII, n. 182, p. 2, 14 agosto 1894.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 187, p. 2, 14 agosto 1895.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 184, p. 1, 14 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 184, p. 2, 14 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 185, p. 2, 15 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 188, p. 2, 18 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 190, p. 1, 21 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 191, p. 2, 22 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 194, p. 2, 26 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 195, p. 2, 27 agosto 1896.

SESSÃO LITERÁRIA. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 178, p. 2, 07 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 181, p. 3, 11 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 182, p. 2, 12 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 183, p. 2, 13 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 184, p. 1, 14 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 184, p. 2, 14 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 185, p. 2, 16 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 189, p. 2, 20 agosto 1897.

----- **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 190, p. 2, 21 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 191, p. 2, 23 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 192, p. 2, 24 agosto 1897.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Artista**, Rio Grande, ano XXXV, n. 193, p. 2, 25 agosto 1897.

UMA BENEMÉRITA. **Artista**, Rio Grande, ano XXXVI, n. 184, p. 1, 15 agosto 1898.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXV, n. 183, p. 2, 15 agosto 1879.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 184, p. 1-2, 15 agosto 1882.

BIBLIOTECA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 184, p. 2, 15 agosto 1882.

PRETERIÇÃO. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 184, p. 2, 15 agosto 1882.

BIBLIOTECA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 185, p. 2, 17 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 185, p. 2-3, 17 agosto 1882.

SIMPLES RESPOSTA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXIX, n. 186, p. 2, 18 agosto 1882.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 185, p. 3, 14 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 186, p. 2, 15 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 186, p. 3, 15 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 187, p. 2, 17 agosto 1883.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 187, p. 1, 15 agosto 1884.

DONATIVOS. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXI, n. 187, p. 2, 15 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 187, p. 3, 15 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 188, p. 2, 17 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXX, n. 195, p. 1-2, 26 agosto 1884.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXII, n. 183, p. 1, 15 agosto 1885.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXII, n. 183, p. 2, 15 agosto 1885.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXII, n. 184, p. 2, 18 agosto 1885.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 189, p. 2, 14 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 190, p. 2, 15 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 190, p. 3, 15 agosto 1886.

COMEMORAÇÃO FESTIVA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 191, p. 2, 17 agosto 1886.

15 DE AGOSTO. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 192, p. 2, 18 agosto 1886.

DISCURSO. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 193, p. 2, 19 agosto 1886.

AGRADECEMOS. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 196, p. 2, 22 agosto 1886.

PARTIDA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 197, p. 2, 24 agosto 1886.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIII, n. 199, p. 1, 26 agosto 1886.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIV, n. 180, p. 2, 10 agosto 1887.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 179, p. 2, 05 agosto 1888.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 184, p. 2, 11 agosto 1888.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 186, p. 2, 14 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 186, p. 3, 14 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 187, p. 3, 15 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 188, p. 3, 17 agosto 1888.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 195, p. 1-2, 25 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 195, p. 2, 25 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 196, p. 2, 26 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 196, p. 3, 26 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 197, p. 1-2, 28 agosto 1888.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 198, p. 2, 29 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXV, n. 198, p. 2, 29 agosto 1888.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXVI, n. 187, p. 2, 15 agosto 1889.

A BIBLIOTECA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXVIII, n. 184, p. 2, 15 agosto 1891.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XXXIX, n. 185, p. 1, 16 agosto 1892.

ESPETÁCULO. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 169, p. 1, 13 agosto 1893.

ESPETÁCULO. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 169, p. 2, 15 agosto 1893.

POLYTHEAMA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 171, p. 2, 17 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 171, p. 3, 17 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 172, p. 2, 18 agosto 1893.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XL, n. 173, p. 2, 19 agosto 1893.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 179, p. 2, 09 agosto 1896.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 184, p. 2, 15 agosto 1896.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 185, p. 2, 16 agosto 1896.

BIBLIOTECA PÚBLICA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 187, p. 2, 19 agosto 1896.

A LUTA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 188, p. 2, 20 agosto 1896.

----- **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLII, n. 193, p. 1, 23 agosto 1896.

A BIBLIOTECA. **Eco do Sul**, Rio Grande, ano XLIV, n. 184, p. 1, 14 agosto 1898.